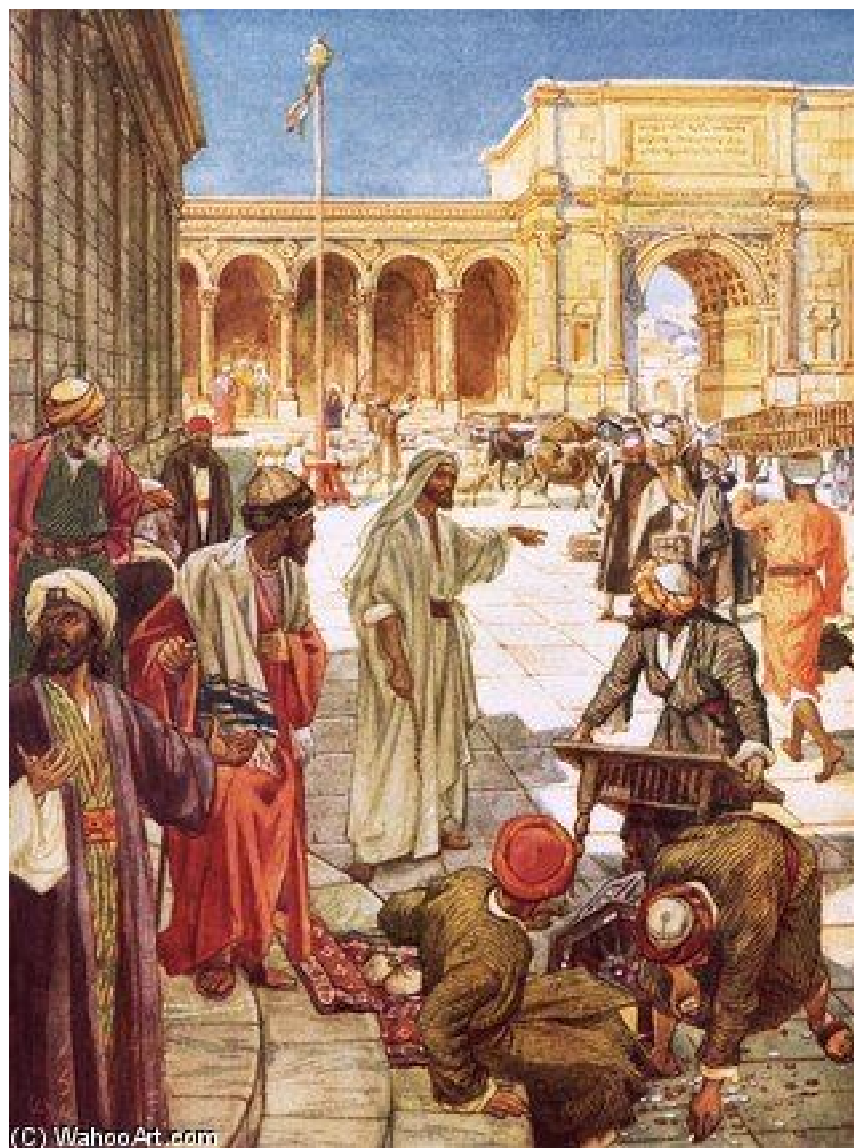

(C) WahooArt.com

APARELHANDO O CENÁRIO ESPÍRITA ANTE OS TEMPOS QUE CHEGARAM

APONTAMENTOS PALPITANTES
SOB A PERSPECTIVA ESPÍRITA

Jorge Hessen

2014

Data da publicação: 06 de setembro de 2011

CAPA: Irmãos W.
REVISÃO: Irmãos W.
PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com
São Paulo/Capital
Brasil

Dedicatórias

Conhecem-se os legítimos idealistas pelas coesas opiniões que enunciam e Jorge Hessen representa um aguerrido escritor espírita da atualidade. Através dos seus estudos e pesquisas tem o contribuído para a divulgação dos mandamentos do Cristo sob a perspectiva espírita, confortando os homens que ignoram a verdadeira finalidade da presente reencarnação.

(Irmãos W.)

Explicação preliminar

Jorge Hessen, escritor espírita, analisa temas da atualidade tendo como objetivo a difusão da Doutrina Espírita, destacando na medida do possível os ditames da reencarnação e da imortalidade da alma.

Seus artigos sugerem melhor entendimento da vida imortal e devem ser apreciados por pessoas que não se contentam com superficialidade da vida regida pela tirania do materialismo.

*

"Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma?"

(Marcos, 8:36)

*

Fontes da consulta
A Luz na Mente » Revista on line de Artigos Espíritas
http://jorgehessen.net/

E.mail de contacto do autor
jorgehessen@gmail.com

Índice

Apresentação do autor

Jorge Luiz Hessen nasceu no antigo Estado da Guanabara, atual Rio Janeiro, no dia 18 de agosto de 1951. Vive a vida inerente àqueles que vieram ao mundo a fim de despertar para um projeto mais alto, acima dos prazeres da Terra. Teve uma infância pobre, de pais separados, com mais dois irmãos. Na juventude teve seu primeiro contato com fatos da mediunidade através de uma incorporação de seu irmão mais novo. Ficou impressionado, pois sabia que o irmão seria incapaz de dissimular um fenômeno de tal magnitude. Aquele episódio o levaria, mais tarde, a chegar às portas dos princípios codificados por Allan Kardec.

Aos 20 anos de idade ingressou, por concurso, no serviço público, onde até hoje permanece. Foi durante 5 anos diretor do INMETRO no Estado de Mato Grosso. Executou serviços profissionais junto à Universidade de Brasília, durante 4 anos, na condição de coordenador de provas práticas de concursos públicos realizados pelo CESP.

Consorciou-se com Maria Eleusa aos 26 anos de idade. É pai de quatro filhos, sendo uma das filhas (a mais velha) portadora de lesão cerebral. Na maturidade da vida teve oportunidade de fazer cursos superiores. Possui a Licenciatura de História e Geografia pelo UniCEUB (Centro Universitário de Brasília).

Sua vida espírita nesses mais de 30 anos de Doutrina perfez conteúdos de muitas faculdades. Participou da fundação de alguns centros espíritas em Brasília e Cuiabá-MT, onde teve publicado, em 1991, o livro "Praeiro - Peregrino da Terra do Pantanal". Começou seu trabalho de divulgação ainda jovem em todo DF. Engajou como articulista espírita, tornando-se sólido esse fato em Cuiabá, quando publicava "Luz na Mente", um periódico que veio satisfazer o seu ideal na Divulgação Espírita.

Foi redator e diretor do Jornal "União da Federação Espírita"

do DF. Vinculado a vários órgãos divulgadores da Doutrina Espírita, a exemplo de "Reformador" da FEB, "O Espírita" do DF, "O Médium" de Juiz de Fora/MG e palestrante nos mais diferentes lugares de DF, tem a oportunidade de levar a mensagem espírita às cidades próximas de Brasília, como Anápolis, Cidade Ocidental e outras.

Sua diretriz inabalável continua sendo o compromisso de fidelidade a Jesus e a Kardec.

Maria Eleusa de Castro (esposa de Jorge Hessen)

Prefácio

Há dois mil anos Jesus advertiu "que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma?". (1) Sobre essa preleção Emmanuel esclarece que ainda não aprendemos a ganhar, embora consecutivamente buscamos alguma coisa em maior atenção alcançar valores de aprimoramento para a eternidade.

Constitui essa lição uma advertência que nos demoramos na Terra para ganhar na luta enobrecedora. As perturbações provêm das mentes corrompidas. Mormente daqueles que decidem conquistar o mundo sem disposição a conquistar-se para um domínio mais erguido que a matéria.

Nesse desengano, despreza as oportunidades concedidas por Deus. Ante sua saúde concedida pela vida, costuma gerar a enfermidade aventureira; se consegue amontoar dinheiro, arrisca usurpar os direitos de outrem.

O Mestre Divino não recomendou que a alma humana devesse movimentar-se despida de objetivos e aspirações de ganho; salientou apenas que o homem necessita conhecer o que procura, que espécie de lucros almeja, a que fins se propõe em suas atividades terrestres.

Se nossos anseios assentam-se nas obtenções superficiais, revigoremos, o quanto antes, a percepção espiritual, porque de nada vale ganhar o mundo que te não pertence e perderes a ti mesmo, indefinidamente, para a vida imortal. (2)

São Paulo, 06 de setembro de 2011
Irmãos W. e Jorge Hessen

(1) Mc 8:36.

(2)XAVIER, Francisco Cândido. Caminho, Verdade e Vida. Pelo Espírito Emmanuel. 28.ed. Brasília: FEB, 2009. Capítulo 58



O Espiritismo veio para dialogar com o povo ou não?

Alguns poucos confrades que conhecemos não acham os livros espíritas caros. Dizem que por trás dos livros há um trabalho de elaboração que é feito pela espiritualidade e pelo médium quando da criação da obra, que, em seguida, tem de chegar ao leitor (que pode pagar, obviamente!). Esses partidários dos preços altos para livros espíritas tentam explicar que o livro surge através de gráficas, que têm necessidades urgentes como faturamentos para pagamentos de funcionários, material, manutenção e ampliação do parque gráfico; das livrarias que, como as gráficas, têm as suas necessidades semelhantes; dos centros espíritas que nem sempre se mantêm com as doações de seus associados e outras justificativas (impostas pelo sistema materialista).

Logicamente, dos arrazoados sobre o lucro não podemos discordar, mas qual lucro se visa atualmente? Há pessoas astutas e oportunistas ganhando muito dinheiro vendendo "espiritismo" de todas as formas possíveis e imagináveis (sobretudo pela internet). Claro, alguns com interesse meramente pessoal.

Vender livros espíritas a preços inacessíveis aos leitores pobres é uma violência moral contra o povo. Em época de Internet, e-book, iPad etc. etc. etc. Todavia, continua-se explorando os espíritas carentes, desempregados e a população pobre. Há aqueles que estão sedentos para PROIBIR a possibilidade de se baixar livros pela Internet. Algumas lideranças só pensam em lucro, em cifrões, em engendrar formas para tirar algum dinheiro dos espíritas. Até quando tais lideranças espíritas não terão a coragem de oferecer, sem

maiores entraves materiais e financeiros, as verdades do Cristo aos corações aflitos e sedentos de conhecimento?

Nossa pugna pela Internet propõe possibilitar que as pessoas tenham acesso aos livros espíritas através da intensa divulgação que promovemos atualmente pelas vias virtuais, sem peso na consciência... Divulguemos a ideia da leitura pela rede mundial de computadores. Simples, fácil e custo zero. Basta apenas um computador em casa, uma lan house ou outros locais democratizados onde a mensagem e os livros possam chegar a qualquer pessoa, a qualquer hora. É lamentável que os diretores de algumas instituições "que lideram o movimento espírita" (com raras exceções) queiram tirar os recursos financeiros dos bolsos dos espíritas, esquecendo-se dos mais carentes (se tirassem dinheiro dos que podem pagar seria razoável).

Como se não bastasse, ainda há as promoções de eventos excludentes (seminários, congressos, simpósios, encontros "fraternos"), onerosos, caros, soberbos, luxuosos, destinados, claro! Para a elite aquinhoada. Entronizam-se shows de oratória retumbantes, com palestras repetidas e desnecessárias sob todos os pontos de vista, e ainda assim permanecem sob o guante do "canto de sereia" para arrecadar muito recurso financeiro dos outros como estivessem divulgando Espiritismo. Não estão!...

Ouço insistentemente nos diversos centros que frequento sobre práticas consideradas dispensáveis para a boa difusão do Espiritismo. Visitei várias localidades onde alguns divulgadores famosos são tidos como "mascates ambulantes do Espiritismo", porque agenciam oferta e venda livros, CDs e DVDs após suas "falas espetacularizadas" pelos rincões brasileiros em nome do "assistencialismo". Essa escola (modelo) que ganhou fôlego após a desencarnação do Chico Xavier é, para mim, a deteriorização da proposta espírita destinada a todos, ao alcance de todos. Já escrevemos (várias vezes) sobre isso.

Prestemos muita atenção na entrevista que o Chico Xavier concedeu ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense O Triângulo Espírita, de 20 de março de 1977, veiculada no Livro “Encontro no Tempo”, organizado por Hércio M.C. Arantes e publicado pela Editora IDE em 1979. O amoroso Chico Xavier advertiu que "é preciso fugir da tendência à ‘elitização’ no seio do movimento espírita (...) o Espiritismo veio para o povo. É indispensável que o estudemos junto com as massas mais humildes, social e intelectualmente falando, e delas nos aproximemos (...). Se não nos precavermos, daqui a pouco estaremos em nossas Casas Espíritas, apenas, falando e explicando o Evangelho de Cristo às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais (...)”.

Quando escrevemos o artigo “INDUSTRIALIZAÇÃO DE EVENTOS ESPÍRITAS "GRANDIOSOS"", o ex-reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora, e escritor espírita, José Passini, afirmou: “Seu artigo, Jorge Hessen, deveria ser eternizado em placa de bronze e distribuído às instituições espíritas. Você acertou em cheio no monstro que desgraçadamente cresce em nosso meio.” Talvez a espiritualidade, consciente dos despropósitos sobre a desprezível ELITIZAÇÃO DO ESPIRITISMO esteja de alguma forma nos alertando para um tempo de profundas mudanças. Que e seja assim!

É muito triste testemunhar tudo isso sem utilizar a ferramenta da indignação, no caso a voz (escrita) e recomendar mudanças, nunca em nível pessoal, mas no campo das ideias. Sobre isso, faço a minha parte sem machucar minha consciência, graças a Deus!

Vamos dar um basta ao elitismo doutrinário. Ou o Espiritismo chega à massa dos invisíveis de cá, dos deserdados, ou perderá o foco e não terá mais sentido falar do Evangelho de Jesus através da Doutrina codificada por Allan Kardec.



O Espiritismo desejável é aquele das origens, o que nos faz lembrar Jesus

Circula pela Internet mensagem atribuída a Frei Beto. Pois bem! "se non e vero, e bene trovato" na essência é possível que sacerdote tenha dito: "as escrituras registram que Jesus passou a vida fazendo o bem, o mesmo se aplica a Francisco de Paula Cândido Xavier, o mais famoso kardecista brasileiro e um dos autores mais lido do País". Segundo o frei "nos meios católicos contavam-se horrores a respeito do médium de Uberaba. Espíritas e protestantes eram "queimados" na fogueira dos preconceitos até que o papa João XXIII, nos anos 60, abriu as portas da Igreja Católica ao ecumenismo." Arremata magistralmente o Frei: "Chico Xavier é cristão na fé e na prática. Famoso, fugiu da ribalta. Poderoso, nunca enriqueceu. Objeto de peregrinações a Uberaba, jamais posou de guru. Quem dera que nós, católicos, em vez de nos inquietar com os mortos que escrevem pela mão de Chico, seguíssemos, com os vivos, seu exemplo de bondade e amor".

Como se vê os comentários são atribuídas a um respeitável religioso não-espírita. E, quanto a nós, os espíritas!, como reconhecemos os valores morais de Chico Xavier?

Realizando eventos (congressos) em sua homenagem, excluindo dos "banquetes pomposos" os espíritas pobres com fome de conhecimento? Como está o atual projeto ESPÍRITA brasileiro? Cremos que deva ser repensado as diretrizes das práticas doutrinárias no Brasil. Para esse escopo consideramos importante trazer para o tema as advertências de Chico Xavier publicado no livro Estudos no Tempo.(1)

Observaremos a seguir que as palavras do Chico são atuais

e ecoarão em nossa consciência doutrinária, convidando-nos a um urgente balanço geral, em torno do Movimento Espírita, cujo objetivo deve ser a de reviver o Cristianismo primitivo em sua simplicidade, e que tem na máxima, "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei", a sua expressão maior.(2) E não precisamos fazer um esforço “sobrenatural” para identificar, nas hostes espíritas, um indesejável ranço elitista. Por essa razão Chico alertou "é preciso fugir da tendência à "elitização" no seio do movimento espírita. É necessário que os dirigentes espíritas, principalmente os ligados aos órgãos unificadores, compreendam e sintam que o Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar. É indispensável que estudemos a Doutrina Espírita junto às massas, que amemos a todos os companheiros, mas, sobretudo, aos espíritas mais humildes, social e intelectualmente falando, e deles nos aproximarmos com real espírito de compreensão e fraternidade."(3)

Muitas lideranças doutrinárias complicam conteúdos que deveriam ser simples. Coincidentemente, o Cristianismo, durante os três primeiros séculos, era, absurdamente, diferente do Cristianismo oficializado pelo Estado Romano, no Século V. A chama brilhante, nascida na Galiléia, aos poucos, foi esmaecendo, até culminar nas densas brumas medievais. O que se observa, no Movimento Espírita atual, é a reedição da desfiguração do projeto inicial, de 1857. Os comprometidos com o princípio unificacionista brasileiro precisam manter cautela para não perderem o foco do Projeto Espírita Codificado por Allan Kardec, engendrando motivos à separatividade entre os adeptos do Espiritismo. Recordemos que a alma do Cristianismo puro estava estuante nas cidades de Nazaré, Jericó, Cafarnaum, Betsaida, dentre outras, e era diferente daquele Cristianismo das querelas e intrigas de Jerusalém.

Insistimos no tema, lembrando que a ausência de simplicidade observada principalmente nos "centrões ESPÍRITAS", é lamentável, e, se não formos vigilantes, segundo

Chico Xavier, "daqui a pouco estaremos em nossas casas espíritas, apenas, falando e explicando o Evangelho de Cristo às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais e confrades de posição social mais elevada. Mais do que justo é que evitemos isso (repetiu várias vezes) a "elitização" no Espiritismo, isto é, a formação do "espírito de cúpula", com evocação de infalibilidade, em nossas organizações."(4)

Chico repreende-nos fraternalmente" quando comenta: "é indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos mensageiros divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquista a poderes terrestres transitórios."(5)

Na capital do País há grandes centros onde Kardec é um ilustre desconhecido. São centros que apresentam promessas ilusórias para supostas curas de todos os tipos de "males" físicos e espirituais com as mais estranhas terminologias. Além do que permanecem crescendo em quantidade de frequentadores distantes do conselho sábio de Chico Xavier: "o diálogo entre grupos reduzidos de estudiosos sinceros, apresenta alto índice de rendimento para os companheiros que efetivamente se interessam pela divulgação dos princípios Kardequianos."(6)

Para os que estão comprometidos no projeto "unificacionista", evocamos o médium mineiro, que admoestou com energia: "deveríamos refletir em unificação, em termos de família humana, evitando os excessos de consagração das elites culturais na Doutrina Espírita, embora necessitemos sustentá-las e cultivá-las com respeitosa atenção, mas nunca em detrimento dos nossos irmãos em Humanidade, que reclamem amparo, socorro, esclarecimento e rumo. E acrescenta: "Não consigo entender o Espiritismo sem Jesus e sem Allan Kardec para todos, com todos e ao alcance de todos, a fim de que os nossos princípios alcancem os fins a que se propõem."(7)

Em verdade o Espiritismo sonhado por Kardec era o mesmo Espiritismo que Chico Xavier exemplificou por mais de setenta anos, ou seja, o Espiritismo do Centro Espírita simples, muitas vezes iluminado à luz de lampião; da visita aos necessitados, da distribuição do pão, da “sopa fraterna”, da água fluidificada, do Evangelho no Lar. Sim! O grande desafio da Terceira Revelação deve ser o crescimento, sem perder a simplicidade que a caracteriza como REVELAÇÃO. O evangelho é a frondosa árvore fornecedora dos frutos do amor. Urge entronizar a força da mensagem de Jesus, sem receio dos phd’s espíritas, os kardequiologos de vigília, sem temor das críticas dos espíritas de “gabinete”, dos aventureiros ideológicos que pretendem assumir ou assenhorear as rédeas do Movimento Espírita no Brasil.

O Espiritismo desejável é aquele das origens, o que nos faz lembrar Jesus, ou seja, o Espiritismo Consolador prometido, o Espiritismo em sua feição pura e simples, o Espiritismo do povo (que hoje não pode pagar taxas e ingressar nos Congressos doutrinários), o Espiritismo dos velhos, o Espiritismo das crianças, o Espiritismo da natureza, o Espiritismo “debaixo do abacateiro”. Obrigado, Frei Beto!

Referências bibliográficas:

(1) Xavier Francisco Cândido. Encontros No Tempo, SP: Ed. IDE, 2005

(2) Jo 13,34

(3) Entrevista concedida ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense: "Um encontro fraterno e uma Mensagem aos espíritas brasileiros"). Da Obra "Encontros No Tempo" - Entrevistas Com O Médium Francisco Cândido Xavier, Assistido Pelo Espírito De Emmanuel. Organização E Notas: Hércio Marcos Cintra Arantes

(4) idem

(5) idem

(6) Entrevista ao Jornal Unificação, de São Paulo/SP, e publicada em sua edição de julho/agosto de 1977, com o título: "Nosso jornal entrevista Chico Xavier"). Da Obra "Encontros No Tempo" - Entrevistas Com O Médium Francisco Cândido Xavier, Assistido Pelo Espírito De Emmanuel. Organização E Notas: Hércio Marcos Cintra Arantes

(7) idem



O Espiritismo e a família contemporânea, desafios e reflexões

Estamos na era da alienação, do estar sozinho e das uniões frágeis, e isso tem facilitado a desestrutura da família. Vivemos dominados por um grave fenômeno: o alheamento em massa. Nessa circunstância as pessoas são estranhamente alheias aos fenômenos hodiernos que as cercam; são bloqueadas mentalmente de maior reflexão ou sensibilidade social; consideram dispensável qualquer tipo de exercício mental ou espiritual; alegram-se em direcionar todos os empenhos de suas vidas ao lazer, prazer e divertimento. Vivem o fenômeno da substituição do Ser pelo Ter. A necessidade de espiritualização está sendo sobrepujada pelo vício em diversão. Entretenimentos que giram quase sempre em torno de erotismos e violências. Quando os valores cristãos perdem significado, aguçamos o egoísmo e esfacelamos a felicidade.

A família vem-se transformando através dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas, econômicas e sócio-culturais do contexto em que se encontram inseridas. Presentemente há novas formas de relacionamentos afetivos tornando muito complexa a acepção para o termo família. Entre o namoro, o noivado e o casamento há inúmeras probabilidades de relacionamento que nem sequer constam no dicionário.

Existem famílias com uma estrutura de pais únicos ou monoparental, tratando-se de uma variação da estrutura nuclear tradicional devido a fenômenos sociais, como o divórcio, óbito, abandono de lar, relações extraconjugais ou adoção de crianças por uma só pessoa. Existem também as denominadas de famílias alternativas, sendo elas as famílias

comunitárias e as famílias homossexuais. Neste último caso, existe uma ligação homoafetiva que pode incluir crianças adotadas ou filhos biológicos de um ou ambos os parceiros.

Historicamente, o casamento começou a receber atenção na Roma antiga, onde se achava perfeitamente organizado. Inicialmente havia a confarreatio, casamento da classe patrícia, correspondendo ao casamento religioso. O termo "família" é derivado do latim famulus, que significa "escravo doméstico". Este termo foi criado na Roma Antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, ao serem introduzidas à agricultura e também escravidão legalizada. No direito romano clássico a "família natural" é baseada no casamento e no vínculo de sangue, constituído apenas dos cônjuges e de seus filhos, tendo por base o casamento e as relações jurídicas dele resultantes.

Com a queda do império romano e o surgimento da era medieval, a família é desfigurada, instante em que os filhos são entregues à Igreja e ao senhor feudal, combalindo por séculos o caminhar da humanidade. "Aos enciclopedistas foi reservada a grandiosa missão de, em estabelecendo os códigos dos direitos humanos, reestruturarem a família em bases de respeito para a felicidade das criaturas. (1)

Com a Revolução Industrial, tornaram-se frequentes os movimentos migratórios para cidades maiores, construídas em redor dos complexos industriais. Essas mudanças demográficas originaram o estreitamento dos laços familiares e as pequenas famílias, num cenário similar ao que existe hoje em dia. Com a Revolução Francesa surgiram no Ocidente os casamentos laicos (só no civil). Sobre isso, rememoremos que o casamento não é avesso à lei da natureza; ao oposto disso: "é um progresso na marcha da humanidade." (2)

O homem é um ser social, monogâmico por natureza, geralmente somente se realiza quando compartilha necessidades e aspirações na conjuntura elevada do lar. Mas o

que é lar? Não pode ser configurado como a construção material, para abrigar os que aí residem, isto porque o concreto, os tijolos, o teto, os alicerces e os móveis são a residência. O lar, todavia, são a renúncia e a dedicação, o silêncio e o zelo que se admitem àqueles que se atrelam pelo grupo familiar. E a família, mais do que o resultante consanguíneo, são os ideais, os sonhos, as lutas, os sofrimentos e as tradições morais elevadas.

Atualmente paira grande ameaça sobre a estabilidade familiar, e quando a família é ameaçada, por qualquer razão, a sociedade perde a direção da paz. A dialética materialista, os hodiernos conceitos e promoções sensualistas, têm investido contra a organização familiar, dilacerando o matrimônio (monogamia) e sugerindo o amor livre (poligamia promíscua).

"O maior número de casais humanos é constituído de verdadeiros forçados, sob algemas." (3) "Na família, quando um dos cônjuges se transvia para uma relação extraconjugal, a tarefa é de luta e lágrimas penosas; porém, ainda assim, segundo Emmanuel, "no sacrifício, toda alma (vítima) se santifica e se ilumina."(4) Advirta-se que o Espiritismo esclarece aos aventureiros que "não escapará das equações infelizes dos compromissos sentimentais, injustamente menosprezados e que invariavelmente resgatará em tempo hábil, parcela a parcela, pela contabilidade dos princípios de causa e efeito."(5)

Alguns autores classificam os casamentos como: "acidentais (por efeito de atração momentânea, precipitada e sem qualquer ascendente espiritual); provacionais (reencontro de almas para reajustes); sacrificiais (reencontro de almas iluminadas com almas inferiorizadas, com o objetivo de redimi-las); afins (reencontros de almas amigas); transcendentes (reencontro de almas que se buscam para realizações imortais)." (6)

Nesse contexto, urge aprimorar os contatos diretos e indiretos com os pais, irmãos, tios, primos, avós e demais parentes, a fim de que a vida não venha nos cobrar novas e

mais enérgicas experiências em encarnações próximas. Até porque a família é a célula-mãe da sociedade, e qual seria, para a vida social, "o resultado do relaxamento dos laços familiares, senão o agravamento do egoísmo?" (7)

Alguns dados mostram um aumento do número de separações e uma queda acentuada do número de registros de casamentos. A explicação pode ser a inserção maciça de mulheres no mercado de trabalho, proporcionando-lhes maior independência, sob todos os aspectos. Ela, a mulher, deve conciliar o papel de mãe e esposa, por vezes, deixado um pouco de lado.

Todo grupo familiar necessita de apoio religioso (evangelho) para alcançar seu equilíbrio moral. Não se deve permitir que a competição do casal, as buscas do status, do dinheiro e dos destaques sociais roubem o equilíbrio que a felicidade da família requer. Como se não bastassem tantos óbices, há muitas famílias vivendo agressividades múltiplas, influenciadas pela televisão, em face da violência que é diariamente veiculada pelos noticiários, pelos documentários, pelos filmes, pelas torpes telenovelas e pelos programas de auditório (cada vez mais obscuros de valores éticos). Familiares assimilam, subliminarmente, essas informações e, no quotidiano, reagem, violentamente, diante dos desafios da vida ou perante as contrariedades corriqueiras.

Há os que vêem no cônjuge um verdadeiro teste de paciência, pois os seus santos não se cruzam. Mas a família é a base dos reflexos agradáveis ou desagradáveis que o passado nos devolve. E não é demais lembrar que o lar não existe para a contemplação egoística da espécie, porém, "para santuário onde, por vezes, exigem-se a renúncia e o sacrifício de uma existência inteira."(8)

Sobre a educação dos filhos, recordemos que os pais espíritas "devem conduzir energicamente os filhos para a evangelização espírita, pois, qualquer indiferença nesse

particular, pode conduzir a criança aos prejuízos religiosos de outrem, ao apego do convencionalismo, e à ausência de amor à verdade." (9) Desde os primeiros anos, devemos ensinar os filhos a fugir do abismo da liberdade, controlando-lhes as atitudes, pois que essa é a ocasião mais propícia à edificação das bases de uma vida.

Coincidentemente, ou não, os jovens mais agressivos são aqueles que tiveram extrema liberdade na infância e foram pouco estimados pelos pais, sentiram-se rejeitados no grupo familiar ou se consideraram pouco atraentes (baixa autoestima). Mas quando os filhos são rebeldes e incorrigíveis, impermeáveis a todos os processos educativos, como devemos educá-los? Ora, "depois de movimentarmos todos os processos de amor e de energia no trabalho de orientação educativa é justo que sem descontinuidade da dedicação e do sacrifício, esperemos a manifestação da providência divina para o esclarecimento dos filhos incorrigíveis, compreendendo que essa manifestação deve chegar através de dores e de provas acerbas, de modo a semear-lhes (nos filhos), com êxito, o campo da compreensão e do sentimento." (10) A dor tem possibilidades desconhecidas para penetrar os espíritos, onde a linfa do amor não conseguiu brotar.

Em certas circunstâncias da vida, faz-se mister que estejamos revestidos de suprema resignação, "reconhecendo no sofrimento que persegue nossos filhos a manifestação de uma bondade superior, cujo buril oculto, constituído por sofrimentos, remodela e aperfeiçoa com vistas ao futuro espiritual."(11)

No grupo familiar temos os vínculos de ascensão e exultação que já conseguimos tecer, por intercessão do amor vivido, mas também temos "as algemas de constrangimento e aversão, nas quais recolhemos, de volta, os clichês inquietantes que nós mesmos plasmamos na memória do destino e que necessitamos desfazer, à custa de trabalho e sacrifício,

paciência e humildade, recursos novos com que faremos nova produção de reflexos espirituais, suscetíveis de anular os efeitos de nossa conduta anterior, conturbada e infeliz.” (12)

Referências Bibliográficas

(1) Franco, Divaldo Pereira. Estudos Espíritas, ditado pelo espírito de Joanna de Angelis, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1970.

(2) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB perg. 695.

(3) Xavier, Francisco Cândido. Nosso Lar, ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro; Ed. FEB, 2008, cap. 20.

(4) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro; Ed. FEB, 2000, perg. 14.

(5) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro; Ed. FEB, 2000, cap. 15

(6) Peralva, Martins. Estudando a Mediunidade, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1989

(7) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB perg. 775

(8) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro; Ed. FEB, 2000, perg. 113.

(9) Idem perg. 17.

(10) Idem perg. 190.

(11) Idem perg.191.

(12) Xavier, Francisco Cândido. Pensamento e Vida, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed; FEB, 1971, cap. 12.



O Espiritismo precisa voltar à sua origem - a simplicidade

A Doutrina Espírita, como princípio de uma Nova Ordem mundial, no campo dos projetos espirituais, é inexpugnável em qualquer quadrante do Orbe. Porém, lamentavelmente, o movimento Espírita é muito fracionado. Cada qual quer fazer um "espiritismo particular". Muitas lideranças doutrinárias complicam conteúdos que deveriam ser simples. Coincidentemente, o Cristianismo, durante os três primeiros séculos, era, absurdamente, diferente do Cristianismo oficializado pelo Estado Romano, no Século V. O brilho translúcido, nascido na Galiléia, aos poucos, foi esmaecendo, até culminar nas densas brumas medievais. O que observamos, no movimento Espírita atual, é a reedição da desfiguração do projeto inicial, de 1857. Os comprometidos com o princípio unificacionista brasileiro precisam manter cautela para não perderem o foco do Projeto Espírita Codificado por Allan Kardec, engendrando motivos à separatividade entre os adeptos da doutrina. Recordemos que a alma do Cristianismo puro estava estuante nas cidades de Nazaré, Jericó, Cafarnaum, Betsaida, dentre outras, e era diferente daquele Cristianismo das querelas e intrigas de Jerusalém.

O Espiritismo está sendo invadido pelo joio, extremamente prejudicial à realidade que a doutrina encerra, uma vez que vários pretensos seguidores/dirigentes introduzem perigosos modismos à prática Espírita, com inócuas terapias desobsessivas e, como se não bastasse, por mera vaidade, ostentam a insana ideia de superioridade sobre Kardec, alegando que o Codificar está ultrapassado. Será crível que

Kardec imaginou esse tipo de movimento Espírita? Ah! Que falta nos fazem os baluartes da simplicidade kardeciana, Bezerra, Eurípedes, Zilda Gama, Frederico Junior, Sayão, Bitencourt Sampaio, Guillon Ribeiro, Manoel Quintão!

Estamos convencidos de que o Espiritismo sonhado por Kardec era o mesmo Espiritismo que Chico Xavier exemplificou por mais de setenta anos, ou seja, o Espiritismo do Centro Espírita simples, muitas vezes iluminado à luz de lampião; da visita aos necessitados, da distribuição do pão, da "sopa fraterna", da água fluidificada, do Evangelho no Lar. Sim! O grande desafio da Terceira Revelação deve ser o crescimento, sem perder a simplicidade que a caracteriza como revelação.

O evangelho é a frondosa árvore fornecedora dos frutos do amor. Urge entronizar a força da mensagem de Jesus, sem receio dos "kardequiólogos de plantão", os chamados "intelectuais" de nossas fileiras, sem medo das críticas dos espíritas de "gabinete", dos patrulheiros ideológicos que pretendem assumir ou assenhorear as rédeas do movimento Espírita na Pátria do Cruzeiro do Sul.

O movimento Espírita não deveria se organizar à maneira dos movimentos sociais de hoje, sob pena de incentivar hierarquização com recaídas na pretensão vaticanista de infalibilidade. O que os Espíritas precisam é atentar, com mais critério, para os fundamentos doutrinários que nos impele à íntima reforma moral. Nessa tarefa, individual, intransferível e impostergável, está a nossa melhor e obrigatória colaboração para com o avanço moral do Planeta em que vivemos, pois, moralizando-se cada unidade, moraliza-se o conjunto.

Um grande exemplo de espírita anti-burocrático foi Chico Xavier, considerado ultrapassado por muitos pretensos cientificistas ressurgidos das cinzas, do Século XIX, que tiveram, em Torterolli, a enfadonha liderança. Atualmente, jactam-se quais pretensos inovadores, porém, não conseguem acrescentar, sequer, uma palavra nova à Codificação. É

urgente, pois, que preservemos o Espiritismo tal qual nos entregaram os Mensageiros do amor, bebendo-lhe a água pura, sem macular-lhe a cristalina fonte. A maior frustração do "Convertido de Damasco" se deu, exatamente, no Aerópago de Atenas, quando os intelectóides, de então, o dispensaram, alegando que haveriam de ouvi-lo em outra oportunidade.

O Espiritismo desejável é aquele das origens, o que nos faz lembrar Jesus, ou seja, o Espiritismo Consolador prometido, o Espiritismo em sua feição pura e simples, o Espiritismo do povo (que hoje não pode pagar taxas e ingressar nos pomposos Congressos que só aguça vaidades), o Espiritismo dos velhos, o Espiritismo das crianças, o Espiritismo da natureza, o Espiritismo "céu aberto". Que tal?

A rigor, a Doutrina Espírita é o convite à liberdade de pensamento, tem movimento próprio, por isso, urge deixar fluir naturalmente, seguindo-lhe a direção que repousa, invariavelmente, nas mãos do Cristo. Chico Xavier já advertia, em 1977, que "É preciso fugir da tendência à 'elitização' no seio do movimento espírita (...) o Espiritismo veio para o povo. É indispensável que o estudemos junto com as massas mais humildes, social e intelectualmente falando, e deles nos aproximarmos (...). Se não nos precavermos, daqui a pouco, estaremos em nossas Casas Espíritas, apenas, falando e explicando o Evangelho de Cristo às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais (...)." (1)

Louvemos os congressos, simpósios, seminários, encontros necessários à divulgação e à troca de experiências, mas nunca nos esqueçamos de que a Doutrina Espírita não se tranca nos salões luxuosos, não se enclausura nos anfiteatros acadêmicos e nem se escraviza a grupos fechados. À semelhança do Cristianismo dos tempos apostólicos, o Espiritismo é dos Centros Espíritas simples, localizados nos morros, nas favelas, nos subúrbios e não nos venham com a retórica vazia de que estamos propondo o "elitismo às avessas"!

Graças a Deus (!), há muitos Centros Espíritas bem dirigidos em vários municípios do País. Graças a esses Espíritas e médiuns humildes, o Espiritismo haverá de se manter simples e coerente, no Brasil e, quiçá, no Mundo, conforme os Benfeitores do Senhor o entregaram a Allan Kardec.

Referências bibliográficas:

(1) Entrevista concedida ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense O Triângulo Espírita, de 20 de março de 1977, e publicada no Livro intitulado Encontro no Tempo, org. Hércio M.C. Arantes, Editora IDE/SP/1979.



Ante a difusão espírita - algumas palavras

Considerando a imprensa laica, Emmanuel advertiu: "nunca os círculos educativos da Terra possuíram tanta facilidade de amplificação, como agora, em face da evolução das artes gráficas; jamais o livro e o jornal foram tão largamente difundidos; entretanto, a imprensa, quase de modo geral, é órgão de escândalo para a comunidade e centro de interesse econômico para o ambiente particular, enquanto que poucos livros triunfam sem o bafejo da fortuna privada ou oficial, na hipótese de ventilarem os problemas elevados da vida." (1)

A divulgação espírita atual faz jus ao apoio e o incentivo de todos nós? Sim! Não há como desconhecermos a importância da divulgação doutrinária para a manutenção da chama viva da Terceira Revelação. "O conhecimento espírita, na essência, é tão importante no reino da alma, quanto a alfabetização nos domínios da vida comum".(2)

A imprensa espírita é um notável canal de divulgação, capaz de conduzir o leitor às informações fundamentais da nossa realidade doutrinária, balizando-o, vigorosamente, em efetivos projetos de espiritualização. Destarte, é mister que os meios de comunicação estejam compromissados com a ética, com a verdade revelada pelos Espíritos Superiores e com a melhor qualidade dos temas difundidos.

Sendo poderoso meio de disseminação das verdades eternas e por dirigir-se a dois públicos – o espírita e o não espírita – a mídia kardeciana não deve ultrapassar os limites dos interesses doutrinários e imiscuir-se em altercações políticas ou disputas de lideranças pelo movimento espírita institucionalizado.

Para lograr os ideais de convivência pacífica na disseminação das verdades eternas entre pessoas de diferentes convicções, é forçoso fugir do egocentrismo. O Espiritismo é uma doutrina transcendente, destinada a influir na transformação social; por isso, deve tornar-se alteritária, para possibilitar o diálogo fraterno e não excludente. Não se pode imaginar uma divulgação espírita desatenta ao mundo, enclausurada em si mesma.

Não é difícil averiguar que falecem meios de comunicação arejados (jornais, revistas, sites, televisão, rádios), que se pode confiar sem a sensação desagradável de asfixia, de sujeição servil a lideranças extravagantes. A coordenação do movimento espírita coevo estabeleceu um clima de autocensura, reduzindo a divulgação espírita a uma insensibilidade inerme, como se jazesse abafada a uma administração clerical.

Nos centros espíritas surgem palradores "estrelas", funcionais e irrequietos, que transformam tribunas em ribaltas para os holofotes das mídias espíritas, quase sempre expondo a doutrina com superficialidade, aventurando uma cultura de aluguel. Não perdem a menor oportunidade de teatralizarem a palestra com surtos oratórios para extraírem dilúvios de palmas da platéia.

Outra realidade é: quanto mais se expande o ciberespaço, mais se amplia o universo da disseminação espírita na sociedade. Daí urge toda cautela para que a veiculação dos preceitos doutrinários, sobretudo virtuais, não venha a se converter em ingente esforço de propagação ideológica, a fim de converter a todos, sob o tacão da insensatez dos espiritismos à moda brasileira. Qual inumana expiação, notamos muito personalismo na difusão do Espiritismo; há muita presunção, prevalecem muitos interesses pessoais sobrepondo-se ao coletivo.

Poucos são os articulistas e oradores que têm a audácia e a consistência de se assentarem em amparo do restabelecimento

da verdade revelada pelos Espíritos e do comportamento crítico no círculo doutrinário. Infelizmente, a massa popular ainda não entendeu a Doutrina Espírita. O nível baixo da cultura do povo não permitiu o desenvolvimento coerente da doutrina entre os "ilustres" excluídos do sistema elitizante. Quiçá não haja interesse da elite cultural pelo despertar das consciências vulgares, porque senão os aduladores desaparecem. Isso é muito evidente, até porque quanto mais esclarecimentos doutrinários, menos idolatrias, e como se busca shows e aplausos, é preferível "afagar" a todos, a "desgostar" o grande público de idólatras inscientes. E nessa direção a divulgação Espírita vai abafando a orientação do Evangelho Redivivo.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, Ditado pelo Espírito Emmanuel, questão 206, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001
(2) Vieira, Waldo. Sol Nas Almas, ditado pelo espírito André Luiz, São Paulo: Ed. Boa Nova, 2010.



Se abraçamos o Espiritismo por ideal...

Se abraçamos o Espiritismo por ideal, não podemos negar-lhe lealdade.

A fidelidade doutrinária ressoa como algo vazio para os que não têm compromisso alinhado com Jesus e Kardec. A lealdade a Kardec incide na observância da singeleza dos preceitos anotados, atidos e alicerçados na Codificação, cujos preceitos fundamentais foram sustentados pelos Espíritos Superiores. Uma Instituição Espírita tem que laborar como legítimo pronto-socorro espiritual, tal qual refrigério em favor das almas em desalinho, e não qual recinto de miragens e devaneios. O adequado reduto kardeciano tem que estar preparado para abrigar um contingente cada vez maior de pessoas submersas no atoleiro de suas próprias crises morais, e que jazem nos vales nebulosos da ignorância.

Os núcleos espíritas refletem a índole e consciência doutrinária dos seus dirigentes. Instituições que adotam práticas "doutrinárias" que chocam com os postulados Kardecianos não constituem casas genuinamente espíritas. O Espiritismo apresenta-nos uma nova ordem religiosa que necessita ser resguardada. A Codificação é a resposta ajuizada dos Espíritos superiores às questões do homem aflito na Terra, conduzindo-o ao encontro do Criador. Entendemos que protegê-la da arrogância dos novidadeiros e das propostas vaporosas dos que a desconhecem é obrigação de todos nós. Se adotamos o Espiritismo por ideal cristão não podemos negar-lhe fidelidade. O espólio da tolerância não pode tanger pela omissão diante das enxertias anormais e métodos irregulares que seres incautos planejam infligir, sobretudo nas

sinuosidades do Movimento Espírita.

Não estamos discorrendo sobre defesa intransigente dos postulados espíritas, e nem propondo rígida igualdade de metodologias sem a devida consideração aos graus distintos de evolução em que estagiam as pessoas.

Seria contraproducente enredarmos pelos atalhos dos extremismos injustificáveis. É óbvio que não podemos transformar defesa da fidelidade doutrinária em uniformização estanque de exercícios que podem bloquear a criatividade natural diante do livre arbítrio de cada um. Conquanto rebatamos atitudes extremadas, não podemos abrir mão da prudência preceituada pela pureza dos postulados espíritas. Não hesitemos, pois, quando a situação se impõe, e estejamos alerta sobre a fidelidade que devemos a Jesus e a Kardec. É importante não olvidarmos de que nos sutis consentimentos vamos descaracterizando a programação do Consolador Prometido.

É imprescindível conservar o Espiritismo segundo herdamos do Codificador, conservando-lhe o fulgor dos conceitos, a clareza dos seus conteúdos, não consentindo que se lhe aloje ideias nocivas, que somente irão embaraçar os ingênuos e os pouco informados das suas lições.

No Espiritismo, o Cristo desponta como sublime e magnânimo condutor de corações e o Evangelho brilha como o Sol para iluminar todas as consciências. Lembremos que Kardec transmitiu à humanidade a melhor de todas as embalagens (fidelidade doutrinária) ao grandioso presente que é a Doutrina dos Espíritos, e todos aqueles que têm como base o alicerce do amor podem, até, coexistir com qualquer obra ou filosofia, que permanecerão blindados contra os agentes das influenciações obsedantes.



O futuro do Espiritismo na era da informática

Lembra Kardec: "Uma publicidade em larga escala, feita nos jornais de maior circulação, levaria ao mundo inteiro, até às localidades mais distantes, o conhecimento das ideias espíritas, despertaria o desejo de aprofundá-las e, multiplicando-lhes os adeptos, imporia silêncio aos detratores, que logo teriam de ceder, diante do ascendente da opinião geral."(1) (grifamos) Divulgação em grande escala se consegue hoje através da Internet, conhecida como a maior rede de computadores do mundo, que permite trocar informações dos mais variados assuntos, enviar mensagens, conversar com milhões de pessoas ou apenas ler as informações de qualquer parte do planeta.

Em face disso, cremos que ela tem o papel mais importante na divulgação do Espiritismo contemporâneo, até porque "recordemos que o Espiritismo nos solicita uma espécie permanente de caridade - a caridade da sua própria divulgação.(2)" Na era da cibernética, da robótica "vivemos épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda poucos estabilizados. Vivemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado."(3)

Há quem compare um microcomputador ao médium, através do qual recebemos mensagens, sem que vejamos quem enviou a mensagem. Com um grau de interferência infinitamente menor que o médium humano, transmitindo

assim mais fielmente as mensagens. Razão pelo qual é importante analisar as "mensagens" que recebemos, pois se queremos conhecer a pessoa que nos escreve, necessitamos analisar o seu conteúdo. Uma vez que se "a divulgação na internet deve ser livre, porém aqueles que querem divulgar o Espiritismo devem ter a consciência da responsabilidade, procurando sempre saber as finalidades da divulgação e as suas consequências , porque a Internet não é só livre, ela é abrangente. Ela atinge proporções globais, colocando o Espiritismo face a face com outras realidades."(4) É fato que através do computador não se é possível receber um abraço fraterno, podemos, porém, receber uma palavra amiga.

Recordando que com o acelerado progresso tecnológico já é possível se obter comunicações audiovisuais o que sem dúvida vai aproximar ainda mais as pessoas. Cada um de nós, do conforto de nossos lares, pode enviar uma palavra amiga, disponibilizar as atividades do seu centro, integrar-se em grupo de estudo e de discussão, ouvir palestras edificantes e até conversar face a face através do computador com pessoas que precisam ser reconfortadas. O pessimista e crítico contumaz lembra da exclusão digital, o que é uma realidade, mas e no futuro? Cremos que no porvir ter internet em casa será tão comum quanto ter uma geladeira, uma televisão ou mesmo um telefone. Existem inúmeros grupos de estudo e discussões sobre temas espíritas na Internet com um conteúdo magnífico. Não há dúvida que este é um excelente caminho, especialmente pelo fato de atingir lugares, e até outros países, onde o Espiritismo ainda é quase desconhecido. Cremos que os espíritas precisam se acostumar com isto, porque a próxima geração dominará esta linguagem e, se nós soubermos usá-la, temos um grande auxiliar do nosso trabalho, tanto para troca de ideias e textos como para pesquisa.É importante lembrar que o Espiritismo é uma doutrina aberta aos avanços científicos.

Transformações sociais, mudanças no panorama dos conhecimentos gerais do homem não as podem estagnar, não as podem fechá-la em um pétreo corpo ortodoxo. A rigor a Internet é um foro de discussão, de ligação entre todos que se dedicam ao estudo da doutrina, a pesquisa de suas novas fronteiras e a aplicação dos conhecimentos já firmados. "A Internet elimina as barreiras físicas e estabelece a ligação que permite que as notícias corram rapidamente o mundo, que novas ideias sejam apresentadas e debatidas, que exemplos sejam conhecidos e seguidos, que resultados sejam checados e validados. Nela estamos todos próximos, todos em condição de conhecer o que se passa nos vários cantos deste nosso mundo."(5) Óbvio que nessa nova tecnologia de informação se corre o perigo de qualquer pessoa falar em nome do Espiritismo, deturpando os seus conceitos, contudo problemas surgem em qualquer veículo de difusão doutrinária. Por mais que "instituíssemos" mecanismos de proteção, sempre haveria possibilidades de ultrapassá-los. "Com o tempo as pessoas vão saber distinguir o joio do trigo".

Não devemos ter medo da Internet, como a Inquisição teve medo dos livros. Tal como Kardec devemos aprender a enfrentar as investidas, sempre com a intenção de procurar a verdade e de esclarecer."(6) Precisamos confiar na força da mensagem virtual como meio poderoso de divulgação espírita. Cremos que em poucos anos a Internet vai ser a maior via de intercâmbio do movimento espírita. Por isso, Kardec já mencionava que "dois elementos hão de concorrer para o progresso do Espiritismo: o estabelecimento teórico da Doutrina e os meios de a popularizar."(7) (grifamos).

"Desde a popularização do rádio - inventado por Marconi, em 1895 e disseminado em grande parte do mundo até as décadas de 30 e 40 -, da TV - por John Baird, 1925, e disseminada no Brasil a partir dos anos 50 e da Internet, a partir da década de 90 - com a criação dos sistemas de rede

(web) - creditada a Tim Berners Lee, o nível de informação das pessoas aumentou consideravelmente. Mesmo aqueles considerados ignorantes na sociedade atual detêm um volume de informação muito maior que há algumas décadas."(8) Em termos espíritas, isso pode proporcionar um aprofundamento sobre a Doutrina por parte daqueles que já se dizem adeptos e também atrair outros que têm alguma informação sobre o caráter conceitual do Espiritismo. A Internet permitirá um contato mais rico com a monumental obra espírita. Onde se é possível elaborar cursos interativos, por exemplo, uma discussão da obra de André Luiz, apontando links(9) relevantes entre os deferentes textos, e com comentários feitos por autores reconhecidos. Os livros de referência poderão ser disponibilizados em hipertexto (10), em versões de fácil consulta. Relatos específicos deverão ser colecionados e indexados para pesquisa rápida.

Tudo isso poderá ser feito, de forma totalmente voluntária e colaborativa, usando para isso não apenas os recursos técnicos da rede, mas também a sua estrutura social, que foge de todos os parâmetros tradicionais. Vai ser através da Internet que serão possíveis os estímulos de fraternidade entre as diversas instituições espíritas em nível mundial. "E é através da Internet que vai nascer um novo momento para o movimento, a diretriz dada por Ismael: Se Paulo teve que ir de cidade em cidade divulgar a boa nova, hoje a Providência dá-nos a oportunidade de estarmos no conforto da nossa casa e espalhar a boa nova aos quatro cantos do planeta."(11) Nosso irmão Divaldo expõe sua emoção ante a Internet quando diz: "comovo-me diante deste excelente recurso que diminui distância, ainda mais por sentir participando deste nosso convívio alguns benfeitores espirituais que estão a todos nos envolvendo em ondas de paz e vibrações de saúde, entre os quais os Espíritos Eurípedes Barsanulfo, Cairbar Schutel, Joanna de Ângelis e Vinícius, igualmente felizes, abençoando a tecnologia e a informática

utilizadas para o bem".(12)

É importante ressaltar o problema da credibilidade que poderá ser resolvido e atacado de inúmeras formas, seja através da tecnologia, seja através da divulgação. Mas também é imperioso refletir que: a ausência de informações claras da Doutrina Espírita na Internet, abre sem dúvida, espaço para que outros tipos de informação enganosos sejam espalhados pela rede. Este é um risco muito maior do que qualquer outro que possa ser assumido através da livre publicação do material espírita. Nesse tópico ressalte-se que é tecnicamente possível disponibilizar toda literatura espírita em meios eletrônicos. Diante disso, como garantir que o material postado seja legítimo?

Como evitar que surjam cópias falsas, ou apenas mal editadas, por aí? Ambas as questões são importantes e relevantes, para que possamos entender como aplicar a Internet corretamente ao ambiente espírita. Neste caso, a vigília equilibrada é fundamental, para atingir uma abordagem balanceada, que possa explorar plenamente a tecnologia que temos disponível, e concomitantemente se proteja os objetivos maiores do trabalho que está sendo desenvolvido em nome da Terceira Revelação.

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. Obras Póstumas-Projeto 1868, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001

(2) Xavier, Francisco Cândido. Estude e Viva, Ditada pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Cap. 40.

(3) Pierre Lévy - As tecnologias da Inteligência - O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2004.

(4) Artigo de Sérgio e Carlos Alberto Iglesia Bernardo. "Sobre o Espiritismo e a Internet", publicado no Boletim GEAE

Número 280 de 17 de Fevereiro de 1998.

(5) Artigo de Carlos Alberto Iglesia Bernardo. Espiritismo e a internet, publicado no Boletim GEAE Número 282 de 3 de março de 1998.

(6) Entrevista de Sérgio Freitas. Internet: O Centro Espírita Virtual, publicado na Revista de Espiritismo nº. 33 Outubro/Dezembro 1996. (Sérgio Freitas, licenciado em Engenharia Informática pela Universidade Federal de Uberlândia, é Mestre em Ciência da Computadorização pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre). É colaborador do Centro Espírita Perdão e Caridade, de Lisboa).

(7) Kardec, Allan. Obras Póstumas-Projeto 1868, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001.

(8) Ana Paula da Silva O Espiritismo frente ao Homem da "Sociedade da Informação" Palestra apresentada no Instituto de Cultura Espírita de Piracicaba (ICEP) em 23/10/03Jornalista; mestranda em Jornalismo na ECA/USP.

(9) LINK: significa um acesso eletrônico, seja por meio de imagens ou palavras, que permite a conexão a outras telas de um mesmo Site.

(10) Poderíamos adotar como noção de hipertexto assim, o conjunto de informações textuais, podendo estar combinadas com imagens (animadas ou fixas) e sons, organizadas de forma a permitir uma leitura (ou navegação) não linear, baseada em indexações e associações de ideias e conceitos, sob a forma de links. Os links agem como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações.

(11) Cf. Sérgio Freitas publicado na Revista de Espiritismo nº. 33 Outubro/Dezembro 1996

(12) Divaldo Pereira Franco, em palestra virtual realizada dia 17/03/2000



O Espiritismo na era digital, uma realidade irreversível

A Era Digital tem ampliado e facilitado a vida humana em face do rápido acesso à informação. Nesse contexto, a Internet é a maior rede mundial, ligando muitos milhões de computadores de grande, médio e pequeno portes, com enorme quantidade de pessoas de interesses variados, seja nos negócios, nas pesquisas, no lazer, na comunicação, e tantas outras áreas quanto se possa imaginar. Destarte, a divulgação na Internet deve ser democrática, porém, aqueles que querem divulgar o Cristianismo devem ter a consciência da responsabilidade, procurando sempre saber as finalidades da divulgação e as suas consequências, porque a Internet não é só um excelente foro de debates, mas, sobretudo, bastante vasto e influente, atingindo proporções globais, colocando as ideias e imagens face a face com outras realidades sociais, políticas e culturais.

Há um site de vídeos que prega os ensinamentos cristãos, engrossando a disseminação religiosa na Internet. Porém, em meio às divergências veiculadas, chegam a gerar disputas virtuais entre comunidades virtuais. Com cerca de 4,8 mil vídeos, por exemplo, o GodTube (Broadcast Him!), segue o estilo do popular YouTube, e afirma utilizar a tecnologia Web para conectar cristãos com a finalidade de promover e disseminar o Evangelho no mundo. Porém, o site potencializa uma tendência de levar, para a Internet, a discussão de temas religiosos ortodoxos, que, em alguns casos, já chegou a causar problemas em alguns países árabes.

Recentemente, a mídia divulgou que o Governo do Paquistão bloqueou o acesso a sites, principalmente de vídeos,

cujos conteúdos de suas páginas considera ofensivos ao Islã. Outros países, também, já bloquearam o acesso ao YouTube, como a Turquia e a Tailândia, gerando, logicamente, um estado de grande irritação por parte dos usuários, apesar de os provedores nada poderem fazer diante da imposição dos Governos fundamentalistas. Todavia, ao inverso dessa medieval intolerância, a Rainha Rania, da Jordânia, de forma inteligente, tem utilizado sites de vídeos contra o preconceito. A esposa do Rei Abdullah acredita que o mundo está passando por intensas mudanças, principalmente aquelas movidas pela força do instinto, em que a violência substitui o diálogo e a compaixão perde para o ódio. Ela sustenta a tese de que a Internet é um canal de comunicação de extrema importância entre Ocidente e Oriente e, por isso mesmo, decidiu usar o site de compartilhamento de vídeos para acabar com os estereótipos ligados aos árabes e ao Islã no Ocidente.

A Rainha jordaniana não é a única figura pública a se aproveitar da popularidade da Internet, e particularmente dos sites de vídeos, pois outros políticos e monarcas, ao redor do mundo, também se utilizam desse inigualável instrumento de comunicação, mas, obviamente, na condição de uma árabe de renome, usa a Internet para se relacionar com o Ocidente e promover o Islã moderado, sobressaindo-se às demais personalidades mundiais. A comunicação virtual é tão poderosa que a rainha Elizabeth 2ª da Inglaterra lançou seu próprio canal em website (um site de vídeos), onde mensagens, com sons e imagens, são compartilhadas. Ela afirmou que o novo meio de comunicação tem tornado a sua mensagem mais pessoal e direta. No YouTube, por exemplo, já há canais exclusivos do gabinete britânico e do Presidente da França, Nicolas Sarkozy.

A rigor, pela rede mundial de computadores, temos excelente meio de divulgação de ideias e informações, "em face da sua facilidade, versatilidade, abrangência, interatividade e baixo custo. "Pela Internet, consegue-se atingir, também, uma

população anônima que não pode ou nem sempre vai a uma Casa Espírita". Portanto, o uso da tecnologia, em geral, e, especificamente, da tecnologia da informação dentro da Casa Espírita, e na Divulgação Interna e Externa da Doutrina dos Espíritos, é um recurso de real importância e de profunda utilidade nos trabalhos espíritas, sempre apoiados na razão, e respaldados na Ciência, na Filosofia e na Religião. Até porque, estamos vivendo tempos de globalização da informação, que tramita numa velocidade impressionante, com tendência a aumentar mais ainda." (1) Para a divulgação do Espiritismo, essa tecnologia avançada significa tempo ganho sobre o que teríamos a despender, repetindo, continuamente, as mesmas coisas, muito embora, a publicação de livros espíritas, sem dispensá-los, obviamente, vem contribuindo, significativamente, com a aceleração progressiva do movimento espírita.

Em entrevista para Revista O Consolador, de Londrina, Divaldo afirma: "a Internet, como tudo que o homem toca e corrompe infelizmente, tornou-se veículo de informações incorretas, de agressões, de desmoralizações, de infâmias, de degradação e de crime... mas também de grandiosas realizações que dignificam o gênero humano e preparam a sociedade para dias mais belos e mais felizes". (2) Allan Kardec previa, no século XIX, que "uma publicidade em larga escala, feita nos jornais de maior circulação, levaria ao mundo inteiro, até as localidades mais distantes, o conhecimento das ideias espíritas, despertaria o desejo de aprofundá-las e, multiplicando-lhes os adeptos, imporia silêncio aos detratores, que logo teriam de ceder, diante do ascendente da opinião geral." (3) Como se observa, a divulgação em grande escala se consegue, atualmente, através da rede de computadores, o que permite a troca de informações dos mais variados assuntos, enviar mensagens, conversar com milhões de pessoas ou, apenas, ler as informações de qualquer parte do planeta. Em face disso, cremos que ela tem o papel mais importante na

divulgação do Espiritismo contemporâneo, apoiado no que Emmanuel ensina: "O Espiritismo nos solicita uma espécie permanente de caridade - a caridade da sua própria divulgação". (4)

Nos dias de hoje, existem inúmeros grupos de estudo e discussões sobre temas espíritas, na Internet, com um conteúdo magnífico. Não há dúvida de que é um excelente instrumento de divulgação, especialmente, pelo fato de atingir longas distâncias, e, até mesmo, outros países, onde a Doutrina Espírita, ainda, é pouco conhecida. Cremos que nós, os espíritas, não devemos resistir aos avanços da tecnologia, temos que nos acostumar com isso, e estarmos sempre atualizados, porque a geração que já se aproxima dominará essa linguagem e, se pudermos facultar a aquisição do conhecimento espírita a esses jovens do futuro, será um extraordinário projeto espiritual para a sociedade contemporânea. "a Internet elimina as barreiras físicas e estabelece a ligação que permite que as notícias corram rapidamente o mundo, que novas ideias sejam apresentadas e debatidas, que exemplos sejam conhecidos e seguidos, que resultados sejam checados e validados. Nela estamos todos próximos, todos em condição de conhecer o que se passa nos vários cantos deste nosso mundo."(5)

Nesta Era Digital, os estímulos de fraternidade, entre as diversas instituições espíritas em nível mundial, serão factíveis pelo intercâmbio que poderá ser mantido e pela possibilidade de se elaborar cursos interativos, por exemplo, uma discussão da obra de André Luiz, apontando links relevantes entre os deferentes textos, e com comentários feitos por autores reconhecidos. Pela rede de computadores, surge uma nova Era para o movimento espírita, sobretudo, na diretriz dada por Ismael ao Brasil. Há dois mil anos, Paulo de Tarso teve que andar a pé, cerca de 500 mil quilômetros, para divulgar a Boa Nova. Hoje, Deus nos oportuniza, do conforto da nossa casa,

participar de estudos interativos em "salas espíritas" - a exemplo do uso do Paltalk - e, com isso, espalharmos a Terceira Revelação aos mais longínquos recantos da Terra.

Por essas razões, o orador Divaldo Franco afirma "que se Allan Kardec estivesse reencarnado, nestes dias, utilizar-se-ia da Internet com a mesma nobreza com que recorreu à imprensa do seu tempo na divulgação e defesa do Espiritismo, diante dos seus naturais adversários" (6), e acrescenta: "comovo-me diante deste excelente recurso que diminui distância, ainda mais por sentir, participando deste nosso convívio, alguns benfeitores espirituais que estão a todos nos envolvendo em ondas de paz e vibrações de saúde, entre os quais, os Espíritos Eurípedes Barsanulfo, Cairbar Schutel, Joanna de Ângelis e Vinícius, igualmente felizes, abençoando a tecnologia e a informática utilizadas para o bem". (7)

Por essas relevantes razões, "é interessante que as Casas Espíritas busquem os recursos tecnológicos como retroprojetores, datashows, áudios, vídeos, filmes, microfones, caixas de som e todo ferramental disponível que seja útil e aplicável para o aprendizado das Verdades da Vida, mas, principalmente, através desse imenso e irreversível universo de utilização da Informação por meios eletrônicos." (8)

Referências bibliográficas:

(1) Macedo, Reinaldo. Espiritismo e Tecnologia da Informação (palestra realizada em 25.08.08 por ocasião da 44ª. Semana de Confraternização dos CEs do Méier e Adjacências no CENMC - RJ). Reinaldo é o Webmaster do site http://jorgehessen.net - ver este estudo no ítem 44 de 2008.

(2) Franco Divaldo. Entrevista para Revista Eletrônica O Consolador, disponível em
http://www.oconsolador.com.br/51/entrevista.html

(3) Kardec, Allan. Obras Póstumas -Projeto 1868, Rio de

Janeiro: Ed. FEB, 2001

(4) Xavier, Francisco Cândido. Estude e Viva, Ditada pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Cap. 40.

(5) Bernardo,Carlos Alberto Iglesia. Espiritismo e a Internet, Artigo publicado no Boletim GEAE Número 282, de 3 de março de 1998.

(6) Franco. Entrevista para Revista Eletrônica O Consolador, disponível em

http://www.oconsolador.com.br/51/entrevista.html

(7) Franco, em palestra virtual realizada dia 17/03/2000

(8) Macedo, Reinaldo. Espiritismo e Tecnologia da Informação (palestra realizada em 25.08.08 por ocasião da 44ª. Semana de Confraternização dos CEs do Méier e Adjacências no CENMC - RJ). Reinaldo é o Webmaster do site http://jorgehessen.net - ver este estudo no ítem 44 de 2008.



Ser espírita é erigir a paz edificante, organizando o cenário da nova era

O mundo passa por decisivo momento de transição, com sofrimentos e inquietações atingindo-nos a todos. Infelizmente, as antevisões flagelantes fazem parte de pensamentos apocalípticos. Alguns confrades forçam argumentos ante os fenômenos calamitosos como se estivéssemos no derradeiro instante da vida planetária. Evoca-se com ênfase o famigerado calendário Maia; porém, importa dizer que "há muitos séculos as humanidades prosseguem de maneira uniforme a sua marcha ascendente através do espaço e do tempo." (1)

É inquietante o aparecimento de facções, seitas e cultos que se multiplicam mundo afora pressagiando flagelos sob o impacto de neurotizante expectativa irrequieta de uma "nova era". Além disso, o argumento do fim dos tempos é uma peculiaridade de alguns médiuns distraídos, que propagam catástrofes naturais como se fossem a ira de Deus. Há nessas ocasiões pessoas maníacas que abandonam emprego e família, à espera do "grande final" e alguns criam seitas delirantes. Só na França "há cerca de 200 seitas, com 300 mil adeptos". No Japão, inquietos "gurus" vaticinam o final do mundo (2). Nos Estados Unidos, pasmem! 55 milhões de americanos creem que falta pouco para o "mundo acabar". Nessas cruciais ocasiões de transição planetária, notemos que o advento do mundo de regeneração não se dará nem se finalizará em precário período. É aventureiro datar, precisar, fixar uma estação em que tal processo será complementado. Não se pode esquecer que "os distúrbios parciais do globo ocorrem em todas as épocas, e se produzem ainda, porque se

ligam à sua constituição, mas esses não são os sinais dos tempos.” (3)

É inegável que atravessamos um pique elevado de duras provações. De 2007 até 2011 ocorreram comoções colossais na crosta terrestre. Foram terremotos, tornados, ondas gigantes na Ásia (tsunamis), os fenômenos La niña e El niño, ciclones extratropicais, recordes de tempestades, enchentes (nunca se viu tanta chuva), aquecimento global, frio descomunal. “A Fome é outra tragédia que já abarca 1 bilhão e duzentos milhões de pessoas em todo o planeta” (4). A exploração da energia nuclear ainda não é assunto do total controle humano. O desmatamento insano, a poluição do ar, o vigor da expansão do tráfico e consumo de drogas, a banalização do comportamento sexual, estimulado pela revista, jornal, televisão, cinema, teatro, videocassete, TV a cabo, computador etc, que escapam à racionalidade do homem.

Há igualmente nesse contexto um preocupante vaticínio sobre a drástica redução da reserva de água potável para daqui a quatro décadas na Terra. Acerca disso, sabemos que algumas potências econômicas querem internacionalizar a Amazônia, por uma simples razão: cerca de 35% de precipitação de chuva no Planeta ocorre naquela área, levando a região a possuir a maior reserva hídrica terrestre. A propósito, sabemos que muitos especialistas prevêem conflitos mundiais, tendo como causa a corrida pela posse e controle do líquido vital.

Paradoxalmente, pregamos a paz produzindo os canhões assassinos; cobiçamos resolver os problemas sociais ativando a edificação dos presídios e bordéis. "Esse progresso é o da razão sem a fé, onde os homens se perdem em luta inglória e sem-fim”. (5) A atual situação de violência, maldade, injustiça, opressão dos poderosos sobre os fracos, tanto em nível de pessoas, como instituições e países, certamente terá que ceder lugar a uma nova era de paz, harmonia, fraternidade e solidariedade.

"Época de lutas amargas, desde os primeiros anos do século XX, a guerra se aninhou com caráter permanente em quase todas as regiões do planeta. A Liga das Nações, o Tratado de Versalhes, bem como todos os pactos de segurança da paz, não têm sido senão fenômenos da própria guerra, que somente terminarão com o apogeu dessas lutas fratricidas, no processo de seleção final das expressões espirituais da vida terrestre.” (6). O século recentemente findo foi, sem dúvida, o século mais sangrento de todos. Já ocorreram após a Segunda Guerra Mundial 160 conflitos bélicos, com 40 milhões de mortos. Se contabilizarmos desde 1914, estes números sobem para 401 guerras e 187 milhões de mortos, aproximadamente. É notória a eficácia avassalante do avanço científico. Os ensaios da genética, das clonagens, das células-tronco, da cibernética, das conquistas espaciais, do império dos raios lasers, das fibras óticas, dos supercondutores, dos microchips, da nanotecnologia. Nunca tivemos tanta capacidade de proporcionar bem estar, casa, educação e alimento a todos, embora nunca tenhamos tido tantos desabrigados, famintos e, principalmente, carentes de educação. Amargamos os contrastes da hegemonia tecnológica, ao mesmo tempo em somos abatidos diante da falta de comida, da dengue hemorrágica, da febre amarela, da tuberculose, da AIDS e de todos os tipos de entorpecentes.

Os Benfeitores lembram que o “ocaso não demora e, sob a saliência de suas sombras espessas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia sem fim constituirá o fulgor imortal da aurora futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção.” (7). Para amenizar a “noite que não tarda”, recordemos o que o Mestre ensinou: “Então, perguntar-lhe-ão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? - Quando foi que te vimos sem teto e te hospedamos; ou despido e te vestimos? - E quando foi que te soubemos doente ou preso e fomos visitar-te? - O Rei

lhes responderá: Em verdade vos digo, todas as vezes que isso fizestes a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim que o fizestes."(8)

Nas próximas reencarnações, se ainda quisermos encontrar aqui estoques razoáveis de água potável, ar puro, terra fértil, menos lixo e um clima estável, precisaremos atuar imediatamente, sem perda de tempo. Apesar dos pesares, não faltam as vozes otimistas que apregoam um porvir renovado sob a luz de uma nova era. É verdade! Paralelamente a todo esse caos, jamais se viu, em todos os tempos, tantas pessoas boas e pacíficas se mobilizarem em prol de programas assistenciais aos irmãos menos afortunados, trabalhando voluntariamente por um mundo melhor e mais justo, e com total desprendimento e espírito cristão.

Para descontentamento dos arautos do "quanto pior, melhor!", felizmente, tudo está se transformando em passo acelerado atualmente, trazendo mais conforto e melhor qualidade de vida ao habitante da Terra. A dor física está, relativamente, sob controle; a longevidade ampliada; a automação da vida material está cada vez maior, em face da tecnologia fascinante, especialmente na área da comunicação e informática.

O Mestre advertiu: "Tenho-vos dito isto para que em mim tenhais paz: no mundo, tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo."(9). Cremos que ser espírita é constituir-se em núcleo de ação edificante através do qual principia a Nova Era.

"Fala-se no mundo de hoje, qual se o mundo estivesse reduzido à casa em ruínas. O espírita é chamado à função da viga robusta, suscetível de mostrar que nem tudo se perdeu. Há quem diga que a Humanidade jaz em processo de desagregação. O espírita é convidado a guardar-se por célula sadia, capaz de abrir caminho à recuperação do organismo social. O espírita, onde surja a destruição, converte-se em

apelo ao refazimento; onde estoure a indisciplina, faz-se esteio da ordem e, onde lavre o pessimismo, ergue-se, de imediato, por mensagem de esperança." (10).

Em face do exposto, por mais difícil que seja o processo de seleção final dos valores morais da sociedade, não podemos olvidar jamais que Jesus é o Senhor da Vida. Os Seus mandamentos não passaram e jamais passarão. Nessa esperança, compreendamos que em Suas mãos assentam-se os destinos da Terra.

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. Revista Espírita, junho de 1869

(2) Revista, "Isto É", de 4 de agosto de 1999

(3) Kardec, Allan. R.E. abril/1866 – "Regeneração da Humanidade" (Paris, resumo das comunicações dadas pelos srs. M... e T... em sonambulismo.)

(4) Publicado no Jornal Correio Braziliense edição de 17 de setembro de 2009

(5) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, Ditada pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed FEB, 2001, perg 199.

(6) Xavier, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, RJ: Ed FEB 1987.

(7) Xavier, Francisco Cândido A Caminho da Luz– ditado pelo espírito Emmanuel, 22ª edição História da Civilização à Luz do Espiritismo (Psicografado no período de 17 de agosto a 21 de setembro de 1938) RJ: Ed FEB 2001

(8) Mateus, 25:37 a 40

(9) JESUS JOÃO, 16:33

(10) Xavier. Francisco Cândido. Livro da esperança, ditado pelo Espírito Emmanuel, Uberaba/MG: Ed CEC, 1964



Centro espírita não comporta jogos de azar

Toda casa espírita deveria consignar nos seus estatutos a IMPOSSIBILIDADE TOTAL de receber doações de origem duvidosa, quais sejam: fruto de JOGOS DE AZAR, sortilégios, contravenção ou congêneres subsídios de origem político-partidária, etc.

Destacamos, por oportuno, o perigo de quaisquer jogos, pois podem se tornar um vício, colocando sob suspeita a credibilidade da casa, e abalando a tranquilidade e harmonia de seus frequentadores. Convém lembrar, igualmente, que os Centros Espíritas, voltados a essa prática, hospedam irmãos da espiritualidade nada convenientes aos serviços fraternos que a casa oferece. Alguns dirigentes adoram jogar, porém, é importante lembrá-los de que, muitas vezes, é a compulsividade pelo jogo, que a psiquiatria define como: jogadores patológicos. Segundo pesquisas, a doença do jogo compulsivo atinge mais de 10% da população mundial.

Todos os vícios são, invariavelmente, danosos ao crescimento espiritual da criatura. Hoje, tornou-se "modismo" o hábito da jogatina. É loteria disso, é loteria daquilo, e, por aí vai.

No Brasil, há 60 anos, desde o Governo Eurico Gaspar Dutra, os JOGOS DE AZAR são proibidos. Explorá-los é contravenção penal.

O recente fechamento de todos os bingos existentes no Brasil, através de uma Medida Provisória, não ocorreu da forma que era de se esperar, mas foi uma medida correta. Pôs fim, por vias transversais, a uma prática, comprovadamente, ilegal.

O universo da contravenção é, extremamente, perigoso.

Tolerar sua prática, por se tratar de um delito menor, enriquece a imoralidade. A tolerância com relação ao jogo do bicho, por exemplo, na Cidade Maravilhosa, já incitou outras áreas à ilegalidades mais graves. De concessão em concessão, é muito fácil chegar a um verdadeiro caos da condição humana.

Afirma-se que o Governo estimula o jogo (legal). Cita-se a sena, a megasena, a quina, etc. Lembremos que nem tudo que é legal é moral, muito embora essa diversidade de jogos seja permitida. Não são poucas as imoralidades legalizadas, como, por exemplo, as eutanásias, os abortos, a pena de morte, o que a sociedade aprova, porque os governantes, embriagados pelo poder a qualquer custo, engendram os dispositivos de legalidade.

Os chamados jogos de azar, nos centros espíritas, contrariam os princípios cristãos, pelos efeitos nefastos que provocam aos seus invigilantes jogadores. Não podemos compactuar com o desculpismo de ocasião, que estimula o ânimo dos dirigentes das casas espíritas, promovendo rifas e jogos, numa estranhíssima justificativa de que as finalidades são "justas". Até, mesmo, para "fins beneficentes", não se justificam os meios comprometedores, consoante admoesta André Luiz, em sua maravilhosa obra, "Conduta Espírita", publicada pela FEB.

É certo que a Doutrina Espírita não pactua com quaisquer proibições em suas hostes, desde que observadas as advertências dos Benfeitores, quanto aos malefícios que os vícios (no caso, os jogos) causam aos que a eles se afinizam e se entregam. Devemos registrar, SIM, nos estatutos da casa espírita, o famoso "fica vedado" tal ou qual coisa, pois, não faltará quem sugira a divisão da doutrina em: Espiritismo Conservador e Espiritismo Liberal, tal qual vem acontecendo - sabemos - com outras religiões, que a cada dia perdem adeptos e, conseqUentemente, força. Não é certo que "a união faz a força?"

Para se angariar recursos, visando obras transitórias das edificações materiais, a experiência tem mostrado que podemos pegar a charrua do esforço REDOBRADO e promovermos os tradicionais almoços fraternos, exibições de fitas cinematográficas, bazares, festival da torta, festival do sorvete, etc.. Se alguém se dispuser a doar para a instituição um bem de expressivo valor (terreno, casa, carro, jóias), a fim de ser revertido em dinheiro para obras assistenciais, esforcemo-nos por vendê-lo a preço de mercado, lembrando sempre o que a sabedoria popular proclama: "o 'pouco' com Deus, é 'muito'!"

Qualquer projeto para futuras obras tem que estar atrelado a um estudo prévio de viabilidade, consoante reza o bom senso, pois só devemos tocar avante uma empreita qualquer, depois de esgotadas todas as discussões com um profundo rastreamento das dificuldades reais, após concluirmos ser ou não factível o projeto.

Voltando à questão do jogo de azar, se pessoalmente alguém quiser entrar numa casa lotérica e tentar a "sorte", o problema é particular de cada um, isso é claro, mas se quiser levar essa mazela para a comunidade espírita, a questão muda de figura. A partir daí, alguém precisa levantar a questão em benefício dos postulados kardecianos. A despeito de quaisquer pretextos, uma instituição espírita não comporta, em suas instalações, rifas e jogos de azar.

Na condição de escritor, sei, perfeitamente, que é muito fácil julgar as consciências dos outros, identificar os erros do próximo, reprovar as imperfeições dos confrades, corrigir os equívocos alheios, aconselhar o caminho reto, etc., etc.. Sei, também, que não é fácil corrigir as nossas próprias deficiências e, se nos distrairmos, em tais projetos de reforma íntima, não passamos de aprendizes, que fugimos, incautos, à verdade e à lição. Isso não equivale a dizer que dispensamos a ajuda mútua, de irmãos que somos, através de críticas construtivas, para que despertemos nossas energias adormecidas, as mais

profundas, a fim de que os ensinamentos do Cristo não sejam, para nós, uma bênção que passa célere e sem proveito pela nossa vida, por não aceitarmos as oportunas advertências de melhoria.



Acautelemo-nos contra o escalracho das práticas estranhas no centro espírita

Sabemos, de sobejo, que devemos respeitar crenças, preconceitos, pontos de vista e normas de quaisquer pessoas que não lêem pela nossa cartilha doutrinária. Porém, temos deveres intransferíveis para com a Doutrina Espírita. É mister que lhe preservemos os princípios doutrinários com simplicidade e dedicação, sem intolerância, sem radicalismos, mas sem concessões indesejáveis. A orientação, a experiência e a prática dos médiuns mais amadurecidos, como Francisco Cândido Xavier e Divaldo Pereira Franco, entre outros, têm nos demonstrado, sempre, a necessidade da vigilância com relação à preservação da pureza dos preceitos básicos da Doutrina Espírita.

Observamos, atônitos, as muitas discussões estéreis em torno de temas como: crianças índigo; se Chico é Kardec(?); ubaldismos, ramatisismos, cromoterapias, e tantos outros enfadonhos "ismos" e "pias", infiltrados no meio espírita. Aceita-se o poder curador de cristais, sem a menor reflexão consciente. Confiam, cegamente, nos efeitos das pomadas "mediunizadas", como se essa prática enganosa lhes fosse trazer algum benefício. Promovem-se, nas tribunas, verdadeiros shows da própria imagem, shows esses protagonizados pelos ilustres oradores, que não abrem mão da vaidosa distinção do Dr. antes dos próprios nomes. Criam-se associações com notáveis profissionais de pretensos "espíritas". Muitos outros se projetam nos trabalhos assistenciais, para galgarem espaços na ribalta da política partidária. Não é de hoje o fenômeno das práticas exóticas nas hostes doutrinárias, fato esse que faz,

realmente, a diferença.

Segundo algumas conveniências, propiciam as famosas "churrascadas espíritas", disfarçadas de almoço fraterno, em nome do Cristo(!?), pasmem! Confeccionam rifas "beneficentes"; agendam desfiles de moda, "de caráter filantrópico", e, o que é pior, cobram taxas para o ingresso nos eventos espíritas, quais sejam: congressos, simpósios, seminários, e, por aí vai...

Há um impulso incontrolável para o universo místico de muitos idólatras, que, talvez, leram alguma "coisinha" aqui, e outra ali, sobre a doutrina espírita e se dizem seguidores convictos, quando, na realidade, nada mais são do que "espíritas de fachada". Os Benfeitores nos advertem que cabe, a nós, a obrigação intransferível de defender os ensinamentos de Allan Kardec, seja pelo exemplo diário do amor fraterno, seja pela coragem do debate elevado.

Muitas pessoas têm escrito para o meu email, insistindo no tema - apometria. Informo-lhes, freqUentemente, que a teoria e a prática da técnica apométrica (e suas leis) estão em pleno desacordo com os princípios doutrinários codificados por Allan Kardec. Jamais aconselharíamos incluir a apometria no corpo do Departamento Doutrinário e Mediúnico das Casas Espíritas.

Sobre essa estranhíssima prática, lamentavelmente, encruada por estas bandas do Centro-Oeste, indagamos aos experts, por que os Espíritos não nos revelaram tal proposta "terapêutica"(!), quando tiveram, à sua disposição, excelentes colaboradores médiuns, ao longo do século XX? Não basta se afirmar "espírita", nem, tampouco, se dizer "médium de qualidade", se essa prática não for exercida conforme preceitua a Codificação Espírita. Respaldados nos estudos sistemáticos que fazemos da Doutrina Espírita -e não dispensamos, de forma alguma, esse hábito- esclarecemos, sempre, que a apometria não é Espiritismo, porquanto as suas práticas estão em total desacordo com as recomendações de "O Livro dos Médiuns".

Com essas bizarras práticas, abrem-se precedentes graves para a implantação de rituais e maneirismos, totalmente, inaceitáveis na prática espírita, que é, fundamentalmente, a doutrina da fé raciocinada.

Se a apometria é (como afirmam os cansativos discursos dos líderes dessa prática), mais eficiente que a reunião de desobsessão, por que a omissão dos Espíritos Superiores? Por que eles se calaram sobre o assunto? Curioso isso, não? No mínimo, é esquisito. O silêncio dos Espíritos Superiores é, sem dúvida, um presságio de que tal prática é de mal agouro, e, por isso mesmo, ela é circunscrita a poucos grupos. Não conquistou a aceitação universal dos espíritos, razão pela qual não conta com a anuência das nossas Casas Espíritas sérias. Percebemos que essas mistificações coletivas superlotam alguns Centros Espíritas, em que seus dirigentes vendem a ilusão da "terapia apométrica", como mestres da hipnose, fazendo com que esses centros se tornem um reduto de fanáticos e curadores de coisa nenhuma, o que é lastimável...

Por subidas razões, devemos estar atentos às impertinências desses ideólogos quixotescos, dos propagadores dessas terapias inócuas, que pensam revolucionar o mundo da "cura espiritual". Até porque, a cura das obsessões não se consegue por um simples toque de mágica, de uma hora para outra, mas é, quase sempre, a longo prazo, não tão rápida como se imagina, dependendo de vários fatores, principalmente, da renovação íntima do paciente.

Como se não bastasse, ainda, entra em cena, no rol das bizarrices doutrinárias, uma tal "desobsessão por corrente magnética". Isso mesmo! Desobsessão(!?)

O uso de energia para afastar obsessores, sem a necessária transformação moral (Reforma Íntima), indispensável à libertação real dos envolvidos nos dramas obsessivos, contradiz os princípios básicos do Espiritismo, pois, o simples afastamento das entidades perseguidoras não resolve a

obsessão. O confrade Cauci de Sá Roriz lembra, na Revista O Espírita/DF, no artigo "Desobsessão por corrente magnética. É possível?" que "a proposta da corrente magnética parte de uma base falsa, qual seja, a de que o Espiritismo exista para "atender, na prática desobsessiva, a um grande número de pessoas." Por essas razões, preocupa-nos a introdução, na prática espírita, de mais esse enxerto estranho - a chamada desobsessão por corrente magnética - assunto que ainda mantém sob hipnose muitos espíritas incautos. Repetimos que, sobre o tema, os "Espíritos ainda não enviaram orientação a respeito, por isso, sejamos prudentes!" - recomenda Cauci.

O Cristianismo, com a pureza doutrinária do Evangelho e com a simplicidade de organização funcional dos primeiros núcleos cristãos, foi conquistando lenta e seguramente a sociedade de sua época. Porém, com o tempo, sofreu um significativo desgaste ideológico. Corrompeu-se, por força das práticas estranhas ao projeto de Jesus. Atualmente, apesar das advertências dos Espíritos e do próprio Allan Kardec, quanto aos períodos históricos e tendências do movimento, os espíritas insistem em cometer os mesmos erros do passado. Confrades nossos, não conseguindo se adaptar ao Espiritismo, e, conseqUentemente, não compreendendo e não vivenciando suas verdades, vão, aos poucos, adaptando a doutrina às suas fantasias, aos seus limites morais, corrompendo os textos da Codificação, trazendo, para os centros espíritas, práticas dogmáticas de suas preferências místicas. Falta-lhes, no mínimo, o estudo das obras básicas da Codificação Rivailina. Das duas, uma: ou Kardec está sendo colocado em segundo plano, preterido por outras obras não recomendáveis, ou está, totalmente, esquecido - o que é pior.

Mas como evitar esse processo? Como agir, ante os centros mal orientados, com dirigentes perturbados, com médiuns obsidiados, com oradores-estrelas? Enfim, como agir, diante dos espíritas perturbados e perturbadores? Seria interessante a

prática do "lavo as mãos" ou a retórica filosófica do "laissez faire", "laissez aller", "laissez passer"? Devemos deixar que os próprios grupos espíritas usem e abusem do livre arbítrio para, por fim, aprenderem a fazer escolhas corretas e adequadas às suas necessidades? Não nos esqueçamos de que os inimigos, em potencial, do Espiritismo estão mascarados entre os próprios espíritas. Para encerrar nossas reflexões, atentemos para algumas admoestações de Vianna de Carvalho, através de Divaldo Franco, contidas no livro "Aos Espíritas": "O Espiritismo é a grande resposta para as questões perturbadoras do momento. A sua correta prática é exigência destes dias turbulentos, pois os fantasmas do porvir ameaçam-no e distúrbios de comportamento apresentam-se com muita insistência, parecendo vencer as suas elevadas aquisições. Por motivos óbvios, "o Espiritismo deve ser divulgado conforme foi apresentado por Allan Kardec, sem adaptações nem acomodações de conveniência em vãs tentativas de conseguir-se adeptos". É a Doutrina que se fundamenta na razão, e, por isso mesmo, não se compadece com as extravagâncias daqueles que, por meio sub-reptício, em tentando fazer prosélitos, acabam por macular a pureza originária da nossa Doutrina Espírita.

Não faltam tentativas de enxertos de ideias e convenções, de práticas inconvenientes e de comportamentos que não encontram guarida na sua rígida contextura doutrinal que, se aceitos, conduzir-nos-iam a sérios problemas existenciais, não fosse a nossa convicção de que o Espiritismo veio para ficar, e que de nada valem essas investidas do mal. Criar desvios doutrinários, atraindo incautos e ignorantes, causa, sem dúvida, perturbações que poderiam, indiscutivelmente, ser evitadas, se houvesse, por parte dos dirigentes, maior rigor na condução dos trabalhos de algumas Casas Espíritas. Repetimos com Divaldo: "Qualquer enxerto, por mais delicado se apresente para ser aceito, fere-lhe a integridade porque ele [o

Espiritismo] é um bloco monolítico, que não dispõe de espaço para adaptações, nem acréscimos que difiram da sua estrutura básica."

Caríssimos irmãos de ideal, cremos ser indispensável a vigilância de cada espírita sincero, para que o escalracho seitista e sutil da invasão de teses estranhas não predomine no seu campo de ação, terminando por asfixiar a planta boa que é, e cuja mensagem dispensa as propostas reformadoras, caracterizadas pela precipitação e pelo desconhecimento dos seus ensinamentos"- como adverte Vianna de Carvalho.



Centro espírita não comporta vícios de quaisquer natureza

A doença do jogo compulsivo atinge mais de 10% da população mundial. Mark Griffiths, psicólogo britânico, professor da Nottingham Trent University, assegura que o hábito de jogar e apostar, se levado ao extremo, é tão viciante quanto qualquer droga. Pesquisas sobre jogadores crônicos garantem que tais viciados padecem pelo menos um efeito colateral quando sofrem por ocasião de abstinência, como insônia, cefaléias, bulimia, fraqueza física, disritmias cardíacas, consternações musculares, dificuldades de respiração e calafrios.

A rigor, todos e quaisquer vícios são, invariavelmente, danosos ao crescimento espiritual do ser humano. Infelizmente, hoje em dia tornou-se "modismo" o hábito da jogatina. O Governo estimula inclusive os sorteios de loteria. Em realidade, para os pesquisadores, os vícios se alargam a partir de uma combinação biológica e genética de uma pessoa, além do ambiente sociocultural em que ela cresce, e sua compleição psicológica, como traços de personalidade, atitudes, experiências, crenças e a própria atividade. Para alguns descrentes, o comportamento exagerado por si só não significa que alguém seja viciado. A diferença fundamental entre o exagero de entusiasmo e o vício é que os entusiastas saudáveis adicionam alegria de viver às atividades, ainda que desprovidas dos objetos de desejo.

Não afirmaremos jamais que o vício, mormente o que propomos analisar, seja um problema de criminalidade, mas como um problema de desequilíbrio íntimo, diante das leis da

vida. E isto não apenas no terreno em que o vício é mais claramente examinado. Sobre a temática (vício), Chico Xavier disse: "se falamos demasiadamente, estamos viciados no verbalismo excessivo e infrutífero. Se bebemos café excessivamente, estamos destruindo também as possibilidades do nosso corpo nos servir."(1) Quando ponderamos a palavra vício, podemos também citar os corrompidos pelo álcool, cigarro, dinheiro, comida e recordamos ainda do sexo. Sobre esse último tópico, Chico Xavier instrui: "do sexo herdamos nossa mãe, nosso pai, lar, irmãos, a bênção da família. Tudo isto recebemos através do sexo. No entanto, quando falamos em vício, lembramo-nos do fogo do sexo e a droga... Mas droga é outro problema para nossos irmãos que se enfraqueceram diante da vida, que procuram uma fuga. Não são criminosos; são criaturas carentes de mais proteção, de mais amor. Porque se os nossos companheiros enveredaram pelo caminho da droga, eles procuraram esquecer algo. E esse algo são eles mesmos. Então, precisávamos, talvez, reformular nossas concepções sobre o vício."(2)

Paulo confessou: "não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse pratico. Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas a iniquidade que habita em mim."(3) Sob o ponto de vista espírita, o vício de jogar pode se tornar um grave entrave moral para o viciado que se diz adepto de Espiritismo, colocando sob suspeita a sua credibilidade. Não é recomendável um Centro espírita angariar recursos oriundos de jogos, pois isso provocará um ambiente desfavorável para a tranqUilidade e harmonia dos freqUentadores. As Instituições Espíritas voltadas a essa prática hospedam inevitavelmente irmãos do além despreparados para os serviços de socorro espiritual que a casa pode oferecer. Ainda que procuremos amenizar os argumentos, em realidade, o vício açoita as bases da consciência cristã e desarmoniza a estrutura psicológica. Alguns confrades são afeitos aos jogos de

azar, porém é importante recordá-los de que o hábito persistente de jogar os enlaçará invariavelmente nas urdiduras da obsessão. Tais irmãos poderão ficar encarcerados nas garras insaciáveis do parasitismo ou do vampirismo, e vidas que poderiam ser nobres, dignas, proveitosas, tornam-se vazias, estimulantes de sujeição calamitosa, cujas defecções morais muitas vezes atingem famílias inteiras.

No Brasil, há 60 anos, desde o Governo Eurico Gaspar Dutra, os jogos de azar são proibidos. Explorá-los é contravenção penal. Todavia, como assinalo acima, o Governo tem estimulado o jogo de azar (legal). Evoca-se para tal concessão a sena, a megasena, a quina etc. Lembremos que nem tudo que é legal é moral, muito embora essa diversidade de jogos seja perfeitamente aceita pela sociedade.

Quaisquer tipos de jogos nos centros espíritas contrariam os princípios cristãos, pelos efeitos nefastos que provocam aos seus praticantes. Não há como compactuar com tais práticas, que estimulam o ânimo dos dirigentes das instituições a promover rifas, bingos e sorteios viciantes, numa inquietante justificativa de que as finalidades são "justas".

Todavia, ainda que para "fins beneficentes", não se justificam os meios comprometedores, consoante admoesta André Luiz, em "Conduta Espírita", publicada pela FEB.

É certo que a Doutrina Espírita não é condescendente com quaisquer proibições em suas hostes, desde que observadas as advertências dos Benfeitores quanto aos malefícios que os vícios (no caso, os jogos) causam aos que a eles se afinizam e se entregam. Cremos ser de bom alvitre a consignação, nos dispositivos estatutários e Regimentos Internos da casa espírita, o termo "fica vedado" tal ou qual coisa, pois não faltará quem sugira a divisão da doutrina em Espiritismo Conservador e Espiritismo Liberal, tal qual vem acontecendo - sabemos - com outras religiões, que a cada dia perdem adeptos e, consequentemente, força.

Obviamente, se pessoalmente alguém quiser entrar numa casa lotérica e tentar a "sorte", o problema é pessoal, isso é claro, mas se quiser arrastar essa mazela para a comunidade espírita, a questão muda de figura. A partir daí, alguém precisa alçar a questão em benefício dos postulados kardecianos. A despeito de quaisquer pretextos, uma instituição espírita não comporta, em suas instalações, rifas e jogos de azar. Para se angariar recursos visando obras transitórias das edificações materiais, a experiência tem mostrado que podemos pegar a charrua do esforço maior e promovermos os tradicionais almoços fraternos, exibições de fitas cinematográficas, bazares, festival da torta, festival do sorvete etc. Se alguém se dispuser a doar para a instituição um bem de expressivo valor (terreno, casa, carro, jóias), a fim de ser revertido em recursos para obras assistenciais, esforcemo-nos por comercializá-lo a preço de mercado, sem rifar, lembrando sempre o que a sabedoria popular proclama: "o 'pouco' com Deus, é 'muito'!"

Referências bibliográficas:

(1)"O Espírita Mineiro", número 179, julho/agosto/setembro de 1979. Publicado no livro CHICO XAVIER - MANDATO DE AMOR, Editado abril/1993 pela União Espírita Mineira - Belo Horizonte, Minas Gerais

(2) idem

(3) Epístola aos Romanos 19-20



Arroubos lúdicos

A Casa Espírita deve ser um celeiro de esperanças na tumultuosa noite das angústias e dores, por ser o referencial da luminescente mensagem do Paracleto Prometido.

Como célula de inalienável importância do Movimento Espírita, encontramos o Centro Espírita, com funções bem definidas e, portanto, totalmente vinculadas aos preceitos doutrinários, junto da qual congregam-se os adeptos do Espiritismo para integrarem-se na essência da Terceira Revelação, estabelecendo estrutura básica de aprofundamento intelectual no contexto da informação doutrinária, de modo a poder corporificá-la racionalmente no seu comportamento moral e social na jornada diária. Contudo, é exatamente nas casas espíritas, onde o Movimento Espírita deve se consolidar, que acontecem as mais estranhas práticas "doutrinárias". Um dos mais graves problemas desse processo decorre daqueles que assumem responsabilidades de direção, sem os imprescindíveis recursos morais, culturais e doutrinários.

O Movimento Espírita decorre da dinâmica dos homens em prol da difusão dos códigos espíritas. Desta forma, infere-se que este processo deve estar consubstanciado no programa da Codificação, até porque é em razão dele que existe. Mas, infelizmente, o Espiritismo ao se popularizar, permanece (por não se estudar Kardec) desconhecido, e/ou distorcido e desviado em muitos dos seus conceitos. O Espiritismo é a Terceira Revelação dirigida aos homens, tendo seu edifício doutrinário alicerçado na infatigável contribuição intelectual de Allan Kardec que compilou as mensagens dos Benfeitores Espirituais, transformando-as em livros, tradicionalizados como

obras básicas, a saber: Livro dos Espíritos, Livro dos Médiuns, Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e Gênese. Por isso não se exercem práticas alheias aos objetivos propostos pela Doutrina Espírita nos Centros Espíritas, dentre as quais lembramos os atos sacramentais como: batismos, crismas, casamentos, velórios, dízimos, que se forem praticados fora das hostes espíritas merecem o nosso maior respeito.

Como se não bastasse, surgem companheiros distantes da vigília cristã que introduzem nos núcleos espíritas práticas inoportunas do tipo: festival da caridade (isso soa contraditório diante do lema:... não saiba a vossa mão esquerda...), preces cantadas, paramentos especiais (terno e gravata, roupas brancas), debates de política partidária, jogos de azar (bingos, rifas, tômbolas), desfiles de moda etc... São irmãos que estabelecem a confusão doutrinária desnecessária, impondo ideias próprias como se fossem princípios espíritas e sempre aceitando "novidades" e "revelações" não comprovadas, criando seus espiritismos particulares numa confusa tendência ao misticismo ocasional. Isso, sem citarmos a publicação de livros supostamente "doutrinários" e irresponsáveis, por meio dos quais se promove a exaltação da fantasia mediúnica. Essas são práticas próprias das trevas, cujo objetivo é o aprisionamento mental e a escravidão psíquica que se promovem em nome do Espiritismo.

Lembramos, por oportuno, que o Espiritismo não endossa propostas "terapêuticas" nas casas espíritas do tipo: piramideterapia, cristalterapia, cromoterapia, musicoterapia, hidroterapia, desobsessão por corrente magnética (estaríamos trazendo o exorcismo para os centros?), apometria, choques anímicos, etc. Enxertá-las nas instituições espíritas como se prática espírita fossem, é atitude de alto risco, pois que desconsidera a magnitude do Espiritismo ao querer limitá-la aos acanhados pontos de vista particulares. Até quando continuar-se-ão impondo arroubos lúdicos nos centros espíritas dirigidos

por irmãos simples e sinceros (normalmente sem muita cultura), mas que se deixam seduzir? Por essa razão se instala o capricho das vontades das lideranças cristalizadas ainda na ignorância doutrinária que disseminam essas práticas perfeitamente dispensáveis nos grupos espíritas.



O centro espírita não é um hospital público, mas sim uma escola de conscientização do espírito

Ficamos consternados ao ler pela imprensa as seguintes publicações: “500 km em busca de UTI (mãe e bebês gêmeos viajam mais de 500 km em busca de UTI em Porto Alegre-RS).”(1); “Falta de estrutura mata idosa no Rio” (Falta de estrutura da rede pública de saúde faz mais uma vítima no Rio de Janeiro) (2); “SUS gaúcho - 500 mil procedimentos não atendidos” (Estudo aponta 500 mil procedimentos não atendidos no SUS gaúcho). (3); “Mitos em torno dos recursos para a saúde” (4); “Saúde em greve no RS” (justiça determina restabelecimento das emergências).(5); “Pacientes como mercadoria” (Uma doença chamada propina).(6); “Do caos ao colapso na saúde.” (7); “Pesadelo da saúde.”(8); “Hospital é festival de horrores”. (9)

No Brasil, a Constituição de 1988 tornou, em tese, o acesso à saúde gratuita um direito universal de todo cidadão brasileiro. Para atender a esse objetivo, foi criado, há duas décadas, o Sistema Único de Saúde (SUS). Na prática, no entanto, ocorreu com a saúde algo semelhante ao observado na educação. A precária qualidade do atendimento público empurrou a classe média para o sistema privado. O Ministério da Saúde possui o maior orçamento do governo. O Brasil gasta, com saúde, mais do que outros países em desenvolvimento, e nem por isso possui indicadores mais favoráveis, ou seja, o país não oferece um nível mínimo de atendimento digno.

Observamos o sucateamento do setor público de saúde no Brasil, razão por que os Centros de Saúde não atendem satisfatoriamente a demanda da população, pelo número

excessivo de pacientes a serem socorridos, seja por falta de equipamentos básicos necessários em casos de emergência, seja pelo número reduzido dos profissionais de que podem dispor, ou seja, pelos baixos salários que esses profissionais recebem, dentre outros fatores. Tudo isso tem provocado uma reação de abandono do serviço público nesses profissionais.

Muitas vezes as pessoas tendem a buscar meios alternativos para tratar suas enfermidades, e dentre eles estão os espaços religiosos, que possibilitam o acolhimento fraterno, dando importância e atenção ao que a pessoa está sentindo, e que, em muitas das vezes, aproxima-se da real condição do doente. Outras radicalizam mais, preferindo o auxílio das "rezadeiras" ou dos "curandeiros", disponíveis a atender, gratuitamente, através da reza e dos curativos feitos com ervas por exemplo, crendo na cura dessas pessoas apenas pelo fato de terem recebido o "dom de Deus".

Entretanto, alguns procuram as casas de orientação espírita, pois nelas encontram-se tratamentos para o bem-estar dos indivíduos, tendo o centro um papel interessante nesse contexto para prevenção e manutenção da saúde.

Já que o governo tem suas dificuldades na área, os espaços religiosos procuram oferecer alívio a esses males e sofrimentos, como também conforto, solidariedade e acolhimento. Daí a representação da relevância das práticas espíritas na saúde da população. O Centro Espírita percebe a prevenção de saúde de forma ampliada e contínua, através da difusão (sem prosélitos) das suas instruções espirituais. Portanto, o papel desempenhado pelas estruturas espíritas e/ou religiosas, de forma geral, pode ser de fato entendido como apoio à saúde (prioritariamente espiritual) na sociedade.

A temática de práticas espíritas relacionadas à saúde pública é pouco discutida, razão pela qual não encontramos muitas publicações referentes à percepção desse fenômeno social pelos escritores espíritas. O descaso com a saúde pública tem

confirmado o papel do apoio social e espiritual do Centro Espírita na percepção do bem-estar e sua relação com a concepção do amor e da caridade como fundamentos da conduta humana, explicados como saudáveis e capazes de manter a saúde relativa da população.

A caridade, apoiada na fé raciocinada que o Espiritismo propõe, dá sentido à vida, oferecendo consolo, renovando energias e dando orientação eficaz ante as situações de angústia, incerteza das ideias e, consequentemente, ante a insegurança pessoal. Essa fé está ligada à vida concreta dos que nela depositam a sua crença. Em todo tipo de religião está implícito um problema central: liberar o homem da incerteza de sua transcendência, dar sentido à sua vida no mundo e além dele. Numa palavra: "conscientização" do mundo espiritual.

Obviamente o Centro espírita não pode e nem deve ser um hospitalzão, entronizando métodos de cura física para os doentes que o procuram, mas uma escola da alma em que se prioriza a terapêutica da educação do ser pela ciência do espírito, a fim de que os doentes possam curar suas próprias doenças.

Referências bibliográficas:

(1)BOM DIA BRASIL, REDE GLOBO, Terça-feira, 25/10/2011

(2) RJ TV - REDE GLOBO, Segunda-feira, 24/10/2011

(3) OPINIÃO - O Estado de S.Paulo - 17/10/2011

(4) EDITORIAL O GLOBO, 07/10/2011 às 18h13m

(5) ZERO HORA 26/08/2011

(6) O GLOBO, 20/08/2011 às 20h09m, Fabíola Gerbase

(7) ZERO HORA 19/08/2011

(8) RBS Notícias - Série Pesadelo da Saúde - Reportagem 4, 28/7/2011

(9) O GLOBO, 10/09/2010.



Centro espírita não é escola de ilusões - acordemos enquanto há tempo

O assunto é recorrente, mas não há como ignorá-lo, até porque o exercício da mediunidade não comporta atitudes levianas, nem admite a insensatez nas suas expressões. Exige, sim, um estudo contínuo dos seus mecanismos, sobretudo quanto à necessidade de o médium filtrar as sugestões mentais exercidas pelo espírito comunicante. Em assim procedendo, conquistará, pela meditação e introspecção enobrecidas, amplos recursos de ordem psíquica, jamais se colocando a serviço de puerilidades e fantasias descabidas, fomentando a fascinação e o desequilíbrio em seus aficionados, que direcionam tudo para o campo da mediunidade.

Os desvirtuamentos, os embustes, as infiltrações de ideias e práticas exóticas são uma realidade em muitos "centros espíritas", de vez que o discernimento - o norte dos médiuns - está sendo preterido pelo "vedetismo", fruto da falta de conhecimento, da ignorância e, até, da irresponsabilidade de dirigentes e cúmplices (quase sempre, mal intencionados), que não visam outra coisa, a não ser o poder, a projeção, o destaque pessoal, colocando seus interesses particulares ou os da família consanguínea, o que é pior, (proprietários e herdeiros materiais dos centros) acima da Causa.

É lamentável a falta de bom senso na prática mediúnica, orientada por excessiva vaidade e arrogância dos dirigentes mandões. A adoção de práticas bizarras, ou não afinadas com a simplicidade e pureza dos trabalhos espíritas, comprometem a essência e o objetivo da organização Espírita, e desorientam seus freqUentadores e assistidos. Por isso, insistiremos nesse

tema, quantas vezes forem necessárias, até que os ditos "centros espíritas" retomem a sua real finalidade, ao invés de ludibriarem os inocentes assistidos com luzes coloridas (cromoterapias), para higienizar auras humanas e, acreditem (!), para tratamento de: azia, cálculo renal, coceiras, dores de dente, gripes, soluços em crianças, verminose, frieiras, etc.. Têm centros que "engarrafam", literalmente, os obsessores. A que ponto chegamos! Não é sem razão que, lamentavelmente, vez ou outra, ouvimos dizerem: - Eu era espírita, mas...

Nas atmosferas planálticas (Brasília e arredores), o apelo místico é irresistível. Difunde-se, por aqui, uma tal desobsessão por "corrente magnética", com um rosário de extravagantes proposições (prática "inventada" em Brasília, por grupos que seduzem empolgados "filantrópicos de carteirinha", através do apelo assistencialista, inoculando estranhas práticas doutrinárias), como, por exemplo, a magnetização "desobsessiva" para afastar Espíritos, nos mesmos moldes como se espantam moscas varejeiras das feridas expostas. Para que se concretize esse objetivo, recorrem à varinha de condão do "choque anímico" (!?), através do qual os enfermos se "libertam" dos obsessores, consoante prometem seus praticantes. Tudo isso, nada mais é do que uma tremenda 'propaganda enganosa'!

Há as inusitadas piramideterapias; gatoterapia (?) (conheço uma pessoa que possui cinco gatos em casa e crê, fervorosamente, que os bichanos irão "atrair" as energias negativas, livrando-a dessas forças malignas, imaginem); cristalterapias; apometrias, e mais uma infinidade de pias, para todos os gostos. Isso, sem deixar de citar que, no mosaico místico de Brasília, aplica-se, até, passes magnéticos nas paredes dos centros para "descontaminá-las" dos maus fluidos.

Muitos "centros espíritas", do Distrito Federal, têm distribuído uma "milagrosa" pomada (cura tudo) do "vovô fulano-sicrano-beltrano de tal". O que se nota, a bem da

verdade, é que ainda não há rigor suficiente das instituições espíritas para com a pulcritude doutrinária, tão-necessária. Há os sistemas divergentes, que teimam em se alojar aqui e ali, na tentativa de, pelo decurso do tempo, serem confundidos e aceitos como Espiritismo a saber: ramatisismo, ubaldismo, armondismo, umbandismo, que ganham coro na ala dos apômetras, cromoterapistas, pomadistas, cepistas (adeptos da CEPA). Etc..

Já que estamos desenterrando alguns ossinhos, continuemos: muitos "centros espíritas" promovem benzeduras de objetos, roupas e fotografias. Dedicam-se à hipnose, para pesquisas sobre vidas passadas, e fazem das reuniões mediúnicas um espetáculo ao público. Adotam o uso do defumador, para "espantar o mau e o mal", com hinos adequados às tais reuniões.

Há os que só trabalham na casa espírita com vestimenta branca (simbolizando "pureza d'alma") e o pior é que, quando indagados sobre a fonte de tais práticas, transferem a responsabilidade de seus hábitos, aos espíritos, afirmando não serem eles os autores das ideias, mas, sim, os "Guias" (filosofia do guiismo). "Até no quesito 'administração do Centro Espírita', encontramos casos circenses, em que os espíritos, através de "médiuns confiáveis do grupo", elaboram chapas eleitorais, para a votação de possíveis candidatos à direção da entidade, atestando a incompetência dos encarnados para conduzirem a obra.

Há, até, os centros (acreditem se puderem ou quiserem!) que, estatutariamente, elegem, em caráter vitalício, os seus presidentes, futuros "mentores" do Centro, após o desencarne. Tudo isso por inspiração de "Jesus".

Ainda não terminou! Há outras práticas, digamos - inacreditáveis: dirigentes que celebram casamentos, crismas, batizados, velórios (tudo no salão de reunião pública), além das sempre "justificadas" rifas e tômbolas nos centros, festival da

caridade, tribuna para a propaganda político-partidária, churrasco-espírita (alcunham - "almoço beneficente"), preces cantadas, passes com bocejos, toques, ofegos, choques anímicos (?), o estalar dos dedos, palmas, diagnósticos durante o passe pela "vidência": sobre doenças, através de revelações sensacionalistas, provocando desajustes em pessoas psicologicamente despreparadas. "Visualizadores" do além, que não perdem a oportunidade de descrever "quadros" espirituais, diagnosticar obsessões, fazer previsões e outras esquisitices mais, tudo em nome da "doutrina". Porém, com um detalhe relevante: nunca conseguem visualizar os próprios obsessores! Há centros que promovem cursos e palestras sobre a "kundaline", sobre a força da "mandala", etc.. Ufa!

É por essas e outras razões que muitos médicos da ala conservadora da psiquiatria consideram os médiuns neuróticos, psicóticos, com desvios de personalidade, ou esquizofrênicos. Precisamos acabar com as fantasias e muitas mistificações que andam denegrindo o bom nome da mediunidade e do Espiritismo. Devemos dar à mediunidade mais dignidade, pois, estando, por sua vez, tão barateada, tão vulgarizada, acaba por perder as características de nobreza, de sensatez, de pudor que deve revesti-la. Em razão disso, muito melhor, mais prudente, mais razoável, mais lógico e, obrigatoriamente, necessário será que esses centros intensifiquem as reuniões de estudo, meditação e debates racionais para, por fim, concluírem que o Espiritismo tem uma finalidade muitíssimo além do que pensam, é sublime por natureza. Caso contrário, deletem de seus estatutos a terminologia ESPÍRITA.

Não custa lembrar que a prática espírita sem a devida base moral será, inevitavelmente, uma incursão permanente no mundo do erro e, conseqUentemente, das sombras.



"O passe" publicado no jornal da ADDE de S. J. Rio preto

http://adde.com.br/

O biólogo Ricardo Monezi, mestre em fisiopatologia experimental pela Faculdade de Medicina da USP e pesquisador da unidade de Medicina Comportamental da Unifesp, estudou a fundo a técnica de imposição de mãos [passe]. Lembramos que na atualidade o passe é empregado por outras religiões, que o apresentam sob nomes e aparências diversas (benção, unção, johrei, heiki, benzedura), além do quê, pessoas sem qualquer relação com movimentos religiosos também o empregam.

Para Monezi, os dados preliminares apontam que a prática do passe gera mudanças fisiológicas e psicológicas, como a diminuição da depressão, da ansiedade e da tensão muscular, além do aumento do bem-estar e da qualidade de vida. Ressaltamos que a Doutrina dos Espíritos clarifica melhor e explica as funções do perispírito, que "é o órgão sensitivo do Espírito, por meio do qual este percebe coisas espirituais que escapam aos sentidos corpóreos"(1), além de o mesmo interagir de forma profunda com o corpo biológico, razão pela qual as energias transmitidas pelo passe e recebidas inicialmente pelos centros de força(2), atingem o corpo físico através dos plexos (3), proporcionando a renovação das células enfermas.

"Assim como a transfusão de sangue representa uma renovação das forças físicas, o passe é uma transfusão de energias psíquicas, com a diferença de que os recursos orgânicos (físicos) são retirados de um reservatório limitado, e os elementos psíquicos o são do reservatório ilimitado das

forças espirituais.” – explica o Espírito Emmanuel.(4) Recordemos que Jesus utilizou o passe "impondo as mãos" sobre os enfermos e os perturbados espiritualmente, para beneficiá-los. E ensinou essa prática aos seus discípulos e apóstolos, que também a empregaram largamente. Entretanto, é nas hostes espíritas que o passe é melhor compreendido, mais largamente difundido e utilizado, “dispensando qualquer contacto físico na sua aplicação.”.(5)

Segundo Ricardo Monezi, “um dos centros que avaliam o assunto é a respeitada Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. A física atual não consegue classificar a natureza dessa força, mas vários estudos indicam que se trata de energias eletromagnéticas de baixa frequência.".(6) Tiago escreveu: “toda boa dádiva e dom perfeito vêm do Alto”.(7) Sim, as energias magnéticas e a prática do bem podem admitir as expressões mais diferentes. Suas essências, contudo, são continuamente as mesmas diante do Soberano da Vida.

Os passes poderão ser espirituais, em função do magnetismo provindo de irmãos desencarnados que participam dos processos, e humanos, através do magnetismo animal do próprio passista encarnado. “A cura se opera mediante a substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas depende, também, da energia, da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido.”.(8) É importante explicar, porém, que o tratamento espiritual através do passe, oferecido na Casa Espírita, não dispensa tratamento médico.

Infelizmente toda a beleza das lições espíritas, que provém da fé racional no poder das energias magnéticas pelo passe, desaparece ante as ginásticas pretensiosas e burlescas de tratamentos espirituais atualmente praticados em algumas instituições espíritas mal dirigidas. O passe não poderá, em

tempo algum, ser aplicado com movimentos bruscos, utilizando-se malabarismos manuais, estalos de dedos, cânticos estranhos e, muito menos ainda, estando incorporado e, psicofonicamente, verbalizando "aconselhamentos" para o receptor. Isso não é prática espírita.

"O passe deverá sempre ser ministrado de modo silencioso, com simplicidade e naturalidade.".(9) Na casa espírita não se admitem as encenações e gesticulações em que hoje se envolveram terapias esquisitas tais como apometrias, desobsessão por corrente magnética,"choques anímicos", cristalterapias (poderes das pedras???), cromoterapias (poderes das cores???) e outras "terapias" mitológicas, geralmente atreladas a antigas correntes espiritualistas do Oriente ou de origem mística, ilusionista e feiticista. É sempre bom lembrar a tais adeptos fervorosos que todo o poder e toda a eficácia do passe genuinamente espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo.

Por conseguinte, na aplicação do passe não se fazem necessários a gesticulação violenta, a respiração ofegante ou o bocejo contínuo, e que também não há necessidade de tocar o assistido. "A transmissão do passe dispensa qualquer recurso espetacular".(10) As encenações preparatórias – "mãos erguidas ao alto e abertas, para suposta captação de fluidos pelo passista, mãos abertas sobre os joelhos, pelo paciente, para melhor assimilação fluídica, braços e pernas descruzados para não impedir a livre passagem dos fluidos, e assim por diante – só servem para ridicularizar o passe, o passista e o paciente.".(11) A formação das chamadas "correntes" mediúnicas, com o ajuntamento de médiuns em torno do paciente, "as 'correntes' de mãos dadas ou de dedos se tocando sobre a mesa – condenadas por Kardec – nada mais são do que resíduos do mesmerismo do século XIX, inúteis, supersticiosos e ridicularizantes.".(12)

O passe é prece, concentração e doação. “A oração é prodigioso banho de forças, tal a vigorosa corrente mental que atrai”.(13) Por ela, consegue o passista duas coisas importantes e que asseguram o êxito de sua tarefa: expulsar do próprio mundo interior os sombrios pensamentos remanescentes da atividade comum durante o dia de lutas materiais; Sorver do plano espiritual as substâncias renovadoras de que se repleta, a fim de conseguir operar com eficiência, a favor do próximo presente ou distante do local de sua aplicação.

Em que pese aos místicos que ainda não compreendem e criam confusões ao aplicarem o passe, reconhecemos que muitos encarnados e desencarnados são beneficiados por ele, pois sabemos que é manifestação do amor de Deus, esse sentimento sublime que abarca a todos e os alivia. Importa-nos lembrar, porém, um pensamento Xavieriano: o passe, tal como terapia, não modifica necessariamente as coisas, para nós, mas pode modificar-nos a nós em relação às coisas.

Referências Bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. A Gênese, RJ: Ed. Feb, 29ª edição, 1986, cap. XIV

(2) Os centros de força são o Centro Coronário (se assenta a ligação com a mente que é sede da nossa consciência); .Centro Frontal (atua sobre as glândulas endócrinas, sobre o sistema nervoso); Centro Laríngeo (controla as atividades vocais, do timo, da tiróide e das paratireóides, controlando totalmente a respiração e a fonação); Centro Cardíaco (responsável por todo o aparelho circulatório); Centro Esplênico (regula o sistema hemático); Centro Solar ou Gástrico (responsável pela digestão e absorção dos alimentos sólidos e fluidos) ; Centro Genésico (orientador da função exercida pelo sexo)

(3) Os plexos são constituídos pelo nosso sistema nervoso

autônomo ou vegetativo e neles haveria, digamos assim, centrais irradiantes, os chamados centros de forças.

(4) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de janeiro: Ed FEB, 2000, perg. 98

(5) Idem, perg 99

(6) Disponível em < http://mdemulher.abril.com.br/bem-estar/reportagem/viver-bem/cientistas- exploram-poder-cura-energia-maos-640628.shtml > acessado em 03/11/2011

(7) Tiago 1:17

(8) Kardec, Allan. A Gênese, RJ: Ed. Feb, 29ª edição, 1986, cap. XIV

(9) Kardec, Allan. Obras Póstumas, RJ: Ed. Feb, 1987, cap. VI, item 54

(10) Waldo Vieira. Conduta Espírita , ditado pelo espírito André Luiz, RJ: Ed FEB, 1998, Cap. 28

(11) Pires, José Herculano. Artigo “O Passe” disponível emhttp://www.espirito.org.br/portal/publicacoes/herculano/opd-12.html> acessado em 07/11/2011

(12) Idem

(13) Xavier, Francisco Cândido. Nos Domínios da Mediunidade, ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed FEB, 2000, Cap.17



Peripécias e eficácias do “passe” nos centros espíritas

Ainda muito jovem fui convidado para “receber” um “passezinho” no centro espírita. Após ouvir a palestra, adentramos na sala de passes, postamo-nos diante do passista e, de modo repentino, o passista deu início a estrondosos e arrepiantes “ARROTOS” na sala. Procuramos consultar o que estava ocorrendo e fomos informados, pasmem! Que o ARROTO era um tratamento de “dispersão” fluídica concentrada no ambiente. Naquela época não professava o Espiritismo, e obviamente fiquei muito indignado.

Os anos advieram, estudei as obras de Allan Kardec, adotei a proposta da Doutrina dos Espíritos como ideal de vida; contudo, tragicamente ainda hoje tenho informações sobre “técnicas” terapêuticas curiosíssimas, realizadas em algumas casas “espíritas”. Atualmente existem instituições que oferecem sessões de passes para todos os gostos e interesses, a exemplo do passe “normal”, aplicado obrigatoriamente após as palestras públicas, normalmente destinado aos famosos papa-passes; do passe “forte” (com direito a arremedos de exorcismos de obsessores na presença do obsedado); do passe “ultra forte” do tipo CURA TUDO (destinado a enfermos graves, obsedados, psicóticos etc., com direito a acorrentamento de obsessores e até "engarrafamento e enrolhamento” dos algozes das trevas); do passe "virtual", VIRTUAL (!? hummm...) etc. Seria caricata se não fosse patética tal ocorrência.

Há os que “transmitem” passes através de gestos desabridos, malabarismos manuais, choques bizarros com tremeliques corporais, estalos de dedos, cantos peculiares, e ainda os famigerados ARROTOS. Isso mesmo, ARROTOS...! Há

passistas que incorporam “entidades” durante o passe, esquecidos de que não se deve aplicar passe mediunizado porque não é prática espírita. Não há necessidade de incorporação mediúnica nas sessões de passe. O passista pode até agir sob a influência da entidade, mas não carece verbalizar, aconselhar ou transmitir mensagens outras concomitantes ao passe. É contraproducente! O assunto é recorrente, mas não há como ignorá-lo, até porque a aplicação do passe magnético não comporta atitudes imprudentes, nem admite desatino nas suas expressões. Exige sim, um estudo contínuo dos seus mecanismos, sobretudo quanto à necessidade de sua aplicação.

Conhecemos médiuns que só aplicam passes com roupas brancas, ou debaixo de pirâmides metalizadas. Há os que terceirizam para o além o passe através das viagens astrais (através das milagrosas apometrias), e mais uma infinidade de métodos, para todos os (des)gostos. Isso, sem deixar de citar que aplicam-se passes magnéticos nas paredes dos centros espíritas para "descontaminá-las" das energias negativas. “Eita, quanta criatividade!”...

Afastando-nos dessas peripécias passistas, analisemos efetivamente o significado do tema na instituição espírita. Vimos que existem inúmeras práticas não compatíveis com a sã Doutrina Espírita que urge sejam arguidas à exaustão, nas bases da compostura cristã, sem nenhuma pecha de intolerância, obviamente. Até porque a verdadeira prática Espírita é a expressão da moral cristã, consubstanciada no Evangelho do Cristo.

O bom emprego do passe não admite qualquer expediente espetaculoso. As encenações preparatórias – “mãos erguidas ao alto e abertas, para suposta captação de fluidos pelo passista, mãos abertas sobre os joelhos, pelo paciente, para melhor assimilação fluídica, braços e pernas descruzados para não impedir a livre passagem dos fluidos, e assim por diante – só

servem para ridicularizar o passe, o passista e o paciente. A formação das chamadas “correntes” mediúnicas, com o ajuntamento de médiuns em torno do paciente, “as ‘correntes’ de mãos dadas ou de dedos se tocando sobre a mesa – condenadas por Kardec – nada mais são do que resíduos do mesmerismo do século XIX; inúteis, supersticiosos e ridicularizantes.”(1)

O passe deverá sempre ser ministrado de modo silencioso, com naturalidade. Os espíritas não são proibidos de nada, todavia práticas alucinadas são inaceitáveis. A propósito do legítimo passe,“assim como a transfusão de sangue, representa uma renovação das forças físicas, o passe é uma transfusão de energias psíquicas, com a diferença de que os recursos orgânicos (físicos) são retirados de um reservatório limitado, e os elementos psíquicos o são do reservatório ilimitado das forças espirituais.” – explica o Espírito Emmanuel. (2) Recordemos que Jesus utilizou o passe "impondo as mãos" sobre os enfermos e os perturbados espiritualmente para beneficiá-los. E ensinou essa prática aos seus discípulos e apóstolos, que também a empregaram largamente. Entretanto, é nas hostes espíritas que o passe é melhor compreendido, mais largamente difundido e utilizado.

O Evangelista Mateus numa das suas narrativas assegura que "Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe dizendo: Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo de sua lepra". (3) Mas o que é efetivamente o passe? “É uma transfusão de energias, capaz de alterar o campo celular.” (4) Na definição do “Aurélio”, o passe seria o “ato de passar as mãos repetidamente ante os olhos de uma pessoa para magnetizá-la, ou sobre uma parte doente de uma pessoa para curá-la.” (5) No Pentateuco mosaico localizamos o seguinte evento: "Josué, filho de Num estava cheio do espírito de sabedoria, porquanto Moisés havia posto sobre ele suas mãos: assim os filhos de Israel lhe deram ouvidos, e fizeram como o Senhor ordenara a Moisés.” (6)

Sabemos que "é muito comum a faculdade de curar pela influência fluídica e pode desenvolver-se por meio do exercício.” (7) Mas cabe esclarecer que o passe e imposição de mãos não são a mesma coisa. Tem-se a imposição de mãos como apenas um método, mas naturalmente uma pessoa desprovida dos braços pode fornecer um passe pela força do desejo e pelo auxílio dos Espíritos. O fluxo magnético se sustenta e se arremessa à custa da vontade tanto do passista quanto de seres desencarnados que o acodem na conciliação dos fluídos.

O evangelista Marcos descreve sobre um dos chefes da sinagoga, “chamado Jairo que logo após avistar a Jesus, lançou-se-lhe aos pés. E lhe rogava com instância, dizendo: Minha filhinha está nas últimas; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos para que sare e viva.” (8) Na obra Mecanismos da Mediunidade, André Luiz explana que “o passe, como gênero de auxilio, invariavelmente aplicado sem qualquer contraindicação, é sempre valioso no tratamento devido aos enfermos de toda classe” (9)

Em suma, não é demasiado recordar que o exercício das práticas espíritas sem a devida base moral será, fatalmente, uma incursão inequívoca no mundo da inadvertência e, consequentemente, nas teias das ESCURIDÕES TRANSCENDENTAIS.

Referência Bibliográfica:

(1) Pires, José Herculano. Artigo “O Passe” disponível em http://www.espirito.org.br/portal/publicacoes/herculano/opd-12.html> acessado em 07/11/2011

(2) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de janeiro: Ed FEB, 2000, perg. 98

(3) Mateus 8: 3.

(4) Xavier, Francisco Cândido. Nos Domínios da Mediunidade, ditado pelo espírito André Luiz, Rio de janeiro: Ed

FEB, 2004, Cap. XVII.

(5) Aurélio Buarque de Holanda Ferreira . Novo Dicionário da Língua Portuguesa, SP: editora Nova Fronteira, 2001

(6) Deuteronômio 34: 9 -12.

(7) Kardec Allan. A Gênese, RJ: Ed FEB, 2004, Cap. XIV, item 34.

(8) Marcos 5: 21 - 23).

(9) Xavier, Francisco Cândido. Nos Domínios da Mediunidade, ditado pelo espírito André Luiz, Rio de janeiro: Ed FEB, 2004, Cap. XI



O Consolador prometido através das televisões e cinemas do mundo

A divulgação espírita em profusão pela televisão e cinema brasileiro é uma estratégia da espiritualidade bastante interessante para o programa da Terceira Revelação na Pátria do Evangelho! Principalmente a Rede Globo de televisão, que tem promovido novelas que vão desde a doutrinação evangélica até a defesa imparcial dos preceitos kardecianos, adotando o discurso conciliatório, visando não entrar em rota de colisão as outras crenças religiosas.

A teledramaturgia global tem presenteado a humanidade com peças antológicas, a exemplo das telenovelas "A Viagem", "O Profeta", "Alma Gêmea", "Páginas da Vida", "Mulheres Apaixonadas", todas com a temática Espírita, estabelecendo linhas de exposições preceituais e difusão concreta das lições imortalistas. Há diversas outras programações nos teledramas da emissora, como "Sinhá Moça", "Prova de Amor", "A Casa das Sete Mulheres", "Escrito nas Estrelas", propondo o enredo reencarnacionista, ilustrado tecnicamente através de efeitos especiais hollywoodianos.

Além dessa clara abordagem allankardeciana na telinha, o mundo contemporâneo está sendo agraciado com uma ampla difusão espírita através da sétima arte, materializada nas inúmeras salas de cinema s deste fantástico país, como ocorreu com os filmes "Bezerra de Menezes" e "Chico Xavier", ambos retratando a vida dos baluartes do Espiritismo no Brasil. Nessa rota estupenda foi exibida a monumental obra cinematográfica "Nosso Lar", inspirada na obra do Espírito André Luiz, que retrata minuciosamente os panoramas das dimensões da vida

humana para além da tumba.

O fenômeno midiático não ocorre somente no Brasil, pois os americanos nessas duas décadas produziram muitos filmes abordando temas espiritualistas. Vale destacar que os quatro mais bem-sucedidos seriados norte-americanos - Cold Case, Supernatural, Médium e Ghost Whisperer - trazem conteúdo doutrinário. O projeto cinematográfico parece ir tão bem nos índices de audiência que até seriados mais conservadores, como Grey's Anatomy, andam veiculando mensagens que nos remetem ao "além-túmulo". Na segunda temporada da série, Meredith Grey, protagonista da história, fica entre a vida e a morte, numa experiência de quase morte, e encontra-se com inúmeros desencarnados. Seriam as visões de Grey apenas reações químicas do cérebro inconsciente? Seriam experiências reais com o mundo dos Espíritos? Os autores deixam ao telespectador a liberdade de julgar.

Sarcasticamente, alguns ignorantes estão vociferando que, "se o gnosticismo é a filosofia do mundo moderno politicamente correto, o espiritismo, com toda a sua retórica "açucarada" e relativista, é a religião da vez!" A despeito das vozes enfurecidas dos céticos materialistas e espiritualistas fanáticos que ora estão rejeitando a "invasão" de técnicas informativas sobre a vida espiritual, a massa media continuará fazendo livremente (graças a Deus!) a divulgação do Espiritismo e o chamado mundo cult (1), obviamente agradecendo e aplaudindo de pé as ofertas de "produtos" de transcendente valor moral contidos na Terceira Revelação.

Referência:

(1) Cult ou clássico cult é a denominação dada aos produtos da cultura popular que possuam um grupo de fãs ávidos. Geralmente, algo cult continua a ter admiradores e consumidores mesmo após não estar mais em evidência,

devido à produção interrompida ou cancelada. Muitas obras e franquias, inclusive, atingem status de cult depois que suas "vidas úteis" supostamente expiraram.

A palavra cult, em inglês, significa culto, que realmente é o que parece alguns grupos de "seguidores". Os adeptos geralmente se dedicam a manter contato entre si, através de convenções, grupos de discussão na internet e lojas especializadas. Manifestações desse tipo são os fatores responsáveis pela longevidade cultural dessas obras. Vários grupos de adeptos são tão ativos que inclusive recebem denominações, como os trekkers (fãs da franquia Star Trek) ou os otakus (admiradores de anime e mangá). As denominações dadas aos grupos de fãs passam a ser parte do universo em volta do artefato cultural de adoração, tomando parte na visão geral no inconsciente popular em relação à obra.



“Curandeiros endeusados”, cirurgiões do além – sob os narcóticos insensatos do comércio

Após leitura de intrigante reportagem da Revista VEJA, deliberamos reproduzir e contextualizar alguns trechos da matéria publicada. Intitulada “A face humana do mais endeusado médium brasileiro” (1), a revista destacou a capacidade do famigerado médium de atrair gente do mundo inteiro para um município próximo do Distrito Federal. Afirma a reportagem que o “santificado médium” vive o cotidiano sob o manto da contradição entre o “espírito e a carne”, a “cura e a doença”, o “desprendimento e a vaidade”, os gestos de “generosidade, os arroubos de cólera” e os negócios terrenos (2) [é milionário], os amores [tem onze filhos com dez mulheres diferentes]. A cada dois anos o “curandeiro-endeusado do cerrado” troca a frota de carros da família. O dele é um Mohave Kia, avaliado em 170 000 reais.”. (3)

Sabemos que a mediunidade não guarda relação com o desenvolvimento moral; seu funcionamento independe das qualidades morais, assim como o coração pulsa independentemente dos sentimentos bons ou maus que a pessoa alimente. O fato é que os médiuns de tais “cirurgiões do além” sempre seduzem grande número de fregueses, estabelecendo, não raro, com a mediunidade, um negócio rendoso, uma polpuda fonte de captação de dólares e reais. Para comprovar, consideremos o fato aqui comentado. Chequemos o seguinte: o PIB - Produto Interno Bruto - do município onde o “médium-feiticeiro do cerrado” comercializa disfarçada e generosamente a “cirurgia transcendental” é de 15 milhões de reais ao ano. No mesmo período, a instituição

dirigida por tal “deus da mediunidade de cura” “tem faturamento de, no mínimo, 7,2 milhões de reais, levando-se em conta exclusivamente o comércio de passiflora, preparado à base de maracujá, produzido ali mesmo, vendido a 50 reais o frasco e receitado a uma média de 3.000 visitantes semanais.”. (4)

Por sérias razões, não apreciamos e sequer indicamos esse tipo de mediunidade, embora, excepcionalmente, acatemos os efeitos mediúnicos atingidos por alguns poucos médiuns humildes e honestos. Infelizmente alguns “deuses dos bisturis”, que promovem cirurgias com auxílio de supostos médicos do além, conseguem robustecer suas contas bancárias. Há algumas décadas Chico Xavier advertiu: “Creio que isto deva ser fruto da educação da pessoa simplória, acreditar que, pagando bem, irá conseguir curas espirituais. O verdadeiro Espiritismo não pode cobrar, nem mesmo os remédios que receita aos doentes. Também sou contra essa estória de meter instrumentos cortantes no corpo dos outros, sem ser clínico. O médico estudou bastante anatomia, patologia e, por isso, está habilitado a fazer uma cirurgia. Por que eu, sendo médium, vou agora pegar uma faca e abrir o corpo de um cristão sem ser considerado um criminoso?”. (5)

O médium de Pedro Leopoldo disse que foi operado pelos médicos terrenos cinco vezes, e vários médiuns lhe ofereceram seus serviços. “O Espírito Emmanuel lhe repreendeu: Você deveria ter vergonha até em pensar em receber esse tipo de cura, porque todos os outros doentes vertem sangue, usam éter, tomam determinados remédios para melhorar. Como você pretende se curar numa cadeira de balanço?”. (6)

Do exposto, indagamos o seguinte: como ajuizarmos atualmente esses “curandeiros e cirurgiões do além”? Chico Xavier, quando estava para se submeter a uma cirurgia, em 1968, de um tumor na próstata, Zé Arigó [que não era espírita], mandou lhe avisar que estava pronto para realizar a

operação. Chico respondeu: "como é que eu ficaria diante de tanto sofredor que me procura e que vai a caminho do bisturi, como o boi vai para o matadouro? E eu, sabendo disso, vou querer facilidades? Eu tenho é que operar [com médicos encarnados] como os outros, sofrendo com eles! (7) Por isso, o Espírito André Luiz advertiu para "aceitar o auxílio dos missionários e obreiros da medicina terrena, não exigindo proteção e responsabilidade exclusivos dos médicos desencarnados". (8)

É deplorável que os médiuns evoquem "Espíritos" para que lhes atendam como "cirurgiões do além" a fim de retalhar e perfurar corpos em nome de "operações espirituais", que lhes prescrevam placebos. É lamentável essa tendência de subestimar a contribuição da medicina humana, entregando nossas enfermidades aos Espíritos "curandeiros do além" (preferencialmente com nome germânico ou hindu) para que "curem" doenças. Precisamos "aproveitar a moléstia como período de lições, sobretudo como tempo de aplicação de valores alusivos à convicção religiosa. A enfermidade pode ser considerada por termômetro da fé". (9)

Não desconhecemos a plausível intervenção dos desencarnados nos processos terapêuticos na Terra, mas não se pode dar proeminência a esse tipo de trabalho, na suposição de curas ou na pérfida ideia de robustecimento do Espiritismo por esses meios. É urgente não abrirmos mão da precaução! Ainda mesmo que o excesso em tudo seja prejudicial. Contudo, Kardec endossa nossa atitude dizendo que "vale mais pecar por excesso de prudência do que por excesso de confiança". (10) Acreditamos que as "terapias alternativas", "curandeirismos" e a fascinação na prática mediúnica, são fatores que têm desestabilizado o plano [da união] entre os espíritas e da unidade doutrinária. (11) É pouco significante que um "cirurgião do além-túmulo" faça desaparecer anomalias inibidoras ou deformantes do corpo, até porque o perispírito

conservará a patologia, que vai se projetar para reencarnações futuras, exceto que nos ajustemos com a lei da justiça, cobrindo com amor a "multidão de pecados" que carregamos. Jamais olvidemos que a cirurgia transcendente pode até mesmo refrear temporariamente as doenças físicas, mas o amor, trabalhando nos tecidos sutis da alma, cura, purifica e redime para a eternidade.

Segundo Divaldo Franco, "é uma temeridade transformar o centro espírita em pequeno hospital para atendimento de todas as mazelas; isso é uma loucura, é um desvio da finalidade da prática do Espiritismo. Podemos, sim, fazer uma atividade de atendimento a doentes que são portadores de problemas na área da saúde espiritual. Poderemos aplicar-lhes passes, doar-lhes a água fluidificada, se for o caso; mas a função principal do Centro Espírita é iluminar a consciência daqueles que o buscam.". (12)

Ressalta o tribuno baiano que certa vez o Espírito do "Dr. Fritz" quis operar Chico Xavier, em 1965, através do médium não espírita Zé Arigó: - "Eu te ponho bom desse olho. Faço-te a cirurgia agora! Pronunciou Arigó, e Chico Xavier respondeu-lhe: - "Não, isso é um karma. Eu sei que o senhor pode consertar o meu olho. Mas como o karma continuará, vai aparecer-me outra doença. Como eu já estou acostumado com essa, eu a prefiro. Por que eu iria querer uma doença nova?". (13)

Os Espíritos não estão a disposição para promover curas de patologias que não raro representam providências corretivas para nosso crescimento espiritual no buril expiatório. Nesse sentido, os dirigentes de núcleos espíritas deveriam promover bases de estudos e reflexões sobre as propostas filosóficas, científicas e religiosas do Espiritismo, em vez de encetarem trabalhos espirituais para os inócuos "curanderismos".

Referências bibliográficas:

(1) Disponível em http://vejabrasil.abril.com.br/brasilia/materia/joao-do-ceu-e-da-terra-508 acesso em 14/09/2013

(2) Suas economias vêm do garimpo. Ele é dono de fazendas na região, é proprietário de apartamentos em Brasília, Goiânia, Anápolis e Abadiânia.

(3) Disponível em http://vejabrasil.abril.com.br/brasilia/materia/joao-do-ceu-e-da-terra-508 acesso em 14/09/2013

(4) Idem

(5) Entrevista, concedida aos jornalistas goianos Batista Custódio — Diário da Manhã — e Consuelo Nasser — Revista Presença —publicado no jornal "Goiás Espírita" — órgão de divulgação da Federação Espírita do Estado de Goiás — edição 284, de janeiro/fevereiro de 1988

(6) Idem

(7) Idem

(8) Vieira, Waldo. Conduta Espírita, Ditado pelo Espírito André Luiz, Cap.35. RJ: Editora FEB, 1977-5ª edição

(9) Idem

(10) Kardec, Allan. Viagem Espírita-1862, Brasília, Ed. Edicel, 2002, pág. 33

(11) Franco. Divaldo. Publicado no jornal Alavanca - abril/maio-2000

(12)Entrevista com Divaldo Franco publicado no jornal "A Gazeta do Iguaçu" em julho de 1997



Conselheiros e críticos de ocasião

(Publicado na Revista "O Médium" em 1998)

Entre o falar e o agir é inquestionável que há uma longa distância. Quando somos mais jovens e temos anseios espirituais, as palestras, as conversas cristãs sempre calam com mais profundidade nos corações imbuídos da sinceridade espírita.

Buscamos diretrizes seguras para caminharmos, muitas tertúlias ficaram indeléveis em nossas memórias, a fim de servirem de nortes e bases seguras para decisões ulteriores.

Ouvíamos muitos conselhos enérgicos quanto à educação dos filhos. Nada de condescendência, porque aí residia o perigo para uma formação distorcida a se manifestar no porvir. Filhos mimados e sem limites beiravam a marginalização. Claro, não podíamos contestar, à época, tão oportunas advertências, até porque os filhos são investimentos espirituais da maior envergadura.

O tempo - esse sábio orientador-, que nos ensina hoje e sempre que não devemos brincar de viver, nos ratificou que a teoria é bela, mas a prática é por demais grandiosa.

O tempo tem se incumbido de expressar com fidedignidade o resultado das incisivas admoestações de antanho. Entre o falar e o agir, entre o propor aos outros, descuidados dos seus, alguma coisa faltou na formação dos filhos de muitos conselheiros impulsivos, até porque muitas vezes a prole acaba por espelhar os valores eivados pelo modismo contemporâneo.

Desde a tatuagem fincada no corpo, passando pelo cabelo à moda punk, tangendo pelas cervejinhas "inofensivas", dos

esportes radicais às roupas extravagantes, até mesmo aos casamentos apressados ante gravidezes "acidentais" são evidências claras de que o projeto Cristão de ontem caiu na vala rasa da retórica vazia.

Não são poucos líderes do passado que censuravam sistematicamente as festinhas sociais e os bem-aquinhoados que tiravam férias todo ano e possuíam mais de um carro zero, etc. Em verdade, esses críticos de ocasião estavam escamoteando suas frustrações, projetando nesses comentários amargos o suporte para suas "verdades" particulares. Por ironia, hoje não só estão mergulhados nas festinhas sociais como também vivem o luxo e abominam a simplicidade cristã. Esqueceram velhas amizades, na suposição de que status social vai trazer conforto na hora da dor, da doença e da desencarnação!!!

Nesse contexto, longe de nos posicionarmos como senhores da verdade. Incorreríamos no mesmo refrão do passado. Muito menos vaticinarmos o infortúnio desses companheiros de atitudes sensatas. Até porque estamos convictos de que somente as leis de Deus são indefectíveis e como tais - a cada um é dado conforme as obras.

Por fim, queremos enfatizar que interpretar os ensinamentos de Cristo se exige muito mais que palavras brilhantes. Muitas circunstâncias pedem que levantemos os joelhos sangrando e que suportemos os corações dilacerados, para compreender os pérfidos deslizes humanos. Diante disso, é imperioso que continuemos a acreditar no bem, fortalecendo o ideal superior, certos de que ao "julgarmos seremos julgados e na dimensão com que medirmos, seremos medidos nas proporções equivalentes" - advertiu Jesus há dois mil anos.

Maria Eleusa de Castro Hessen
E-mail: eleusa_hessen@yahoo.com.br



Saúde pública e as propostas espíritas

Ao fazermos esta oportuna reflexão a respeito dos planos de saúde, nos vêm à mente, obviamente, a questão da doença humana e seu tratamento. Muitos governos se esforçam para que haja o acesso universal e gratuito à saúde, por ser um direito inscrito na Carta Magna de diversos países. Embora o avanço tecnológico tenha reduzido os custos intrínsecos à existência humana em diversas áreas, e apesar de as pessoas, atualmente, gastarem menos com moradia, com locomoção, com vestuário e comunicação, gastam, demasiadamente, com medicamentos no trato das doenças, face da inexistência de concorrência entre os fabricantes, o que impossibilita o consumo, pela classe popular, a preços bem mais acessíveis. Nessa direção, os tratamentos médicos ficam mais caros em face da aplicação tecnológica.

No Brasil, a Constituição de 1988 tornou, em tese, o acesso à saúde gratuita um direito universal de todo cidadão brasileiro. Para atender a esse objetivo, foi criado, há duas décadas, o Sistema Único de Saúde (SUS). Na prática, no entanto, ocorreu com a saúde algo semelhante ao observado na educação. A precária qualidade do atendimento público empurrou a classe média para o sistema privado.

O Ministério da Saúde possui o maior orçamento do governo. O Brasil gasta, com saúde, mais do que outros países em desenvolvimento, e nem por isso possui indicadores mais favoráveis, ou seja, o País não oferece um nível mínimo de atendimento eficaz. Observamos o sucateamento do setor público de saúde no Brasil, razão por que os Centros de Saúde não atendem, satisfatoriamente, a demanda da população, pelo

número excessivo de pacientes a serem socorridos, seja por falta de equipamentos básicos necessários em casos de emergência, seja pelo número reduzido dos profissionais de que podem dispor ou seja pelos baixos salários que esses profissionais recebem, dentre outros fatores. Tudo isso tem provocado uma reação de abandono do serviço público a esses profissionais.

As pessoas tendem a buscar meios alternativos para tratar seus males, e dentre eles estão os espaços religiosos, que possibilitam o acolhimento fraterno, dando importância e atenção ao que a pessoa está sentindo, e que, em muitas das vezes, aproxima-se da real condição da enferma. Outras radicalizam mais, preferindo o auxílio das "rezadeiras" ou dos "curandeiros", disponíveis a atender, gratuitamente, através da reza e dos curativos feitos com ervas, por exemplo, crendo na cura das pessoas, apenas pelo fato de terem recebido o "dom de Deus".

Todavia, muitos procuram as casas de orientação espírita, pois, nelas, encontram-se tratamentos para o bem-estar dos indivíduos, tendo o centro um papel positivo na prevenção e na manutenção da saúde. Já que o governo tem suas dificuldades na área, os espaços religiosos procuram oferecer alívio a esses males e sofrimentos, como também conforto, solidariedade e acolhimento. Daí a representação da relevância das práticas espíritas na saúde da população. O Centro Espírita percebe a prevenção de saúde de forma ampliada e contínua, através da difusão (sem prosélitos) das suas atividades. Portanto, o papel desempenhado pelas estruturas espíritas e/ou religiosas, de forma geral, pode ser de fato, entendido como apoio à saúde na sociedade.

A temática de práticas espíritas relacionadas à saúde pública é pouco discutida, razão pela qual não encontramos muitas publicações referentes à percepção desse fenômeno social pelos grupos espíritas. Os fatos têm confirmado o papel do

apoio social do Centro Espírita na percepção do bem-estar e sua relação com a concepção do amor e da caridade como fundamentos da conduta humana, explicados como saudáveis e capazes de manter a saúde da população.

Portanto, não podemos desconhecer, nesse debate, essas formas de medicina alternativa (ou saúde alternativa), atualmente, com grande penetração nos centros urbanos, tanto nas camadas médias, quanto nas camadas mais pobres da sociedade. São conhecidas como "alternativas", "paralelas" ou "complementares" à biomedicina. Mesmo os pacientes que se tratam pela medicina convencional, freqUentemente buscam os recursos das casas espíritas. Sabemos que grupos espíritas pequenos, de pessoas amigas, conhecidas, produzem soluções mais eficazes aos problemas cotidianos, ou seja, percebe-se o processo terapêutico do contato fraterno no equilíbrio das doenças.

A fé raciocinada, que o Espiritismo propõe, dá sentido à vida, oferecendo consolo, renovando energias e dando orientações eficazes às situações de angústia, às incertezas das ideias e, conseqUentemente, à insegurança pessoal. Essa fé está ligada à vida concreta dos que nela depositam a sua crença. Em todo tipo de religião, está implícito um problema central: liberar o homem da incerteza de sua transcendência, dar sentido à sua vida no mundo e além dele. Numa palavra: "conscientização" do mundo espiritual.

As propostas terapêuticas espíritas se caracterizam em atividades desenvolvidas pelos centros através de orações, passes magnéticos, atendimentos fraternos, desobsessão e águas magnetizadas (fluidificadas). Essas são as formas de tratamento alternativo, paralelo ao tratamento médico. As pessoas, que participam desses processos, sentem-se com menos medo, são menos ansiosas, mais estáveis emocionalmente, menos isoladas e mais preocupadas umas com as outras. O Espiritismo procura explicar os aspectos

psicológicos e a sua relação com as doenças.

Evocamos o moderno uso do termo "psicossomático", que nos remete a antigas concepções: a importância dos fatores psicológicos na causa das doenças e uma visão integral do ser humano. As patologias da modernidade denominadas "doenças da civilização", estão relacionadas ao estresse, às dietas ricas em gordura e açúcar, ao fumo, ao álcool, às drogas, à vida sedentária e à poluição ambiental, características da vida moderna.

Reflitamos, pois, que o corpo físico na Terra é o filtro vivo de nossa alma. Os nossos pensamentos expressar-se-ão, segundo os sentimos, tanto quanto nossos atos serão exteriorizados, conforme pensamos. Todos os processos emocionais do coração atingem o cérebro, de onde se irradiam para o campo das manifestações e das formas. Para que não fiquemos no eterno conflito entre planos de saúde particulares versus políticas públicas sobre a saúde da população, recordemos que a situação ideal será sempre a do equilíbrio com a vigilância concentrada na mente, pois que influências do mundo espiritual sobre o mundo material são muito mais intensas do que se imagina, conforme resposta dada à pergunta de Kardec aos espíritos: - "Os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações? - A esse respeito sua influência é maior do que credes porque, freqUentemente, são eles que vos dirigem." (1) Particularmente, o conhecimento da influência dos espíritos sobre a saúde do ser humano é um tópico de grande importância para a Ciência e de especial relevância para o nosso aprimoramento moral.

"A saúde integral encontra-se, pois, ao alcance de quantos desejem sinceramente autovencer-se, seguindo os procedimentos morais e espirituais que a vida oferece, e toda vez que se engane e se perturbe, recorrendo aos métodos das Ciências correspondentes, que são recursos oferecidos pelo Criador, que não deseja a morte do pecador, mas sim a do

pecado, isto é, que sempre ampara aquele que erra, nele trabalhando a correção do fator de perturbação e de insânia de que se faça instrumento." (2)

Referências bibliográficas:

(1) Kardec, em "O Livro dos Espíritos", 1995, 96ª Ed., Questão 459, p.208

(2) Franco, Divaldo P. "Triunfo Pessoal", Salvador, BA:Leal, 2002, p.192



O bem público e a ética na administração

Vivemos tempos complexos e tormentosos. Há violências de várias nuanças em toda parte do Orbe. "A violência urbana é reflexo natural dos que administram gabinetes luxuosos e desviam os valores que pertencem ao povo; que elaboram Leis injustas, que apenas os favorecem; que esmagam os menos afortunados, utilizando-se de medidas especiais, de exceção, que os anulam; que exigem submissão das massas, para que consigam o que lhes pertence de direito... produzindo o lixo moral e os desconsertos psicológicos, psíquicos, espirituais". (1)

Em nosso País, o cenário político e social é frustrante. Entre denúncias de corrupção, omissões e de venalidade, sobra diminuta fé nos homens investidos de funções no serviço público. Fala-se muito em políticas públicas, porém, o que mais tem prejudicado a aplicação dessas políticas é o nível de descrédito a que chegou o Estado com suas "instituições". A sociedade política é vista com suspeita, quando não, com hostilidade pela sociedade em geral.

No Brasil, a Proclamação da República, engendrada de cima para baixo, não teve como consequência a incorporação dos valores republicanos legítimos da transparência e da honestidade. A impunidade ensombra a Justiça e instiga novos desmandos. A massa, em geral, se espelha nos personagens eminentes da vida pública e procura, nas ressonâncias no comportamento destes, as próprias justificativas para seus deslizes deliberados.

O jargão "jeitinho brasileiro", ou levar vantagem a despeito de tudo e de todos, irrompe-se como um escopo cristalizado, que se potencializa e se generaliza na tessitura do tecido social.

A concepção do êxito ou sucesso pessoal, como resultado de um labor continuado e sistemático, torna-se pouco atraente. A entronização do "jeitinho" dos que resistem ao bom senso e à ética não mais significa espírito criativo, na essência, mas artimanhas dos espertalhões e ausência de caráter dos gazeteiros das aulas de honestidade.

Muitos se interrogam no imo da consciência: Haverá futuro promissor para uma sociedade assim estruturada? Reflitamos nas notícias da História, que nos fornecem inúmeros exemplos de civilizações que se corromperam sob o império da defecção moral.

Em Roma, no momento histórico do Império, os costumes e os valores se degeneraram. Alguns pensadores e filósofos mostraram-se angustiados nos seus textos com o estado de coisas daquelas épocas recuadas de então. Muitos juristas deixaram registros escritos que denotavam suas preocupações com a corrupção que invadia a vida pública romana. Alguns outros, porém, se preocupavam em propagar as medidas populistas, freqUentemente, adotadas pelos governantes inebriados pelo poder da força, e não pela força do poder.

Muitas deliberações dos governantes atendiam a caprichos da massa, narcotizando suas mentes com os nacos de pães e espetáculos circenses, sem educá-la ou destiná-la ao trabalho produtivo.

A rigor, quem trabalhava era, coercitivamente, apenado com densos tributos, a fim de que "pujantes benefícios" fossem concedidos pelo Estado. Consubstanciavam-se, naqueles idos tempos, a retórica e a prática do assistencialismo, às sombras dos impostos, arbitrariamente, cobrados. Entretanto, o que mais indignava os sóbrios pensadores, da Era áurea de Roma, era a corrupção e a troca de favores, envolvendo o dinheiro público.

O bom senso sussurra-nos na acústica da consciência que cabe ao Estado assegurar direitos, formalmente, garantidos nas

bases constitucionais da sociedade, politicamente, organizada. Entretanto, não apenas isso, mas espera-se, também, que o Estado mantenha os serviços de interesse coletivo em funcionamento normal. Sabemos que há juristas, cientistas políticos, sociólogos, economistas, pesquisadores e estudiosos de outras áreas do conhecimento, inclusive, dedicando tempo precioso e esforços contínuos para entenderem e melhorarem o funcionamento do aparato estatal, com vistas ao bom andamento dos interesses coletivos. Mas......!!!

Não precisamos fazer um esforço sobre-humano para percebermos a similitude entre a conjuntura do cenário brasileiro atual e a sociedade romana de dois mil anos atrás. Ainda respiramos os mesmos ares enfadonhos do regime do compadrio. O dinheiro público (que deveria ser destinado ao povo) é rateado entre alguns, como se fosse propriedade particular.

A humanidade evoluiu, suficientemente, sob os aspectos filosófico-intelectual e científico-social, nesses dois milênios, mas as práticas estão enregeladas no tempo. Todos nós estamos à mercê das atitudes inconscientes ante os desafios da vida hodierna. Alguns avanços permanecem tíbios, no que tange à moralidade. Em consequência, o País e o próprio Mundo seguem conturbados e carentes de maior harmonia coletiva.

Com os escândalos divulgados pela mídia, constata-se um entrelaçamento crescente e preocupante entre a administração pública e as atividades criminosas, mediante um sistêmico processo de pressões, chantagens, tráfico de influência, intimidações e corrupções, com o uso do suborno e da propina, dentre outras falcatruas morais inimagináveis.

Na verdade, todos nós sofremos em razão da falta de Ética. Uma das possíveis conceituações de Ética nos é dada pelo Dicionário Aurélio: "Estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana, do ponto de vista do bem e do mal." Urge

salientar, porém, que Ética e moral não são a mesma coisa, segundo o pensamento de muitos autores. A moral seria a soma dos hábitos, tradições, leis e costumes que sustentam uma sociedade. Portanto, seria de caráter coletivo. A Ética presume escolha voluntária de valores aos quais cada um se submete por vontade própria.

O fenômeno do mundo globalizado trouxe em sua esteira o receituário ideológico, estabelecendo parâmetros de conduta baseados na ética do mercado, isto é, baseados na competição e no exacerbado individualismo. Nesse carreiro, a inadimplência faz com que os muitos preços de produtos e serviços sejam maiores do que deveriam ser. Os porcentuais desviados do dinheiro público dificultam a construção de creches, escolas e hospitais, entre outras obras públicas, uma vez que a desorganização política e a corrupção constituem consequências e fatores causais de desorganização social.

Se quisermos viver num mundo melhor, devemos nos empenhar em promover uma reforma ética generalizada. Toda mudança começa por cada um de nós. Para que a sociedade melhore, cada qual deve se esforçar por se aprimorar. É imperativa a adoção de novos hábitos. Chega de procurar levar vantagem, de fugir dos próprios deveres. Vamos, definitivamente, dar um basta às mentiras, às fraudes e às sonegações fiscais.

Urge sacralizar o bem público, pois todos nós somos responsáveis por ele.

O erário público não existe para ser apropriado por alguns mutilados do caráter, mas para atender às necessidades intransferíveis da coletividade. Destarte, mister se faz a intransigente fiscalização de sua utilização, como cumprimento de um dever intransferível.

Quando formarmos uma sociedade consciente de seus deveres, apenas isso já nos garantirá desfrutarmos de um grande bem-estar social.

Que se restabeleçam os valores da Ética Cristã e que se revitalize o mundo da honestidade. A que ora presenciamos, por estar fundada em valores (sem valor), necessita de um ethos compatível para se manter: o cinismo, o sadismo e as mentiras consentidas.

Se pretendemos impugnar a centralidade da ética no humano, e, com isso, fundarmos um horizonte de abertura à arbitrariedade, à irresponsabilidade ou mesmo, num exercício abusivo dessa irracionalidade, à desumanização e a barbárie, cumpre-nos afirmar a primazia da ética na Administração Pública, por ser a instância fundante do valor dos valores da Administração: o interesse público.

Na condição de espírita que somos, sabemos que, para a criação da "República da Ética Cristã", será necessária uma renovação mental e comportamental, já em curso por força das circunstâncias, mas que pode ser acelerada pela disseminação dos saberes que valorizam a honestidade, a dignidade da vida humana, a natureza e, até mesmo, a nossa subjetividade espiritual.

Neste contexto "o Espiritismo, em razão da sua complexa estrutura cultural, científica, moral e religiosa, é a doutrina capaz de equacionar o sofrimento, liberando as suas vítimas." (2) Desta forma, acreditamos que a Doutrina Espírita "chega, neste momento grave, como resposta do Céu generoso à Terra aflita, oferecendo diretrizes, equipamentos e luzes que proporcionam a paz." (3)

Referências bibliográficas:

(1) FRANCO, Divaldo P. "Amor, imbatível amor". Pelo Espírito Joanna de Ângelis, 6ª ed. Salvador, BA: LEAL, 2000, p. 84

(2) FRANCO, Divaldo P. "Plenitude". Pelo Espírito Joanna de Ângelis, 9ª ed. Salvador, BA: LEAL, 2000, p. 132

(3) FRANCO, Divaldo P. "Desperte e seja feliz". Pelo Espírito Joanna de Angelis, 6ª ed. Salvador, BA: LEAL, 2000, p. 12



O culto aos mortos numa visão kardeciana

O Homem só começa a ser Homem, quando começa a enterrar seus mortos, diz-nos o historiador Aníbal de Almeida Fernandes, em "A Genealogia como fator básico na formação da Civilização", e conclui: É o marco divisório entre o animal e o primeiro homem, e ocorreu há cerca de 40.000 anos com o Homo Sapiens e o Homo Neanderthal, antes mesmo da agricultura, e é o início da história humana. O sentimento de cultuar os mortos foi moldado, pois, a partir de época bem remota e está sedimentado em quase todas as tendências religiosas. As comunidades primitivas, peninsulares, agropastoris, inclinadas ao culto agrícola e ao culto da fertilidade, acreditavam, originariamente, que, em sepultando seus mortos nas proximidades dos campos agrícolas, os espíritos desses cadáveres ressurgiriam à vida com mais vigor, quais sementes plantadas em solo fértil, mas criam que isso se daria como algo secreto e misterioso. Com essa crença, reverenciavam-se os mortos próximos às tumbas, com festas e, sobretudo, com muita alegria, prática que se estendeu viva em algumas culturas contemporâneas. Os costumes dos povos primitivos foram se modificando devido à influência de outros, vindos, provavelmente, do norte da África (os Iberos) e do centro da Europa (os Celtas). Veja-se o que nos revela um dos expoentes da Doutrina Espírita: "É dos gauleses que vem a comemoração dos mortos, (...) só que, em vez de comemorar nos cemitérios, entre túmulos, era no lar que eles celebravam a lembrança dos amigos afastados, mas não perdidos, que eles evocavam a memória dos espíritos amados que algumas vezes de manifestavam por meio das druidisas e dos bardos

inspirados". (1)

Ressalte-se, aqui, que os gauleses evocavam os ancestrais mortos (divindades) nos recintos de pedra bruta. As druidisas (sacerdotisas) e os bardos (poetas e oradores inspirados) eram verdadeiros "médiuns" e somente eles tinham consentimento para consultarem os oráculos (na Antiguidade, resposta de uma divindade a quem a consultava).

Os gauleses, portanto, não veneravam os restos cadavéricos, mas a alma sobrevivente, e era na intimidade de cada habitação que celebravam a lembrança de seus mortos, longe das catacumbas, diferentemente dos povos primitivos. A Festa dos Espíritos era de suma importância para eles, pois homenageavam Samhain, "O Senhor da Morte", festividade, essa, iniciada sempre na noite anterior a 1º de novembro, ou seja, no dia 31 de outubro. Essa celebração marcava o fim do verão e o fim da última colheita do ano. Acreditavam que os espíritos dos mortos, nos meses de inverno, sairiam dos túmulos gelados para visitarem suas antigas moradias aquecidas e orientar seus familiares. Os bons, supostamente, os protegeriam, mas, para confundirem os maus espíritos, vestiam-se de fantasias, o que deu origem à tradicional festa de Halloween dos nossos dias.

Porém, uma densa bruma desceu sobre a terra das Gálias, através do tacão de Roma, que expulsou os druidas e impôs o Cristianismo clérico. Esse período histórico de frenética agitação, mais tarde foi mutilado pelos bárbaros, sobrevindo uma madrugada de dez séculos (a obscura Idade Média), que proscreveu o espiritualismo e entronizou a superstição, o sobrenatural, o milagre, a beatificação, a santificação e a definitiva narcotização da consciência humana, levando-a ao analfabetismo espiritual.

A história oficial da Igreja registra que foi no Mosteiro beneditino de Cluny, no sul da França, no ano de 998, que o Abade Odilon promovia a celebração do dia 2 de novembro, em

memória dos mortos, dentro de uma perspectiva catolicista. Pela influência que esse Mosteiro, então, exercia na Europa setentrional, propagou-se com rapidez a nova celebração, até porque veio de encontro aos costumes já arraigados em todas as culturas, cada qual com seu entendimento e sua prática, obviamente, quanto a cultuar os mortos. Somente em 1311 foi sancionada, em Roma, oficialmente, a memória dos falecidos, mas foi Bento XV quem universalizou tal celebração, em l915, dentre os católicos, cuja expansão da religião auxiliou, ainda mais, a difusão desse costume.

A legislação vigente chega a declarar o dia 2 de novembro como feriado nacional, com o objetivo de as pessoas poderem homenagear seus parentes e amigos falecidos. Nós, os espíritas, somos questionados sobre o tema: como o Espiritismo analisa o dia dos mortos? Respondemos a essa questão, da seguinte maneira: as religiões falham, excessivamente, no que tange aos ensinos das essenciais noções sobre a imortalidade da alma, muito embora haja uma ou outra que já tenha alguma noção do que seja. Mesmo assim, ainda insigne, se comparada aos ensinamentos de luz, ditados a Allan Kardec, e contidos em "O Livro dos Espíritos". Daí a razão pela qual, no dia dos finados, as pessoas se dirigem aos "campos santos", como se o cemitério fosse a morada eterna daqueles que desencarnam. "O Livro dos Espíritos" nos ensina o respeito aos desencarnados como um impositivo de fraternidade, sem que materializemos esse sentimento frente aos túmulos, nem que tais lembranças ou homenagens sejam realizadas em um dia especial, oficialmente estabelecido.

Nos dias de hoje, essa celebração se desviou, e muito, do ritual religioso, transportando-se do foco sentimental e emocional para o comercial, uma vez que a mercantilização de flores, velas, santinhos, escapulários, e a eventual preocupação para a conservação dos túmulos (normalmente, só são lembrados em novembro) respondem por esse protocolo social.

O zelo com que são cuidados os túmulos só tem algum sentido para os encarnados, que, aliás, devem se precaver para não criarem um estranho tipo de culto. Não devemos converter as necrópoles vazias em "salas de visita do além", como diz Richard Simonetti, (2) até porque, há locais mais indicados para nos lembrarmos daqueles que desencarnaram.

Ainda que não reprovemos, de maneira absoluta, as pompas fúnebres, pois a homenagem à memória de um homem de bem, "são justas e de bom exemplo"(3), o Espiritismo revela que o desejo de perpetuar a própria memória nos monumentos fúnebres vem do derradeiro ato de orgulho . "A suntuosidade dos monumentos fúnebres determinada por parentes que desejam honrar a memória do falecido, e não por este, ainda faz parte do orgulho dos parentes, que querem honrar-se a si mesmos. Nem sempre é pelo morto que se fazem todas essas demonstrações, mas por amor-próprio, por consideração ao mundo e para exibição de riqueza ."(4) A tumba é o lugar-comum de encontro de todos os homens e nela se findam, impiedosamente, todas as distinções sociais. Em face disso, é inútil o rico tentar perpetuar a sua memória por meio de faustosos monumentos. Os anos os destruirão, assim como o seu próprio corpo. Essa é a Lei da natureza. A recordação das boas e más ações será menos perecível que o seu túmulo. A pompa dos funerais não o deixará limpo de suas torpezas e não o fará ascender sequer um degrau na hierarquia espiritual.(5)

Procuramos, mais, o lado cômodo, arraigando-nos ao formalismo material e desprezamos a essencialidade do ser, motivo pelo qual obrigou Jesus a se expressar aos escribas e fariseus da sua época: "sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos de cadáveres e de toda espécie de podridão".(6)

Da questão 320 à 329 do Livro matriz, que deu origem ao Espiritismo, recebemos lições de extrema importância sobre funerais e celebração em memória dos "mortos", vejamos: os

Benfeitores afirmam que os chamados "mortos" são sensíveis à saudade dos que os amavam na Terra e que, de alguma forma, " a sua lembrança aumenta-lhes a felicidade, se são felizes, e se são infelizes, serve-lhes de alívio."(7) Porém, em se referindo ao dia dos "finados", atestam que é um dia como outro qualquer, até porque os espíritos são sensíveis aos nossos pensamentos, não às solenidades humanas. No dia dos finados eles só " reúnem-se em maior número, porque maior é o número de pessoas que os chamam. Mas cada um só comparece em atenção aos seus amigos, e não pela multidão dos indiferentes."(8)

Não podemos desconhecer que o pensamento é uma força e que é o atributo característico do ser espiritual; "é ele que distingue o espírito da matéria; sem o pensamento o espírito não seria espírito. (...) se tem a força de agir sobre os órgãos materiais, quanto maior não deve ser sobre os elementos fluídicos que nos rodeiam! O pensamento age sobre os fluídos ambientes, como o som sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Assim, pela comunhão de pensamentos, os homens se assistem entre si e, ao mesmo tempo, assistem os Espíritos e são por estes assistidos ".(9)

A tradicional visita ao túmulo, em massa, não significa que venha trazer satisfação ao "morto", até porque uma prece feita em sua intenção vale mais. É bem verdade que a " visita ao túmulo é uma maneira de manifestar que se pensa no Espírito ausente: é a exteriorização desse fato (...) mas é a prece que santifica o ato de lembrar; pouco importa o lugar se a lembrança é ditada pelo coração. "(10) Conhecemos pessoas (aliás muitas delas) que solicitam, antes mesmo de morrerem, que sejam enterradas em tal ou qual cemitério. Essa atitude, sem sombra de dúvida, demonstra inferioridade moral. "O que representa um pedaço de terra, mais do que outro, para o Espírito elevado?" (11)

Quanto às honras que tributam aos despojos mortais de

parentes e amigos, o Espiritismo esclarece que no momento em que o Espírito chega a um certo grau de perfeição não tem mais a vaidade da sociedade humana e compreende a futilidade de tais solenidades, Contudo, faz uma ressalva sobre alguns, pois há "Espíritos que, no primeiro momento da morte, gozam de grande satisfação com as honras que lhes tributam, ou se desgostam com o abandono a que lançam o seu envoltório, pois conservam ainda alguns preconceitos deste mundo." (12)

O defunto assiste ao seu enterro? "Muito freqUentemente o assiste".(13) Esclarecem os Benfeitores - "algumas vezes não percebe o que se passa, se ainda estiver perturbado" (14) - complementam.

Muitas vezes o falecido presencia seus herdeiros em reuniões de partilhas, engalfinhando-se quais chacais em disputa pela herança. "Nessa ocasião que [o falecido] vê quanto valiam os protestos que lhe faziam. Todos os sentimentos se tornam patentes, e a decepção que experimenta, vendo a rapacidade dos que dividem o seu espólio." (15).

Reflitamos juntos: o dia 02 de novembro é consagrado aos falecidos libertos ou aos mortos que ainda estão jungidos à vida material? Existem duas possibilidades de mortos: os que se sentem totalmente livres do arcabouço carnal, porém "vivos" para uma vida espiritual plena, e os que permanecem com a sensação de que, ainda, estão encarnados, porém "mortos" para a vida física, pois somente vivenciam, na espiritualidade, a vida animal. " Para o mundo, mortos são os que despiram a carne; para Jesus, são os que vivem imersos na matéria, alheios à vida primitiva que é a espiritual. É o que explica aquele célebre ensinamento evangélico, em que a pessoa prontificou-se a seguir o Mestre, mas antes queria enterrar seu pai que havia falecido, e Jesus conclamou" (16)- "Deixai aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos, tu, porém, vai anunciar o Reino de Deus".(17)

A visitação aos túmulos é um ato exterior, que evoca a lembrança dos entes queridos desencarnados e é a maneira de as pessoas demonstrarem a saudade e o carinho que sentem por eles, mas só terá o seu devido valor, se essa atitude for realizada com subida intencionalidade. Não deve, portanto, representar um compromisso social e nem ser eivada de manifestações de desespero, de cobranças, de acusações, como sói ocorre em muitas ocasiões. Em verdade, se a visitação aos túmulos não é condenável, ela é totalmente desnecessária, até porque o falecido não se encontra no cemitério, podendo ser lembrado e homenageado através da prece, a qualquer momento e em qualquer lugar. Portanto, nossos entes queridos já falecidos podem ser lembrados na própria intimidade e aconchego do lar, ao invés da frieza dos cemitérios e catacumbas.

É óbvio que "faz sentido rememorar com alegria e não lastimar os que já partiram, e que estão plenamente vivos. Finados é uma mistura de alegria e dor, de presença-ausência, de festa e saudade. Aos que ficamos por aqui, cabe-nos refletir e celebrar a vida com amor e ternura, para depois, quiçá, não amargar no remorso. Aos que partiram, nossa prece, nossa gratidão, nossa saudade, nosso carinho, nosso amor!" (18)

Se formos capazes de orar, com serenidade e confiança, transformando a saudade em esperança, sentiremos a presença dos parentes e amigos desencarnados entre nós, envolvendo-nos o coração com alegria e paz. Por esta razão e muitas outras, façamos do dia 2 de novembro um dia de reverência à vida, lembrando carinhosamente os que nos antecederam de retorno à pátria espiritual, e também os que conosco ainda jornadeiam pelos caminhos da existência terrena.

Referências bibliográficas:

(1) Denis, Leon. O gênio céltico e o mundo invisível. Rio de Janeiro: Ed. CELD. 1995. p. 180

(2) http://comunidadeESPÍRITA.com.br.

(3) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Perg. 824.)

(4) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Pergs. 823 e 823a.

(5) Idem (Ver item 320 e seguintes)

(6) (Mateus 23:27)

(7) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, Perg. 320

(8) Idem pergunta 321-a

(9) Kardec, Allan. Revista Espírita, dezembro de 1864 – "Da Comunhão do pensamento"

(10) Idem pergunta 323

(11) Idem pergunta 325

(12) Idem pergunta 326

(13) Idem pergunta 327

(14) Idem pergunta 328

(15) Artigo de João Demétrio intitulado: Finados a Luz do Espiritismo, disponível no site

(16)http://www.feal.com.br/colunistas.php?art_id=6&col_id=9> acessado em 26/10/07

(17) (Lucas nove, 51-62)

(18) Editorial do Jornal Mundo Espírita – novembro 2006



Os transgêneros sob o enfoque de um espírita

Wren Kauffman, um garoto canadense de 11 anos, vai voltar à escola nesta semana sem omitir um fato importante de sua vida - ser transgênero, isto é, ter nascido como menina. Wren, como outros casos já registrados, se reconhece como uma pessoa do sexo oposto. Estudos citados pela Associated Press indicam que seis em cada mil estudantes vivem a experiência de ser transgênero.

Professores e colegas no colégio onde Wren estuda sabem a verdade - que ele, cujo nome original era Wrenna, vive e sente-se como um garoto. Sempre odiou usar vestidos, é fã do homem-aranha e se vestiu de super-herói em um Dia das Bruxas. Quando tinha cinco anos, Wren fez sua mãe levá-lo para cortar o cabelo bem curto - ele queria ficar parecido com um dos atores da série "High School Musical". Kauffman afirma não se lembrar do momento em que não se identificou com o sexo masculino. (1)

A partir de 1º de novembro de 2013 a justiça alemã oferecerá aos pais de recém-nascidos transgêneros três opções para registrar seus filhos: "masculino", "feminino" e "indefinido". (2) Desse modo, os germânicos serão os primeiros europeus a oficializar o terceiro gênero. Sob o ponto de vista espírita. é compreensível que esses pais optem por "terceiro gênero" para registro de nascimento. A sociedade dá sinais de avanço para compreender que o ser humano não se reduz a morfologia de macho ou fêmea. Encontramo-nos diante do fenômeno "transexualidade" perfeitamente compreensível, à luz da reencarnação.

Inobstante as características morfológicas, o Espírito

reencarnado, em trânsito no corpo físico, é essencialmente superior ao simples gênero masculino ou feminino. O Espírito Emmanuel adverte que aprenderemos, gradualmente, a compreender que os conceitos de normalidade e de anormalidade deixam a desejar quando se trate simplesmente de sinais morfológicos, para se erguerem como agentes mais elevados de definição da dignidade humana, de vez que a individualidade em si exalta a vida comunitária pelo próprio comportamento na sustentação do bem de todos ou a deprime pelo mal que causa com a parte que assume no jogo da delinquência." (3)

A lei alemã (4) é protegida por decisão do tribunal constitucional, estabelecendo que pessoas profundamente identificadas com um determinado gênero têm o direito de escolher seu sexo legalmente. Com isso, abre a possibilidade de o Espírito reencarnado, ao se tornar fisicamente adulto, escolher posteriormente se prefere ser definido como homem ou mulher segundo sua composição psíquica. Ou até mesmo seguir com o sexo [morfologicamente] indefinido pelo resto da vida.

Para os Benfeitores espirituais, "as características sexuais dos Espíritos fogem do entendimento humano, até porque são os mesmos os Espíritos que animam os corpos de homens e as mulheres. Para o Espírito, (re)encarnar no corpo masculino ou feminino [acrescentamos corpo sexualmente indefinido] pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar." (5) Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. "Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo [experiência masculina ou feminina], como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem [ou mulher] encarnasse só saberia o que sabem os homens [as mulheres]." (6)

Notemos o que nos explica o Espírito Emmanuel. (7) Através dos milênios, o Espírito passa por fileira imensa de reencarnações, ora em posição de feminilidade, ora em condições de masculinidade, o que sedimenta o fenômeno da bissexualidade, mais ou menos pronunciado, em quase todas as criaturas. O homem e a mulher serão, desse modo, de maneira respectiva, acentuadamente masculino ou acentuadamente feminina, sem especificação psicológica absoluta. A face disso, a individualidade em trânsito da experiência feminina para a masculina ou vice versa, ao envergar o casulo físico, demonstrará fatalmente os traços da feminilidade em que terá estagiado por muitos séculos, em que pese ao corpo de formação masculina que o segregue, verificando-se análogo processo com referência à mulher nas mesmas circunstâncias. Em vista do exposto, o Espírito ao renascer pode adotar um corpo feminino ou masculino, não somente atendendo-se ao imperativo de encargos particulares em algum setor de atuação, como igualmente no que pertence a comprometimentos regenerativos. O ser que abusou das capacidades genésicas, arruinando a vida de outras pessoas com o aniquilamento de uniões construtivas e lares distintos, em muitos casos é levado a procurar nova experiência sexual, na reencarnação, em corpo morfologicamente inverso à sua natureza psíquica, aprendendo, em regime de prisão, a reajustar os próprios sentimentos.

Observadas as tendências homossexuais dos Espíritos reencarnados nessa faixa de prova ou de experiência, é forçoso se lhes dê o amparo educativo adequado, tanto quanto se administra instrução à maioria heterossexual. E para que isso se verifique em linhas de justiça e compreensão, caminha o mundo de hoje para mais alto entendimento dos problemas do amor e do sexo, porquanto, à frente da vida eterna, segundo o Mentor de Chico Xavier "os erros e acertos dos irmãos de qualquer procedência, nos domínios do sexo e do amor, são

analisados pelo mesmo elevado gabarito de Justiça e Misericórdia. Isso porque todos os assuntos nessa área da evolução e da vida se especificam na intimidade da consciência de cada um." (8)

A propósito, indicamos leitura dos artigos publicados nos links http://aluznamente.com.br/legitima-visao-crista-da-homossexualidade/ e http://aluznamente.com.br/uma-visao-espirita-do-homossexualismo-sem-o-dissimulado-purismo-cristao/

Referências bibliográficas:

(1) Disponível em http://www.marataizes.com.br/noticias/news.php?codnot=298361acesso 05/09/2013

(2) Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/08/130820_alemanha_terceirosexo_dg.shtml 03/09/2013

(3) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1997, Cap. Homossexualidade

(4) A lei só contempla bebês que tiveram diagnóstico médico de hermafroditismo.

(5) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Parte 2ª - Capítulo IV - DA PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS – Sexo nos Espíritos, questões 200, 201 e 202.

(6) Idem.

(7) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1997, Cap. Homossexualidade

(8) Idem

Leia o que Allan Kardec ensina abaixo:

As Mulheres têm Alma?

As mulheres têm alma? Sabe-se que a coisa nem sempre foi tida por certa, pois, ao que se diz, foi posta em deliberação num concílio. A negação ainda é um princípio de fé em certos povos.

Sabe-se a que grau de aviltamento essa crença as reduziu na maior parte dos países do Oriente. Embora hoje, nos povos civilizados, a questão esteja resolvida em seu favor, o preconceito de sua inferioridade moral perpetuou-se a tal ponto que um escritor do século passado, cujo nome não nos vem à memória, assim definia a mulher: "Instrumento de prazer do homem", definição mais muçulmana que cristã. Desse preconceito nasceu a sua inferioridade legal, ainda não apagada de nossos códigos. Durante muito tempo elas aceitaram essa submissão como uma coisa natural, tão poderosa é a força do hábito. Dá-se o mesmo com os que, votados à servidão de pai a filho, acabam por se julgar de natureza diversa da dos seus senhores.

Não obstante, o progresso das luzes resgatou a mulher na opinião. Muitas vezes ela se afirmou pela inteligência e pelo gênio e a lei, conquanto ainda a considerasse menor, pouco a pouco afrouxou os laços da tutela. Pode-se considerá-la como emancipada moralmente, se não o é legalmente. É a este último resultado que ela chegará um dia, pela força das coisas.

Ultimamente lia-se nos jornais que uma jovem senhorita de vinte anos acabava de defender o bacharelado com pleno sucesso perante a faculdade de Montpellier. Dizia-se que era o quarto diploma concedido a uma mulher. Ainda não faz muito tempo foi agitada a questão de saber se o grau de bacharel podia ser conferido a uma mulher. Embora a alguns isto parecesse uma monstruosa anomalia, reconheceu-se que os

regulamentos sobre a matéria não faziam menção às mulheres e, assim, elas não se achavam excluídas legalmente. Depois de terem reconhecido que elas tinham alma, lhes reconheceram o direito à conquista dos graus da Ciência, o que já é alguma coisa. Mas a sua libertação parcial é apenas resultado do desenvolvimento da urbanidade, do abrandamento dos costumes ou, se quiserem, de um sentimento mais exato da justiça; é uma espécie de concessão que lhes fazem e, é preciso que se diga que lhes regateiam o mais possível.

Hoje, pôr em dúvida a alma da mulher seria ridículo; mas outra questão muito séria sob outro aspecto, aqui se apresenta, e cuja solução só pode ser estabelecida se a igualdade de posição social entre o homem e mulher for um direito natural, ou uma concessão feita pelo homem. Notemos, de passagem, que se esta igualdade não passar de uma concessão do homem por condescendência, aquilo que ele der hoje pode ser retirado amanhã, e que tendo para si a força material, salvo algumas exceções individuais, em massa ele sempre levará vantagem. Ao passo que se essa igualdade estiver na Natureza, seu reconhecimento será o resultado do progresso e, uma vez reconhecido, será imprescritível.

Teria Deus criado almas masculinas e femininas, fazendo estas inferiores àquelas? Eis toda a questão. Se assim fosse, a inferioridade da mulher estaria nos decretos divinos e nenhuma lei humana poderá transgredi-los. Tê-las-ia, ao contrário, criados iguais e semelhantes? Nesse caso as desigualdades, baseadas na ignorância e na força bruta, desaparecerão com o progresso e o reinado da justiça.

Entregue a si mesmo, o homem não podia estabelecer a respeito senão hipóteses mais ou menos racionais, mas sempre questionáveis. Nada no mundo poderia dar-lhe a prova material do erro ou da verdade de suas opiniões. Para se esclarecer, seria preciso remontar à fonte, pesquisar nos arcanos do mundo extracorpóreo, que não conhece. Estava reservado ao

Espiritismo resolver a questão, não mais pelos raciocínios, mas pelos fatos, quer pelas revelações de além-túmulo, quer pelo estudo que diariamente pode fazer sobre o estado das almas depois da morte. E, coisa capital, esses estudos não são o fato nem de um só homem, nem das revelações de um só Espírito, mas o produto de inúmeras observações idênticas, feitas todos os dias por milhares de indivíduos, em todos os países, e que assim receberam a sanção poderosa do controle universal, sobre o qual se apóiam todas as doutrinas da ciência espírita. Ora, eis o que resulta dessas observações.

As almas ou Espíritos não têm sexo. As afeições que os unem nada têm de carnal e, por isto mesmo, são mais duráveis, porque fundadas numa simpatia real e não são subordinadas às vicissitudes da matéria.

As almas se encarnam, isto é, revestem temporariamente um envoltório carnal, para elas semelhante a uma pesada vestimenta, de que a morte as desembaraça. Esse invólucro material, pondo-as em contato com o mundo material, nesse estado elas concorrem ao progresso material do mundo que habitam; a atividade a que são obrigadas a desenvolver, seja para a conservação da vida, seja para alcançarem o bem-estar, auxilia-lhes o avanço intelectual e moral. A cada encarnação a alma chega mais desenvolvida; traz novas ideias e os conhecimentos adquiridos nas existências anteriores. Assim se efetua o progresso dos povos; os homens civilizados de hoje são os mesmos que viveram na Idade Média e nos tempos de barbárie, e que progrediram; os que viverem nos séculos futuros serão os de hoje, porém mais avançados, intelectual e moralmente.

Os sexos só existem no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais. Mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão pela qual os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.

Os Espíritos progridem pelos trabalhos que realizam e pelas provas que devem sofrer como o operário se aperfeiçoa em sua arte pelo trabalho que faz. Essas provas e esses trabalhos variam conforme sua posição social. Devendo os Espíritos progredir em tudo e adquirir todos os conhecimentos, cada um é chamado a concorrer aos diversos trabalhos e a sujeitar-se aos diferentes gêneros de provas. É por isso que, alternadamente, nascem ricos ou pobres, senhores ou servos, operários do pensamento ou da matéria.

Assim se acha fundado, sobre as próprias leis da Natureza, o princípio da igualdade, pois o grande da véspera pode ser o pequeno do dia seguinte e reciprocamente. Desse princípio decorre o da fraternidade, visto que, em nossas relações sociais, reencontramos antigos conhecimentos, e no infeliz que nos estende a mão pode encontrar-se um parente ou um amigo.

É com o mesmo objetivo que os Espíritos se encarnam nos diferentes sexos; aquele que foi homem poderá renascer mulher, e aquele que foi mulher poderá nascer homem, a fim de realizar os deveres de cada uma dessas posições, e sofrer-lhes as provas.

A Natureza fez o sexo feminino mais fraco que o outro, porque os deveres que lhe incumbem não exigem igual força muscular e seriam até incompatíveis com a rudeza masculina. Nela a delicadeza das formas e a finura das sensações são admiravelmente apropriadas aos cuidados da maternidade. Aos homens e às mulheres, são, pois, atribuídos deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas; são dois elementos que se completam um pelo outro.

Sofrendo o Espírito encarnado a influência do organismo, seu caráter se modifica conforme as circunstâncias e se dobra às necessidades e exigências que lhe impõe esse mesmo organismo. Esta influência não se apaga imediatamente após a destruição do envoltório material, assim como não perde

instantaneamente os gostos e hábitos terrenos. Depois, pode acontecer que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa. Somente quando chegado a certo grau de adiantamento e de desmaterialização é que a influência da matéria se apaga completamente e, com ela, o caráter dos sexos. Os que se nos apresentam como homens ou como mulheres, é para nos lembrar da existência em que os conhecemos.

Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual à vida corporal. Numa nova encarnação ele trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito; se for avançado, será um homem avançado; se for atrasado, será um homem atrasado. Mudando de sexo, sob essa impressão e em sua nova encarnação, poderá conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres.

Não existe, pois, diferença entre o homem e a mulher, senão no organismo material, que se aniquila com a morte do corpo; mas quanto ao Espírito, à alma, ao ser essencial, imperecível, ela não existe, porque não há duas espécies de almas. Assim o quis Deus em sua justiça, para todas as suas criaturas. Dando a todas um mesmo princípio, fundou a verdadeira igualdade. A desigualdade só existe temporariamente no grau de adiantamento; mas todas têm direito ao mesmo destino, ao qual cada uma chega por seu trabalho, porque Deus não favoreceu ninguém à custa dos outros.

A doutrina materialista coloca a mulher numa inferioridade natural, da qual só é elevada pela boa vontade do homem. Com efeito, segundo essa doutrina, a alma não existe ou, se existe,

extingue-se com a vida ou se perde no todo universal, o que vem a dar no mesmo. Assim, só resta à mulher a sua fraqueza corporal, que a põe sob a dependência do mais forte. A superioridade de algumas não passa de uma exceção, de uma bizarria da Natureza, de um jogo de órgãos, e não poderia fazer lei.

A doutrina espiritualista vulgar reconhece a existência da alma individual e imortal, mas é impotente para provar que não há diferença entre a do homem e a da mulher e, por conseguinte, uma superioridade natural de uma sobre a outra.

Com a Doutrina Espírita, a igualdade da mulher não é mais uma simples teoria especulativa; já não é uma concessão da força à fraqueza, mas um direito fundado nas próprias leis da Natureza. Dando a conhecer essas leis, o Espiritismo abre a era da emancipação legal da mulher, como abre a da igualdade e da fraternidade.

(Allan Kardec - Janeiro de 1866)



A banalização da improbidade, do envilecimento da ética, numa análise espírita

O jargão "jeitinho brasileiro", ou levar vantagem a despeito de tudo e de todos, irrompe-se como uma finalidade cristalizada, que se potencializa e se generaliza no contexto da organização social. O envilecimento da ética, a degeneração moral "institucionalizada" (corrupção) no Brasil tem levado alguns historiadores a tentar explicar as causas plausíveis, considerando a tese da infeliz "herança patrimonialista lusitana", a fim de dar conta de se justificar o torpe caráter de alguns desonrados agentes do estado brasileiro que fazem do bem público uma propriedade privada.

Com os escândalos divulgados pela mídia, constata-se um entrelaçamento crescente e preocupante da administração pública com as atividades delituosas, mediante um sistêmico processo de pressões, chantagens, tráfico de influência, intimidações e corrupções, com a prática do suborno e da propina, dentre outras falcatruas morais inimagináveis. A defecção moral abrange a corrupção de costumes, a falta de caráter individual ou coletivo, o desleixo administrativo ou governamental, a falta de solidariedade num grupo humano, a indiferença pela sorte alheia ou pelos interesses públicos, a tolerância condescendente de superiores às falhas dos subalternos, filhos e tutelados (nepotismos).

Esse quadro imoral talvez nos permita evocar a emblemática figura do venturosíssimo dom Manuel, que ascendeu ao trono de Portugal circunstancialmente. Nono filho do irmão mais novo do rei Afonso V, suas chances de ganhar a coroa eram nulas, mas acabou por se beneficiar das reviravoltas políticas e da

sequência de mortes que tiraram de seu caminho todos os pretendentes ao trono. Investido do título e do poder real em 1495, em três anos já entrava para a História, quando o navegador Vasco da Gama abriu o caminho oceânico para as pedrarias e especiarias das Índias. Com as naus da esquadra de Pedro Álvares Cabral, dom Manuel, rei "por acaso", alcançou o pináculo almejado por toda uma linhagem de ambiciosos monarcas portugueses.

Nesses "descasos", há meio milênio o nosso país foi parcelado em algumas capitanias e os felizardos apossaram-se de imensas porções de áreas doadas pelo "dono" das terras descobertas. Para assegurar o domínio da terra e colonizá-la, a fim de não perder as riquezas naturais (vegetais e minerais), a estratégia portuguesa foi, a princípio, degredar (premiando) os proscritos peninsulares, enviando-os para a ilha Vera Cruz (depois terra de Santa Cruz) e hoje Brasil.

Para alguns estudiosos, essa decisão estabeleceu vínculo no imaginário de tais degredados, que nestas longínquas "terras de ninguém", selvagens, inabitadas por "civilizados" não havia leis para regular suas sanhas criminosas. E ante essa história promíscua, a prática da rapinagem tem-se repetido através dos séculos, nas plagas do Cruzeiro do Sul. Isso inspirou o patriarca da Independência (José Bonifácio), reencarnado com o nome de Rui Barbosa, o Águia de Haia, a lançar o clamor de indignação ao deparar com todas as tramóias cometidas: "De tanto ver triunfar as nulidades; de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça. De tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra e a ter vergonha de ser honesto".

Há alguns anos, a pensadora russo-americana Ayn Rand (1), no seu brado de indignação pronunciou: "Quando você perceber que, para produzir, precisa obter a autorização de quem não produz nada; quando comprovar que o dinheiro flui

para quem negocia não com bens, mas com favores; quando perceber que muitos ficam ricos pelo suborno e por influência, mais que pelo trabalho, e que as leis não nos protegem deles, mas, pelo contrário, são eles que estão protegidos de você; quando perceber que a corrupção é recompensada, e a honestidade se converte em auto-sacrifício; então poderá afirmar, sem temor de errar, que sua sociedade está condenada.

Há putrefação moral na política, na polícia, na justiça, na administração pública, na educação, nas diversões públicas, na família, na economia, no Direito (isto é, no antiDireitro), nos medicamentos, nos discursos/argumentos pseudocientíficos, nas igrejas, nos centros espíritas.

É evidente que ficamos entristecidos quando sabemos, seja pela imprensa ou outros meios, que algumas instituições "filantrópicas" desviam recursos, emitem recibos forjados de falsas doações etc. Há centros que até dão uma 'ajudazinha' aos confrades, driblando o Imposto de Renda retido na Fonte... Imaginem! Instituições outras recebem, à guisa de doações, roupas, calçados, alimentos, eletrodomésticos etc., e os dirigentes se apropriam deles, com a maior naturalidade.

Fui agente fiscal do governo federal durante 40 anos de vida pública, constatei e autuei muitas situações deprimentes de irregularidades. Na minha experiência profissional, fico a imaginar: será que todos os que visam lucros financeiros (comerciantes de produtos espíritas que editam, difundem, vendem livros espíritas, CDs, DVDs de palestras) declaram corretamente os movimentos contábeis com os órgãos fazendários?

Que a consciência de cada um responda. Mas, em verdade, as falanges das trevas se organizam para obstruir muitos projetos cristãos. Os obsessores são inteligentes, organizados, e vão dando um passo de cada vez, pois conhecem muito bem pontos vulneráveis das pessoas de má fé.

Quantos administram através de escritórios e gabinetes luxuosos e desviam os valores que pertencem ao povo; que elaboram leis censuráveis, para os beneficiar e aos seus parentes; que deprimem os pobres, utilizando-se de medidas especiais (de exceção), que os neutralizam; que decretam servilismo das massas ingênuas, para que abiscoitem o que lhes pertence de direito, produzindo o detrito moral e os desarranjos psicológicos, psíquicos, espirituais.

Se quisermos viver um panorama social harmônico, devemos nos empenhar para promover uma reforma ética generalizada. Toda mudança começa em cada um de nós. Para que a sociedade melhore, cada qual deve se esforçar por se aprimorar. É imperativa a adoção de novos hábitos. Basta! De procurar levar vantagem, de fugir dos próprios deveres. Vamos, definitivamente, dar um "chega prá lá" nas mentiras, nas fraudes e na sonegação fiscal. Que se restabeleçam os valores da Ética Cristã e que se revitalize o mundo da honestidade.

Muitos se interrogam no imo da consciência: Haverá futuro promissor para uma sociedade estruturada assim como a nossa? Penso que sim! Considerando pelo lado, digamos, mais transcendente da questão, para apurar a estrutura social deste país, a tese de Humberto de Campo, contida no livro "Brasil coração do Mundo e Pátria do Evangelho", assegura um norte de esperança para todos nós. Creio que na "Pátria do Evangelho" estão sendo programadas reencarnações de almas nobres e sábias, e esse fato nos aponta para um futuro menos conturbado para as futuras gerações de brasileiros.

Referência:

(1) Ayn Rand nasceu em 1905, em São Petersburgo, Rússia. E desencarnou em 1982, nos EUA. Rand se tornou a nascente ["fountainhead"] do Objetivismo, nome que ela deu à sua filosofia. Defendia que o direito do indivíduo à sua própria vida,

e aos frutos do seu trabalho.



Aborto, uma prática impiedosa

Os matadouros de bebês estão espalhados na sociedade (clínicas clandestinas) como hediondos balcões de trucidamento de nenéns. Seus donos estão endinheirados na Terra, no entanto indigentes ante o Código Divino. Entre 1995 e 2007, "a curetagem depois do procedimento de aborto foi a cirurgia mais realizada pelo SUS: 3,1 milhões de registros, contra 1,8 milhão de cirurgias de correção de hérnia."(1) Isso significa um trágico impacto na saúde pública de nosso país. In existe lei atual que identifique de imediato o abominável aborto realizado nos redutos domésticos.

A taxa de interrupção de gravidez supera a taxa de nascimento. Por essas e outras o Brasil ostenta o calamitoso título de campeão mundial da prática abortista.

Nesse dantesco cenário brotam grupos dispostos a convalidar o aborto, torná-lo simples, acessível, asseado, juridicamente adequado. Todavia, não nos enganemos, o aborto ilegal ou legalizado ad æternum (para todo o sempre) será um CRIME perante as Leis de Deus! Menos mal "o número de brasileiros que acham a prática do aborto muito grave aumentou de 61% para 71% e que, atualmente, apenas 3% dos brasileiros consideram o aborto moralmente aceitável."(2)

Descriminalizar o aborto, sob quaisquer conjunturas, é e sempre será um significativo marco de estagnação espiritual na história do homem. Será que todos os obstetras estariam disponíveis à prática abortiva? Será possível, no âmbito da ética médica, conciliar uma medicina que propõe valorizar a vida com uma medicina homicida? Não nos ludibriemos, a medicina que executa o aborto nos países que já legitimaram o trucidamento

do bebê no ventre materno é uma medicina criminosa. Não há lei na terra que abrande essa situação ante a Lei de Deus.

Somente num caso a Doutrina Espírita admite o aborto: quando a gestação coloca em risco a vida da gestante; pois disseram os Espíritos a Allan Kardec, em O Livro dos Espíritos, questão 359, que é preferível sacrificar o ser que não existe a sacrificar o que existe.

No caso específico de uma mulher ser violentada sexualmente redundando na gravidez, mas não se sinta com estrutura psicológica para criar o filho, entendemos que a legislação precisaria promover e instigar a adoção do ser que nasce nessas circunstâncias, ao invés de agenciar o seu extermínio legal. O Espiritismo recomenda à mãe [violentada] levar adiante a gravidez e até mesmo a criação daquele rebento, suplantando o traumatismo do abuso sofrido, porque o Espírito reencarnante terá, provavelmente, um endividamento passado com a progenitora.

As Leis naturais atuam inexoravelmente sobre os que alucinadamente provocam o aborto. Fixam essas leis no tribunal das próprias consciências culpadas os tenebrosos processos de resgate que podem conduzir a dolorosas moléstias, como a metrite, o vaginismo, a metralgia, o enfarte uterino ou a tumoração cancerosa, agora ou mais tarde. É imperioso também reconhecermos nos abortos delituosos um dos grandes determinantes das enfermidades de etiologia obscura e das obsessões arroláveis na patologia da mente (esquizofrenias), atravancando amplos setores de casas de saúde e presídios.

Não espalhamos aqui recriminação àqueles que jazem submersos no corredor tenebroso do desacerto já consumado, até para que não caiam na sarjeta profunda da desesperança. Apregoamos opiniões, cujo intuito é iluminá-los com o farol do esclarecimento, para que divisem mais adiante, elegendo por trabalhar em prol dos necessitados e, sobretudo, numa demonstração inconteste de amor ao próximo, acolhendo filhos

abandonados que, hoje em dia, aglomeram-se nos orfanatos.
Se já erramos, jamais esqueçamos que cometer erro é aprender. Todavia, ao invés de nos atermos à contrição, necessitamos consagrar a experiência como uma adequada ocasião para discernimento futuro.

A Lei de Deus não é caolha e nos seus dispositivos há espaços para reparações, proporcionando ensejo interminável para que todos possamos penitenciar-nos dos enganos cometidos. "É urgente abandonar o culto ao remorso imobilizador, a culpa autodestrutiva e a ilusória busca de amparo na legislação humana, procurando a reparação, mediante reelaboração do conteúdo traumático e novo direcionamento na ação comportamental, o que promoverá a liberação da consciência através do trabalho no bem, da prática da caridade e da dedicação ao próximo necessitado, capazes de edificar a vida em todas as suas dimensões."(3)

Atuando assim, desviamo-nos de todas as sequelas melancólicas que o aborto desencadeia, ainda que acobertado por uma legalização ilusória. Certo é que "o amor cobre a multidão de pecados."(4)

Referências bibliográficas:

(1) Pesquisa do Instituto do Coração da Universidade de São Paulo.

(2) Publicado no Jornal Folha de São Paulo, de 07/10/2007.

(3) O Aborto na visão Espírita, publicado na Revista Reformador, disponível em acesso em 21/07/2011.

(4) Pedro, I Epístola, 4:8



A prática do aborto numa apreciação espírita

O Brasil carrega um troféu nada confortável: é o campeão mundial do aborto, onde, lamentavelmente, a taxa de interrupção de gravidez supera a taxa de nascimento. Esta situação fez surgir no país grupos ferrenhos dispostos a legalizar o aborto, torná-lo fácil, acessível, higiênico, juridicamente correto. Seus arautos defendem, entre outras teses, o direito da mulher sobre o seu próprio corpo, as condições sócio-econômicas para educar um filho, a violência sexual contra a mulher, problemas de má formação fetal, gravidez indesejada, rejeição do filho pelo pai.

Evocam, por meio de sonoros agudos femininos, as péssimas condições em que são realizados os abortos clandestinos. Contudo, ninguém se engane que o aborto oficial vá substituir o aborto criminoso. Ao contrário, irá aumentar. "Ele continuará a ser feito por meio secreto e não controlado, pois a clandestinidade é cúmplice do anonimato e não exige explicações."(1) "É inadmissível que pequeníssima parcela da população brasileira, constituída por alguns intelectuais, políticos e profissionais dos meios de comunicação e embebida de princípios materialistas e relativistas, venha a exercer tamanha influência na legislação brasileira, em oposição à vontade e às concepções da maioria do povo e contrariando a própria Carta Magna de 1988."(2)

Outra questão é: legalizando-se o aborto, estariam todos os obstetras disponíveis à prática abortiva? Seria possível, no âmbito da ética médica, conciliar uma medicina que cura com uma medicina que assassina? "Pessoalmente, entendo que o homem não tem o direito de tirar a vida de ninguém, seja pela

pena de morte, seja pelo aborto, seja pela eutanásia."(3)Chico Xavier admoesta: "se anos passados houvesse a legalização do aborto, e se aquela que foi a minha querida mãe entrasse na aceitação de semelhante legalidade, legalidade profundamente ilegal, eu não teria tido a minha atual existência, em que estou aprendendo a conhecer minha própria natureza e a combater meus defeitos, e a receber o amparo de tantos amigos, que qual você, como todos aqui, nos ouvem e me auxiliam tanto."(4)Importa reconhecer que o primeiro dos direitos naturais do homem é o direito de viver. O primeiro dever é defender e proteger o seu primeiro direito: a vida. Chico ainda adverte "admitimos seja suficiente breve meditação, em torno do aborto delituoso, para reconhecermos nele um dos grandes fornecedores das moléstias de etiologia obscura e das obsessões catalogáveis na patologia da mente, ocupando vastos departamentos de hospitais e prisões."(5) À luz da reencarnação, realmente, o filho que não é aceito no lar, pela gravidez interrompida, penetrará um dia em nossa casa, na condição de alguém de conduta anti-social.

Aquele que expulsamos do nosso abrigo reaparecerá porque ele não pode ser punido pela nossa irresponsabilidade, mas seremos justiçados na nossa irreflexão, através das leis soberanas da vida. O médium Divaldo Franco assevera que "aquele filho que nós expulsamos, pela interrupção no corpo, voltará até nós, quiçá, em um corpo estranho, gerado em um ato de sexualidade irresponsável. Por uma concepção de natureza inditosa, volverá até nós, na condição de deserdado, não raro, como um delinquente."(6) O aborto praticado sob quaisquer justificativas, mesmo diante de regulamentos humanos, é um crime ante os estatutos de Deus. Por isso Chico Xavier ressalta "os pais que cooperam nos delitos do aborto, tanto quanto os ginecologistas que o favorecem, vêm a sofrer os resultados da crueldade que praticam".(7) Registre-se que, se não há legislação humana que identifique de imediato o

ignóbil infanticídio, nos redutos familiares ou na bruma da noite, e aos que mergulham na torpeza do aborto, "os olhos divinos de Nosso Pai contemplam do Céu, chamando, em silêncio, às provas do reajuste, a fim de que se expurgue da consciência a falta indesculpável que perpetram."(8)

Outra discussão que também se levanta é a legitimidade, ou não, do aborto, quando a gravidez é consequente a um ato de violência física. No caso de estupro, quando a mulher não se sinta com estrutura psicológica para criar o filho, a Lei deveria facilitar e estimular a adoção da criança nascida, ao invés de promover a sua morte legal. "O Espiritismo, considerando o lado transcendente das situações humanas, estimula a mãe a levar adiante a gravidez e até mesmo a criação daquele filho, superando o trauma do estupro, porque aquele Espírito reencarnante terá, possivelmente um compromisso passado com a genitora."(9)

Lembrando também que "O governo deveria ter departamentos especializados de amparo material e psicológico a todas as gestantes, em especial, às que carregam a pesada prova do estupro."(10) Por isso é perfeitamente lógico que o aborto em decorrência de estupro não deva ser autorizado, porque o ser concebido não pode ser punido por fatos não queridos que determinaram sua vida. Outra questão defendida pelos abortistas é o aborto "terapêutico". Se o aborto, em tempos idos, era usado a pretexto de terapia, devia-se à falta de conhecimentos médicos. Recordo que numa aula inaugural do Dr. João Batista de Oliveira e Costa Júnior aos alunos de Direito da USP em 1965 (intitulada "Por que ainda o aborto terapêutico?") diz que o aborto "não é o único meio, ao contrário, é o pior meio, ou melhor, não é meio algum para se salvar a vida da gestante", Divaldo Franco reflete sobre o assunto com o seguinte comentário: "o aborto, mesmo terapêutico, é imoral, segundo o conhecimento médico, (...) por que interromper o processo reparador que a vida impõe ao

espírito que se reencarna com deficiência? Será justo impedi-lo de evoluir, por egoísmo da gestante?" (11)

O médium baiano recorda, ainda, "é torturante para a mãe que carrega no ventre um ser que não viverá, mas trata-se de um sofrimento programado pelas Soberanas Leis da Vida".(12) E mais "segundo benfeitores espirituais, a Terra vem recebendo verdadeiras legiões de espíritos sofredores e primários, que se encontravam retidos em regiões especiais e agora estão tendo a oportunidade de optar pelo bem de si mesmos".(13)Se os tribunais do mundo condenam, em sua maioria, a prática do aborto, "as Leis Divinas, por seu turno, atuam inflexivelmente sobre os que alucinadamente o provocam. Fixam essas leis no tribunal das próprias consciências culpadas, tenebrosos processos de resgate que podem conduzir ao câncer e à loucura, agora ou mais tarde. (...)".(14)

Se a futura mãe corre riscos de vida, o aborto tem outra conotação conforme consta na questão 359 de O Livro dos Espíritos, onde os mentores que orientavam Kardec advertem que só é admissível o aborto induzido quando há grave risco de vida para a gestante.(15) Oportuno acrescentar, com a evolução da Medicina, dificilmente se configura, hoje, uma situação dessa natureza. "A literatura espírita é pródiga em exemplos sobre as consequências funestas do aborto delituoso, que provoca na mulher graves desajustes perispirituais, a refletirem-se no corpo físico, na existência atual ou futura, na forma de câncer, esterilidade, infecções renitentes, frigidez"(16). Óbvio que não lançamos os anátemas da condenação impiedosa àqueles que estão perdidos no corredor escuro do erro já cometido, até para que não caiam na vala profunda do desalento. Expressamos ideias cujo escopo é iluminá-los com o archote do esclarecimento para que enxerguem mais adiante, a opção do Trabalho e do Amor, sobretudo nas adoções de filhos rejeitados que atualmente amontoam nos orfanatos.

"É preciso também saber que a lei de causa e efeito não é uma estrada de mão única. É uma lei que admite reparações; que oferece oportunidades ilimitadas para que todos possam expiar seus enganos."(17) Errar é aprender, destarte, ao invés de se fixarem no remorso, precisam aproveitar a experiência como uma boa oportunidade para discernimento futuro.

Referências bibliográficas:

(1) Aborto - breves reflexões sobre o direito de viver Genival Veloso de França

(2) Manifesto Espírita sobre o Aborto Federação Espírita Brasileira Manifesto aprovado na reunião do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, nos dias 7, 8 e 9 de novembro de 98

(3) Pena de Morte para o Nascituro Ives Gandra da Silva Martins Professor emérito das Universidades Mackenzie e Paulista e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército Presidente da Academia Internacional de Direito e Economia e do Conselho de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo Vice-presidente da PROVIDAFAMÍLIA, in O Estado de São Paulo 19 de setembro de 1997.

(4) Disponível em http://www.editoraideal.com.br/chico/perguntas-21.htm, acessado em 15 de março de 2006

(5) Xavier, Francisco Cândido. Da obra: Religião dos Espíritos, ditado pelo Espírito Emmanuel. 14a edição. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2001.

(6) Cf. Divaldo Franco em entrevista para Revista Espírita Allan Kardec, disponível em acessado em 10/03/2006

(7) Xavier, Francisco Cândido. Leis de Amor, ditado pelo Espírito Emmanuel, SP: Ed FEESP, 1963. (8) Xavier, Francisco Cândido. Da obra: Religião dos Espíritos, ditado pelo Espírito Emmanuel. 14a edição. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 2001.

(9) Cf. Manifesto Espírita sobre o Aborto Federação Espírita Brasileira Manifesto aprovado na reunião do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, nos dias 7, 8 e 9 de novembro de 98

(10) http://www.Espírito.org.br

(11) O jornal Folha Espírita, edição de janeiro de 2005.(12) Idem

(13) Idem

(14) Peralva, Martins. O Pensamento de Emmanuel. Cap. I Rio de Janeiro: Editora FEB, 1978

(15) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos. RJ: Ed FEB, 2003, perg. 359.

(16) Simonetti, Richard. Quem tem medo da morte, SP:Editora CEAC, 1987

(17) De Lima, Cleunice Orlandi. A Quem Já Abortou - artigo - disponível em

http://www.Espírito.org.br/portal/artigos/diversos/aborto/a-quem-ja-abortou.html



Masturbação - mitos e consequências segundo o espiritismo

Muitas pessoas vivem angústias profundas em torno das diretrizes comportamentais na área sexual e isso é compreensível em nosso estágio de humanidade. Por isso, escrevemos alguns argumentos sobre o tema, a fim de que possamos com a Doutrina espírita aprender um pouco mais. O Espiritismo explica baseado no livre-arbítrio, no percurso de vidas anteriores e na evolução moral de cada um, como estes assuntos devem ser tratados. Lembrando sempre que "cada caso é um caso e muito particular".

Uma dessas ansiedades é a masturbação, que segundo Sigmund Freud, é envolvida em muito preconceito, graças ao dogmatismo religioso que estigmatiza a sexualidade. Vai distante a época em que se decretava que a masturbação conduzia à loucura e ao inferno. Normal no adolescente que está descobrindo a sexualidade, frequente nos corações solitários, o problema é que ela favorece a viciação, aguçando o psiquismo do indivíduo com sensualidade avivada. Por outro lado, obsta a sublimação das energias sexuais, quando as circunstâncias nos convocam à castidade, incitando-nos a canalizá-las para as realizações mais enobrecedoras. Vale dizer: há uma energia sexual que precisa ser controlada, não necessariamente através da prática sexual, mas direcioná-la a outras atividades, inclusive à pratica da caridade.

A consciência nos sussurra que relação sexual presume dois parceiros. O auto-erotismo não deixa de ser uma busca de "prazer" egoísta, por isso mesmo, toda prudência é imprescindível. Na área sexual, urge vigilância permanente,

pois, na maioria das vezes ao se masturbar, a criatura não está tão solitária como imagina. Espíritos das sombras, viciados no sexo, muitas vezes estimulam este vício solitário, prejudicando casais quando o parceiro opta por masturbar-se. Entretanto, mister considerar que cada caso é um caso, sem desconsiderar jamais que o equilíbrio e a disciplina mental precisam ser alcançados. Por isso o Espírito Emmanuel, no livro "O Consolador", questão 184, psicografado por Chico Xavier, orienta-nos que, "ao invés da educação sexual pela satisfação dos instintos, é imprescindível que os homens eduquem sua alma para a compreensão sagrada do sexo". O uso indevido de qualquer função sexual produz distúrbios, desajustes, carências, que somente a educação do hábito consegue harmonizar. Afinal, o homem não é apenas um feixe de sensações, mas, também, de emoções, que podem e devem ser dirigidas para objetivos que o promovam, nos quais centralize os seus interesses, motivando-o a esforços que serão compensados pelos resultados benéficos.

A vida saudável na esfera do sexo decorre da disciplina, da canalização correta das energias, da ação física: pelo trabalho, pelos desportos, pelas conversações edificantes que proporcionam resistência contra os arrastamentos da sensualidade, auxiliando o indivíduo na conduta. Muitas pessoas consideram o prazer apenas como sendo uma expressão da lascívia, e se esquecem daquele que decorre dos ideais conquistados, da beleza que se expande em toda parte e pode ser contemplada, das encantadoras alegrias do sentimento afetuoso, sem posse, sem exigência, sem o condicionamento carnal. Será que devemos depreender que o Espiritismo proíbe toda a atividade sexual?! De modo algum.

O Espiritismo nada proíbe. Deixa ao livre-arbítrio, à decisão consciente de cada um a atitude a tomar. Limita-se a dar orientação e a demonstrar que atitudes mal tomadas dão intranquilidade e insatisfação e coloca-nos perante a realidade e

vantagens do uso consciente da vida. A Doutrina Espírita apresenta a sexualidade despida da conotação religiosa dogmática que consagrou o sexo pecaminoso, sujo, proibido e demoníaco.

Todavia, não legitima o enquadramento da sociedade atual que consubstanciou o sexo como objeto de consumo, devasso e trivial. A proposta espiritista é da energia criadora que necessita estar sedimentada pela lógica e pelo sentimento, pelo respeito e entendimento, pela fidelidade e amor, a fim de propiciar a excelsitude e a paz, ou seja, "Um sexo para a vida e não uma vida para o sexo!"Para Emmanuel, no livro "Vida e Sexo", diante das proposições a respeito do sexo, é justo sintetizar-se todas as digressões possíveis nas seguintes normas: não proibição, mas educação; não abstinência imposta, mas emprego digno, com o devido respeito aos outros e a si mesmo; não indisciplina, mas controle; não impulso livre, mas responsabilidade. Fora disso, é teorizar simplesmente, para depois aprender ou reaprender com a experiência. Sem isso, será enganar-nos, lutar sem proveito, sofrer e recomeçar a obra da sublimação pessoal, tantas vezes quantas se fizerem precisas, pelos mecanismos da reencarnação, porque a aplicação do sexo, ante a luz do amor e da vida, é assunto pertinente à consciência de cada um. Ninguém se burila de um dia para outro. Conversões religiosas exteriores não alteram, de improviso, os impulsos do coração. Achamo-nos muito longe da meta para alcançar o projeto de acrisolamento sexual.

A rigor, nenhum de nós consegue se conhecer tão exatamente, a ponto de saber, hoje, qual o tamanho da experiência afetiva que nos aguarda no futuro. Não há como penetrarmos nas consciências alheias e cada um de nós, ante a Sabedoria Divina, é um caso particular, no que tange ao amor, reclamando compreensão. Em face disso, muitos de nossos erros imaginários na Terra são caminhos certos para o bem, ao passo que muitos de nossos acertos hipotéticos são trilhas para

o mal de que nos desvencilharemos, um dia!... A energia sexual, como recurso da lei de atração, na perpetuidade do Universo, é inerente à própria vida, gerando cargas magnéticas em todos os seres, face às potencialidades criativas de que se reveste.

À medida que a individualidade evolui, passa a compreender que a energia sexual envolve o impositivo de discernimento e responsabilidade em sua aplicação. Por isso mesmo, deve estar controlada por valores morais que lhe garantam o emprego digno, seja na criação de formas físicas, asseguradora da família, ou na criação de obras beneméritas da sensibilidade e da cultura para a reprodução e extensão do progresso e da experiência, da beleza e do amor, na evolução e burilamento da vida no Planeta. Nas ligações afetivas terrenas encontramos as grandes alegrias. No entanto, é também dentro delas que somos habitualmente defrontados pelas mais duras provações. Embora não percebamos de imediato, recebemos, quase sempre, no companheiro ou na companheira da vida íntima, os nossos próprios reflexos. Analisemos o matrimônio, por exemplo, que pode perfeitamente ser precedido de doçura e esperança, mas isso não impede que os dias subsequentes, em sua marcha incessante, tragam aos cônjuges os resultados das próprias criações que deixaram para trás.

Parceiro e parceira, nos compromissos do lar, precisam reaprender na escola do amor, reconhecendo que, acima da conjunção corpórea, fácil de se concretizar, é imperioso que a dupla se case, em espírito - sempre mais em espírito -, dia por dia. Até porque extinta a fogueira da paixão na retorta da organização doméstica, remanesce da combustão o ouro vivo do amor puro, que se valoriza, cada vez mais, de alma para alma, habilitando o casal para mais altos destinos na Vida Superior, até porque é o Espírito quem ama e não o corpo, de sorte que, dissipada a ilusão material, o Espírito vê a realidade que transcende à vida física. Urge considerar que a Vontade de

Deus, na essência, é o dever em sua mais alta expressão traçado para cada um de nós, no tempo chamado "hoje". E se o "hoje" jaz viçado de complicações e problemas, a repontarem do "ontem", depende de nós a harmonia ou o desequilíbrio do "amanhã". Destarte, o instinto sexual, exprimindo amor em expansão incessante, nasce nas profundezas da vida, orientando os processos da evolução. Importa considerar que diante do sexo, não nos achamos, de nenhum modo, à frente de um despenhadeiro para as trevas, mas perante a fonte viva das energias em que a Sabedoria do Universo situou o laboratório das formas físicas e a usina dos estímulos espirituais mais intensos para a execução das tarefas que esposamos, em regime de colaboração mútua, visando ao rendimento do progresso e do aperfeiçoamento entre os homens.

Cada homem e cada mulher que ainda não se angelizou ou que não se encontre em processo de bloqueio das possibilidades criativas, no corpo ou na alma, traz, evidentemente, maior ou menor percentagem de anseios sexuais, a se expressarem por sede de apoio afetivo. É claramente nas lavras da experiência, errando e acertando e tornando a errar para acertar com mais segurança, que cada um de nós - os filhos de Deus em evolução na Terra - conseguirá sublimar os sentimentos que nos são próprios, de modo a nos erguer, em definitivo, para a conquista da felicidade celeste e do Amor Universal.



Métodos contraceptivos, uma reflexão espírita

Ao realizar a vasectomia em comum acordo com a esposa, tendo dois filhos e sem projetos para outros e considerando que a consorte, por recomendações médicas, não pode tomar pílula anticoncepcional, perguntou-nos certo leitor, se ele lesaria o perispírito? Dissemos que a questão é complexa e deve ser analisada conforme cada caso. Explicamos que não se pode ter uma visão simplista do assunto, até porque as situações e casos devem ser abordados em particular e individualmente, por pessoas preparadas e com conhecimento desses tópicos para melhor orientar os envolvidos.

Todavia, em face da insistência do nobre leitor para que opinássemos, dissemos a ele que temos o direito de fazer o nosso planejamento familiar e essa decisão está atrelada ao livre arbítrio dos casais. Sem colidir com a coerência doutrinária, explicamos que a prole é programada no mundo dos Espíritos, considerando as determinações de crédito e débito, oriundas das vidas pregressas, antes da incursão no corpo físico. Portando, "planificamos a formação da família antes do renascimento terrestre, com o amparo e a supervisão de instrutores beneméritos.".(1)

Há escolhas que antecederam o planejamento reencarnatório, bem como aquelas no decorrer da encarnação – são conhecidas como momentos de decisão. Será então que "podemos proceder à escolha de nossas provas, enquanto encarnados? Sim, é possível. Mesmo na vida material, há sempre momentos em que nos tornamos independentes da matéria que serve-nos de habitação.".(2)

Os filhos derivam de pactos asilados antes do processo

reencarnatório pelos futuros pais, visando erguerem a família de que carecem para a inevitável evolução. Mas é de boa lembrança não deixar as coisas por conta da natureza – pode ser insensatez e imprudência. O Criador nos deu o uso do raciocínio no bom emprego das leis naturais. Não fosse assim, em que pese os prévios compromissos pactuados no "além", teríamos que procriar indefinidamente, durante toda a existência física, o que obviamente não seria uma atitude racional.

Na literatura básica do Espiritismo não há referência específica sobre os métodos contraceptivos da vasectomia e da laqueadura de trompas. Não obstante, analisando O Livro dos Espíritos, no capítulo sobre a "Lei de Reprodução", encontramos alguns subsídios importantes para discutir o tema. Aprendemos com os Espíritos que se pode controlar a natalidade, sem abusos. Porém, advertem-nos os Benfeitores que se o objetivo for a sensualidade, onde a predominância do lado animal esmague os anseios do espírito, acarretará gravíssimas consequências morais. E quanto mais nos sentimos culpados por alguma coisa, igualmente isto nos afeta o campo emocional.

Há os que fazem vasectomia ou a laqueadura de trompas apenas para evitar as complicações oriundas de uma gravidez indesejada. Todavia, permanecem abusando da sensualidade. Estes, naturalmente, terão na mente culpada os reflexos perversos, acicatando a consciência. A culpabilidade é de contínuo uma nesga de sombra eclipsando-nos a visão. O sentimento de Culpa é sempre um colapso da consciência e, através dele, sombrias forças do mal se insinuam.

O controle da natalidade precisa ser verificado à luz da finalidade de quem o pratique. Se o intuito for de levar a cabo um planejamento familiar que se ajuste às realidades do casal, sobretudo de ordem financeira, nada encontramos nas orientações kardecianas que o desaprove. Se contudo a

finalidade é puramente física, de nutrir a sensualidade, de ter uma atividade sexual voltada precipuamente para o prazer, aí a circunstância muda de silhueta. Neste caso, estará sendo contrariada a Lei Natural e a implicação será a obrigatória retificação numa reencarnação subsequente, de forma bastante dolorosa.

Existindo motivo genuinamente justo, podemos limitar nossa prole, principalmente se já possuímos filhos e não desejamos ter outros. Percebemos nessa suposição corretamente admissível que podemos evitar a concepção. Se alguém escolhe fazer vasectomia ou laqueadura de trompas apenas como forma preventiva de se livrar de filhos e se despreocupar para ter uma vida sexual intensa e inconsequente, a conotação e a implicação serão uma. Se, ao contrário, em razão de uma patologia grave pela qual seria arriscado gerar filhos sob pena de vir a mãe desencarnar, a consequência será outra. A rigor, o que vai definir se haverá ou não transgressão às Leis Naturais será a intenção que motivou a decisão de fazer a cirurgia.

Chico Xavier, que não era avesso aos anticoncepcionais, disse: "acreditamos que o anticoncepcional é um recurso que nos foi concedido na Terra pela Divina Providência para que a delinquência do aborto seja sustada, uma vez que a criatura humana, por necessidade de revitalização de suas próprias forças orgânicas, naturalmente precisará do relacionamento sexual entre os parceiros que estão compromissados no assunto, mas usarão esse agente anticoncepcional para que o crime do aborto seja devidamente evitado em qualquer parte do mundo.".(3) O "Mineiro do Século" afirmou que "os anticoncepcionais não estarão invadindo a Terra sem finalidade justa. Pessoalmente, acreditamos que o casal tem direito de pedir a Deus inspiração para que não venha a cair em compromissos nos quais eles, os cônjuges, permaneçam frustrados.".(4)

Sabemos que há métodos e métodos contraceptivos. Sobre a vasectomia ou a laqueadura de trompas, cremos que a atual tecnologia detém outras maneiras menos traumáticas para se evitar a procriação, que não precisam de procedimentos invasivos (cirúrgicos) nem ocasionam qualquer lesão física. Tais métodos de contracepção, por serem menos hostis, podem ser utilizados. Os procedimentos cirúrgicos precisam ser repensados, adiados e/ou impedidos por serem medidas extremas, definitivas e com altos índices de irreversibilidade.

A orientação espírita permite-nos contemplar a gestação como uma série de episódios que extrapolam em muito os aspectos físicos. Dessa forma, a eleição de métodos contraceptivos abarca encargos morais superiores aos que possamos imaginar. E nada mais prudente do que a informação para nos auxiliar em nossas deliberações. A possibilidade de recorrer a métodos eficazes para planejar adequadamente o nascimento dos filhos é umas das melhores contribuições da ciência. Por essa razão, os métodos contraceptivos precisam ter a restrição e a recomendação apropriada pela medicina terrena a fim de se evitar a esterilidade irreversível.

Em razão da prorrogação definitiva de uma reencarnação pré-agendada, ocorrerá sim acicates conscienciais, ferindo o perispírito. É importante considerar o grau de consciência do ato deliberado e da sua intenção, pois esses são vetores importantes que podem amenizar ou ampliar patologias emocionais, neuroses, psicoses, infertilidade, doenças sexuais diversas, compressão mental através de perseguição espiritual produzida pelos "filhos" rejeitados de "lá".

Por esses motivos, pode-se recorrer a diversos outros métodos menos traumáticos ao corpo psicossomático. Cremos que o ideal é o emprego de métodos anticoncepcionais capazes de apenas impedir a fecundação. Ou seja, controle feito através de métodos naturais como a tabelinha, a ovulação, o muco cervical, cópula descontínua e a temperatura, ou métodos

artificiais como preservativo de látex, espermicida, diafragma, pílula anticoncepcional. Somos impetuosamente contrários ao uso da pílula do dia seguinte e fazemos ressalvas ao DIU, pois na área da medicina muitos ginecologistas têm debatido se ele é ou não abortivo. Obviamente se não é abortivo, é um método válido para contracepção. A vida inicia na concepção, se o DIU age após a fecundação , visando interromper o processo da gravidez é absolutamente contrário aos preceitos espíritas.

Em suma, sobre o assunto, cada caso é um caso. Todavia, desaconselhamos a utilização rotineira e indiscriminada de medidas contraceptivas, exceto que haja um pretexto lícito e doutrinariamente aceitável, lembrando, nesse contexto, que os ditames da Lei de Deus encontram-se no âmago da consciência de cada um.

Referências Bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1999, cap 17

(2) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2000, questão 267

(3) Disponível no portal http://www.editoraideal.com.br/chico_ler_perguntas.php?id=21, acessado em 05/02/2012

(4) Chico Xavier em Goiânia, págs. 49, 64, 65 e 66



Não há como tolerar militância política dentro das hostes espíritas

O Portal do G1 realizou uma enquête na Câmara dos Deputados a fim de saber qual a religião dos parlamentares. Dos 414 deputados consultados, 309 se declararam católicos e 43 evangélicos. Os parlamentares que se declararam "espíritas"(!?) foram 8. Outros 13 disseram ser cristãos, mas não especificaram se seguem uma religião. Oito se disseram agnósticos. Para nós, os espíritas, esse quadro estatístico nada significa. Por uma questão muito elementar: "não há representantes oficiais do espiritismo em setor algum da política humana", segundo André Luiz. (1) A Doutrina Espírita não estimula o engajamento em ideias e políticas partidárias. Não coloca sua tribuna a serviço da propaganda política de candidatos, de partidos ou de movimentos políticos.

Em que pese a ideia de que "o problema não é de como o espírita entra na política, mas de como dela sai", o espírita, se estiver vinculado a alguma agremiação partidária, se deseja concorrer como candidato a cargo eletivo, tem total liberdade de ação, mas que atue bem longe dos ambientes espíritas, para que tudo que fizer ou disser, dentro da Instituição Espírita, não venha a ter uma conotação de atitude de disfarçada intenção, visando conquistar os votos de seus confrades.

É inadmissível trazer para dentro dos Centros ou Instituições Espíritas a política partidária, embora, como cidadão, cada espírita tenha a liberdade de militar no universo fragmentado das ideologias políticas. Mas o Espiritismo não é fragmento da política partidária, e nem tampouco envolve-se com grupos políticos sectários, que utilizam meios incoerentes com os fins

de poder.

A política do legítimo espírita é a favor do ser humano e de seu crescimento espiritual. Não se submete e não se omite diante do poder político, e nem tampouco assume o lugar de oposição ou de situação. Elucida Emmanuel que "o discípulo sincero do Evangelho não necessita respirar o clima da política administrativa do mundo para cumprir o ministério que lhe é cometido. O Governador da Terra, entre nós, para atender aos objetivos da política do amor, representou, antes de tudo, os interesses de Deus junto do coração humano, sem necessidade de portarias e decretos, respeitáveis, embora".(2)

A rigor, "iniciados na luz da Revelação Nova, os espiritistas cristãos possuem patrimônios de entendimento muito acima da compreensão normal dos homens encarnados."(3) Por isso mesmo, sabem à saciedade que "a missão da doutrina é consolar e instruir, em Jesus, para que todos mobilizem as suas possibilidades divinas no caminho da vida. Trocá-la por um lugar no banquete dos Estados é inverter o valor dos ensinos, porque todas as organizações humanas são passageiras em face da necessidade de renovação de todas as fórmulas do homem na lei do progresso universal."(4)

Se o mundo gira em função de políticas econômicas, administrativas e sociais, não há como tolerar militância política dentro das hostes espíritas. Os Benfeitores espirituais nos advertem que não se sustentam as teses simplistas de que só com a nossa participação efetiva nos processos políticos ao nosso alcance ajudaremos a melhorar o mundo. Recordemos que Jesus cogitou muito da melhora da criatura em si. Não nos consta que Ele tivesse aberto qualquer processo político-partidário contra o poder constituído à época. Nossa conduta apolítica não deve ser encarada como conformismo. Pelo contrário, essa atitude é sinonímia de paciência operosa, que trabalha sempre para melhorar as situações e cooperar com aqueles que recebem a responsabilidade da administração de

nossos interesses públicos.

É importante lembrarmos que, nas pequeninas concessões, vamos descaracterizando o projeto da Terceira Revelação. Por isso mesmo urge que façamos uma profunda distinção entre Espiritismo e Política. Somos políticos desde que nascemos e vivemos em sociedade. Isso é real, porém a Doutrina Espírita não poderá, jamais, ser veículo de especulação das ambições pessoais, nesse campo.

Pela transformação do comportamento individual, lutando pelo ideal do bem, em nome do Evangelho, os espíritas não estão alheios à Política; engana-se quem pensa o contrário. Os Espíritas honestos, fieis à família, aos compromissos morais, são integralmente cidadãos ativos, que exercem o direito e/ou obrigação (depende do ponto de vista) de votar, porém sem vínculos com as querelas e questiúnculas partidárias.

O Espiritismo não pactua com irrelevantes e transitórios interesses terrenos. Estamos investidos de compromisso mais imediato, ao invés de mergulharmos no mundo da política saturada por equívocos lamentáveis.

Referência bibliográficas:

(1) VIEIRA, Valdo. Conduta Espírita, Ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de janeiro: FEB, 2001, Cap. 10

(2) Xavier, Francisco Cândido. Vinha de Luz, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1999, cap. 59

(3) Xavier, Francisco Cândido. Vinha de Luz, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1999, cap. 60

(4) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1984, pergunta 60



No mundo teremos aflições?

Chama-nos atenção a sequência de catástrofes naturais que têm ocorrido no Brasil. São as "tempestades que se reúnem num conselho de deuses, feitas de ventos, de chuvas e raios", que se espalham nos Estados do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e de São Paulo, inundando lares, desmoronando sonhos e destruindo vidas. São circunstâncias em que as pessoas precisam estar dispostas a ajudar, pois estão jungidas pela tragédia para ocuparem as ambulâncias unidas pela solidariedade dolorida.

Devido aos estrugidos da natureza, irrompem, em várias localidades da Terra, grupos de fanáticos que criam seitas e cultos estranhos, que abandonam emprego e família, à espera do "juízo final". No Japão, vários "gurus" prevêem o "final do mundo". Nos Estados Unidos, 55 milhões de americanos acham que falta pouco para o mundo acabar. Para esses, as tempestades, que têm destruído várias regiões do planeta, são anjos enviados para punir os homens, anunciando o "grande final" (!?...).

Não é confortador o aparecimento de pregoeiros dessas bizarras crenças, que se multiplicam mundo afora, obscurecidos na razão pela expectativa de uma "nova era". Até mesmo no meio espírita, têm surgido livros que induzem leitores ao pânico ou à hipnose catastrofista "do quanto pior melhor"...!Os terremotos, os furações, as inundações, as erupções vulcânicas e outras catástrofes naturais são parte inevitável do pulsar da natureza. Sabe-se, no mundo acadêmico, que poluição de veículos automotores no Velho Continente mata mais do que acidentes de trânsito. Percebe-se o vigor da expansão do

consumo das drogas, a banalização do comportamento sexual veiculado por revistas, jornais, televisão, cinema, teatro, videocassete, tv a cabo, internet, etc.

Discute-se a legalização das drogas, cita-se o desemprego estrutural, comenta-se a ruptura da ordem, especula-se sobre a sombria previsão da drástica redução do manancial de água potável para daqui a quatro décadas, etc. Acerca disso, alguns estudiosos prevêem conflitos mundiais, tendo como nexo causal a corrida pelo controle do líquido precioso. Os rios estão secando na Amazônia, onde existem 12% de água doce da Terra. Entretanto, na maioria dos casos, as tempestades têm por objetivo o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da natureza.

Os pessimistas insistem sempre em considerar que a maneira negativa e sombria de perceber as coisas do mundo é uma maneira realista de viver. Os preceitos espíritas indicam que a atual geração desaparecerá, gradativamente, e uma nova lhe sucederá, naturalmente, ou seja, uma parte dos espíritos que encarnavam na Terra não mais tornará a encarnar. Em cada criança que nascer, em vez de um espírito inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um espírito mais adiantado e propenso ao bem. Por mais difícil que seja o inevitável processo da seleção final dos valores éticos da sociedade, não podemos esquecer que Jesus é o Caminho que nos induz aos iluminados conceitos da Verdade, onde recebemos as gloriosas sementes da sabedoria, que dominarão os séculos vindouros, preparando nossa vida social para as culminâncias do amor universal no respeito pleno da vida do Planeta.

Enquanto as penosas cenas televisivas das tragédias naturais nos acicatam as retinas, as forças espirituais reúnem-se para a grande reconstrução do porvir. Lembremo-nos de que, na luta dolorosa das civilizações, Ele, O Cristo, é a luz do princípio e em Suas mãos repousa o ordenamento da natureza terrena. Por isso, o Mestre advertiu: "Nesse mundo tereis

aflições, mas tende bom ânimo - Eu venci o mundo”.



A política eleitoreira ante a política do evangelho

Nas proximidades dos debates para eleições políticas, "esquenta" a discussão sobre o tema, se o espírita deve ou não participar da política partidária. Sobre isso, um amigo me confidenciou que diretores de uma federativa têm feito convites, aos espíritas, para o engajamento na militância política. (pasmem!) Por lógica, essa tolice não mereceria nossos comentários, pois já escrevemos muito sobre a questão. Todavia, somos forçados a analisar essas insistentes posturas, totalmente incompatíveis com o projeto Espírita na Terra. A Doutrina Espírita não estimula o engajamento em ideias e políticas partidárias. Não coloca sua tribuna a serviço da propaganda política de candidatos, de partidos ou de movimentos políticos.

Em que pese a frase de um conhecido líder espírita, que proclama que "o problema não é de como o espírita entra na política, mas de como dela sai", o espírita, se estiver vinculado a alguma agremiação partidária, se deseja concorrer como candidato a cargo eletivo, tem total liberdade de ação, mas que atue bem longe dos ambientes espíritas, para que tudo que fizer ou disser, dentro da Instituição Espírita, não venha a ter uma conotação de atitude de disfarçada intenção, visando a conquistar os votos de seus confrades.

No Espiritismo, a cautela é recomendável, tanto quanto a discussão; não pode haver preconceitos. Todavia, em se discutindo políticas sociais, é inadmissível trazer, para dentro dos Centros ou Instituições Espíritas, a política partidária, embora, como cidadão, cada espírita tem a liberdade de militar no universo fragmentado das ideologias políticas. Até porque, o

Espiritismo não é fragmento da política partidária, e nem, tampouco, envolve-se com grupos políticos sectários, que utilizam meios incoerentes com os fins de poder.

É muito importante distinguir a política terrena, da política do Cristo. O espírita, quando trabalha pela erradicação da miséria e da exclusão social do ser humano, está adotando a política do Evangelho, ou seja, a sua política, nesse sentido, é a da caridade sem fronteiras para todas as classes. A política do legítimo espírita é a favor do ser humano e de seu crescimento espiritual. Não se submete e não se omite diante do poder político, e nem, tampouco, assume o lugar de oposição ou de situação. Explica, Emmanuel, que "o discípulo sincero do Evangelho não necessita respirar o clima da política administrativa do mundo para cumprir o ministério que lhe é cometido. O Governador da Terra, entre nós, para atender aos objetivos da política do amor, representou, antes de tudo, os interesses de Deus junto do coração humano, sem necessidade de portarias e decretos, respeitáveis, embora". (1)

É inadmissível a utilização da tribuna espírita, como palanque de propaganda política. O Espiritismo não pactua com superficiais e transitórios interesses terrenos. Por isso, ninguém pode deixar-se escravizar à procura de favores de parlamentares, a ponto de, este, exercer infausta influência nos conceitos espíritas. Outra hipocrisia é um espírita nos palanques, implorando votos, qual mendigo, com sofismas e simulação de modéstia, de pobreza, de humildade, de desprendimento, de tolerância, etc., com finalidade demagógica, exaltando suas próprias "virtudes" e suas "obras" beneficentes. O bom senso nos sussurra que o ideal seria se esses "espíritas" (!?), que mendigam votos, optassem por outro credo, para que lhes seja assegurada a não-contaminação dessa infecciosa politicagem em nossas hostes, até porque, "não temos necessidade absoluta de representantes oficiais do Espiritismo em setor algum da política humana".(2)

Pela transformação de comportamento individual, lutando pelo ideal do bem, em nome do Evangelho, os espíritas não estão alheios à Política; engana-se quem pensa o contrário. Os espíritas honestos, fieis à família e aos compromissos morais, são, integralmente, cidadãos ativos, que exercem o direito e/ou obrigação (depende do ponto de vista) de votar; porém, sem vínculos com as querelas e questiúnculas partidárias.

E, mais ainda, "iniciados na luz da Revelação Nova, os espiritistas cristãos possuem patrimônios de entendimento muito acima da compreensão normal dos homens encarnados." (3) Por isso mesmo, sabem, à saciedade, que "a missão da doutrina é consolar e instruir, em Jesus, para que todos mobilizem as suas possibilidades divinas no caminho da vida. Trocá-la, por um lugar no banquete dos Estados, é inverter o valor dos ensinos, porque todas as organizações humanas são passageiras em face da necessidade de renovação de todas as fórmulas do homem na lei do progresso universal." (4)

É oportuníssimo lembrar que, nas pequeninas concessões, vamos descaracterizando o projeto da Terceira Revelação. Urge que façamos uma profunda distinção entre Espiritismo e Política. É bem verdade que somos políticos desde que nascemos e vivemos em sociedade, sim, e daí? A Doutrina Espírita não poderá, em tempo algum, ser veículo de especulação das ambições pessoais, nesse campo. Se o mundo gira em função de políticas econômicas, administrativas e sociais, não há como tolerar militância política dentro das hostes espíritas.

Emmanuel nos comprova que não se sustentam as teses simplistas de que só com a nossa participação efetiva nos processos políticos, ao nosso alcance, ajudaremos a melhorar o mundo. Recordemos que Jesus cogitou muito da melhora da criatura em si. Não nos consta que Ele tivesse aberto qualquer processo político-partidário contra o poder constituído à época. Nossa conduta apolítica não deve ser encarada como

conformismo. Pelo contrário, essa atitude é sinonímia de paciência operosa, que trabalha sempre para melhorar as situações e cooperar com aqueles que recebem a responsabilidade da administração de nossos interesses públicos, e PONTO FINAL.

Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. Vinha de Luz, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1999, cap. 59

(2) VIEIRA, Valdo. Conduta Espírita, Ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de janeiro: FEB, 2001, Cap. 10

(3) Xavier, Francisco Cândido. Vinha de Luz, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1999, cap. 60

(4) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1984, pergunta 60



Perante a perspectiva do medo, mantenhamos a fé em Deus

O maior temor de quem tem emprego, hoje, é perdê-lo. A demissão é traumática, sem dúvida, e para muitos é mais trágico, ainda, do que ficar viúvo ou divorciado, consoante estudo divulgado, recentemente, na Alemanha. Durante 20 anos, a pesquisa analisou o nível de satisfação de centenas de alemães. O estudo apontou uma tendência em que o nível básico de felicidade de uma pessoa comum, essencialmente, permanece o mesmo durante toda a vida adulta.

Em outra pesquisa, realizada com trabalhadores de várias empresas, afastados por distúrbios psíquicos, foram observadas "as manifestações do desgaste mental no trabalho e identificadas as várias conexões entre a vida laboral e as condições gerais de vida. Dentre esses aspectos, o medo surgiu como fator importante de avaliação, já que a sanção mais temida, por todos os funcionários afastados, era a demissão".(1)

Há outros estudos que fazem referências ao processo psicológico chamado "adaptação" - forma como os seres humanos ajustam seu humor a novas circunstâncias - boas ou más. Yannis Georgellis, da Universidade de Brunel, na Inglaterra, que participou da elaboração de um determinado estudo, "disse que suas conclusões sugerem que o velho ditado de que 'o tempo cura tudo' pode ser verdadeiro em muitos casos." (2) O seu estudo reforça a tese de outros trabalhos que dizem que as pessoas se recuperam de acontecimentos negativos, rapidamente. "Há alguma literatura sobre pessoas que se tornaram paraplégicas que, quando entrevistadas

poucos anos depois, tinham níveis de felicidade similares aos de pessoas que não foram afetadas desta maneira." (3) Da mesma forma, "há estudos de pessoas que ganharam na loteria que não são mais felizes no longo prazo". (4)

Uma situação de crise econômica e agravamento da insegurança, como nos dias de hoje, alteram as relações sociais, sobretudo no trabalho. Há, nessa conjuntura, uma relação entre o social e o trabalho, e o sujeito na organização será afetado por isso, aumentando seu medo e sofrimento.

Estudos afirmam que, numa grande empresa ou empresa supermoderna, só existe lugar para superempregados, que devem ser super-homens: bonitos, felizes, altamente qualificados, que não cometem erros, enfim, perfeitos e isso já é uma superparanóia. Essas fobias coexistem com a culpabilidade, pois, dificilmente, o trabalhador estará à altura das exigências da organização e do ideal que se procura atingir. Destarte, o indivíduo, nas organizações, vive o sonho de onipotência e perfeição, e a empresa, obviamente, sabe lidar com essa fragilidade a seu favor, cobrando, cada vez mais, num processo vil de robotização, da consciência dos mais frágeis (os empregados). Nesta sociedade alucinada pelo ter e não pelo ser, facilmente, o medo instala-se nos temperamentos frágeis, nas constituições emocionais de pouca resistência, de começo no indivíduo, depois na sociedade.

"O excesso de tecnologia gerou ausência de solidariedade humana, que provoca uma avalanche de receios." (5) O modelo de relação de trabalho atual é cruel. O sujeito que, dentro da organização, assiste a diversas demissões, vê vários de seus colegas serem "despedidos", e que tem medo de ser a próxima vítima, sabe que a falta de proteção é uma das causas de sua angústia. Em verdade, o mercado é volátil. Histórias de desemprego de longa duração e de situações em que o trabalhador não consegue mais voltar para o mercado formal se repetem. Diante dessa perspectiva, cada individuo deverá se

preocupar com a sua segurança, rompendo com os laços emocionais, exaltando o individualismo e aumentando a competição dentro da empresa.

Nessa situação de instabilidade sóciopolítico e econômica, é comum os trabalhadores não se lembrarem de Deus, mas, urge reconhecer que o Criador não esquece os trabalhadores, cujas atividades dignas desenvolvem os valores reais do Espírito. Deus a todos estende sua misericórdia. É bem verdade que Ele nos dá respostas que nem sempre correspondem às nossas expectativas. Senão, vejamos: Pedimos o que desejamos, mas Deus nos dá o que precisamos.

Os "tempestacões" (tempestades e furacões) da experiência humana simbolizam as advertências do Criador, ensejando-nos mudança de rumo. Simonetti lembra que "A doença respiratória, o lar em desajuste, a dificuldade financeira, a perda do emprego, o acidente automobilístico, são situações constrangedoras que nos perturbam. Pedimos a ajuda divina. Deus vem em nosso auxílio, mas é preciso que nos disponhamos a tomar o barco do futuro, deixando, no passado, velhas tendências. Podemos considerar, na mesma sequência, que: O tabagismo afeta os pulmões. A incompreensão conturba o relacionamento afetivo. A indisciplina nos gastos faz rombos nas contas. A displicência profissional resulta em demissão. A irresponsabilidade no trânsito favorece desastres".(6) (grifamos)

A pouca disposição de encarar nossos erros e desacertos, como causa de nossas dificuldades e problemas, neutraliza a ação divina em nosso benefício. As crises sugerem mudanças. Se não mudamos com elas, sempre nos sentiremos abandonados por Deus, incapazes de identificar o socorro divino. Ficar livre do medo? Eis aí o âmago da questão, pois o temor é desarmonia e desintegração emocional. O medo não existe só sob uma sensação de ser punido, de perder o emprego, do insucesso, mas o temor do próprio medo. O medo

é um sentimento de grande inquietação, quando estamos diante de um perigo real, um perigo imaginário ou uma ameaça. É, portanto, um sintoma de insegurança, proveniente da falta de fé em Deus, em certas situações da vida, mas que precisam ser bem trabalhadas na mente cristã.

Para nós, estudiosos do Espiritismo, a solução para o medo é, sem dúvida, "a fé que remove montanhas", mostrando-nos o rumo da vitória. É, igualmente, a certeza da reencarnação, a certeza de que a vida terrena não é mais do que um longo dia perante a eternidade real da vida do Espírito. Somos seres pensantes e imortais e, ante essas verdades, podemos enriquecer a nossa atividade mental, indefinidamente, rumo aos objetivos superiores. Podemos desenvolver recursos que nos conduzam a um relacionamento humano e social, através do trabalho solidário e fraternal, aprendendo a entender as dores e angústias dos nossos companheiros, a ter compaixão, e, finalmente, "a amar o próximo como a nós mesmos". Fundamentalmente, a fé deve apoiar-se na razão, para não ser cega. Por isso fé não é um "dom" fornecido por Deus para alguém em especial, seja por essa ou aquela atitude exterior, mas sim o produto da nossa conquista pessoal na busca da compreensão do caminho correto, das verdades que permeiam a essência das nossas próprias vidas, por meio do conhecimento, da vivência da experiência, das reflexões pessoais e pelo esforço que fazemos em modificar-nos para viver com mais amor... por entender que o amor é a causa e cada vez mais precisa ser o efeito da vida.

Na mensagem do Mestre, aprendemos a lição de otimismo vivo, fator psicológico esse capaz de renovar nossos pendores, obstando que o medo, a depressão e a angústia se apossem de nossa mente. Se algum trabalhador perde o emprego, ou se os amigos o abandonam, outras oportunidades surgirão, outros amigos estarão presentes. "E o dínamo gerador deste otimismo é a fé. Se a situação for tão aflitiva que não observamos a

saída, confiemos e sigamos em frente com alegria, pois a vida eterna está a nossa frente, e jamais estará só aquele que contribui para a construção do reino de amor e paz." (7)

Confiemos, plenamente, na Inteligência Suprema que, providencialmente, administra a vida, sabendo que Ele, a Causa primeira de todas as coisas, é Soberanamente Bom e Justo, e que nos seus estatutos não há espaços para injustiças. Certamente, agindo assim, ao olharmos para trás, teremos uma percepção diferente dos fatos que nos aconteceram e perceberemos que todas as experiências, boas ou más, cooperaram para o nosso bem, mediante as quais o ser progride sempre!

Referências bibliográficas:

(1) Castelhano, Laura Marques. O MEDO DO DESEMPREGO E A(S) NOVA(S)ORGANIZAÇÕES DE TRABALHO, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, disponível em http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n1/a03v17n1.pdf acesso em 08-10-08

(2) Disponível em acesso em 09/10/08

(3) idem

(4) idem

(5) Helena, Rejane de Santa. Artigo intitulado "Medo" publicado na Revista Eletrônica O Consolador, Ano 1 - N° 7, 2007

(6) Simonetti, Richard. Abaixo a Depressão, SP: 4ª Ed. Ed. CEC (págs. 107 a 111)

(7) Helena, Rejane de Santa. Artigo intitulado "Medo" publicado na Revista Eletrônica O Consolador, Ano 1 - N° 7, 2007



Não saia de vossa boca nenhuma palavra torpe

Os dicionaristas divergem quanto à classificação das palavras de baixo calão e de suas acepções entre ofensivas ou populares (com chancela como tabuísmo [Palavra ou expressão considerada grosseira, obscena ou ofensiva. = PALAVRÃO], chulo, plebeísmo e popular). Uma palavra de baixo calão (palavrão) é uma expressão que diz respeito ao grupo de gíria e, dentro desta, apresenta reles, impróprio, afrontoso, grosseiro, obsceno, agressivo ou depravado sob o ponto de vista de alguns conceitos religiosos ou estilos de vida.

Uma simples palavra, quando proferida nas ocasiões "certas", seja ela de estímulo ou de desestímulo, provoca indícios, em quem ouve, de que pode reagir, positivamente, e modificar a sua maneira de pensar sobre determinada circunstância da vida. Por outro lado, a mera palavra pronunciada em momento "inadequado" pode ser motivo de grandes dores morais. Nós não estamos habituados a refletir, sensatamente, sobre a força atuante que as palavras têm. A palavra, como uma articulação de sons provenientes de um determinado pensamento ligado a emoções e sentimentos específicos, serve como um detonador prático de tudo ligado a ela.

Muitas pessoas creem que o xingar é, "apenas", uma resposta instintiva para algo doloroso e imprevisto como, por exemplo, bater a cabeça na quina do armário, uma topada inesperada em algum obstáculo ou ainda, quando nos vemos diante de alguma frustração ou aborrecimento. Esses são os momentos mais comuns de as pessoas apelarem para as expressões de baixo calão, e muitos pesquisadores acreditam

que eles “ajudam” a aliviar o estresse e a dissipar energia, da mesma forma que o choro para as crianças.

Infelizmente que há pessoas que xingam (com palavrões) o próximo e talvez ignoram que estão transgredindo o artigo 140 do Código Penal. Reflitamos sobre os fatos a seguir:

“Escola para concursos deve indenizar aluna xingada por funcionário”. A GranCursos - Escola para Concursos Públicos Ltda, foi condenada a indenizar em R$ 6 mil uma estudante que foi ofendida com palavras de baixo calão por um funcionário da instituição. A decisão do juiz do 2º Juizado Especial Cível de Taguatinga foi confirmada pela 3ª Turma Recursal dos Juizados Especiais. Não cabe mais recurso ao Tribunal. (1)

“Mulher condenada a indenizar por ofensas a ex-marido em público”. O caso aconteceu em Erechim. Ao deparar com o ex-marido em uma praça de alimentação, mulher passou a proferir ofensas públicas, utilizando palavras de baixo calão. O comportamento deu origem a uma ação por dano moral ajuizada pelo homem no Tribunal de Justiça. O resultado foi a condenação da ofensora a pagar indenização de R$ 1 mil por danos morais. (2)

“Juiz aplica nova lei da prisão preventiva contra militar”. O juiz da 11ª Vara Criminal de Natal, Fábio Wellington Ataíde Alves, determinou o afastamento de um soldado da unidade militar na qual trabalha, no município de Apodi, após ter sido detido embriagado e insultando em via pública companheiro de farda com palavras de baixo calão. O juiz aplicou ao caso a nova lei da prisão preventiva.(3)

“Síndica de prédio em Jacarepaguá é condenada a indenizar vizinha”. A síndica do Condomínio (...), em Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio, foi condenada a pagar indenização por dano moral, no valor de R$ 6 mil, por deixar uma moradora em situação vexatória e constrangedora após discussão no prédio onde ambas residem. A decisão é do desembargador Sidney Hartung, da 4ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Rio, que

também determinou que as duas dividissem as despesas do processo e os honorários dos advogados. (4)

Fujamos de palavrões! O uso do palavrão, ao invés de resolver crises emocionais, remete às barras da justiça e ainda trucida a saúde espiritual do seu autor. Qualquer palavra de baixo calão é um despautério verbal e é crime.

Que de nossa boca sejam, apenas, emitidas palavras voltadas ao bem e à paz. Para esse mister, devemos intensificar o treinamento constante, pois que na vida social estamos viciados a lidar com nossa expressão verbal muito levianamente. Diz-se até que dificilmente uma pessoa comum consegue ultrapassar 5 minutos sem falar bobagens (abobrinhas), jogar conversa fora, ser completamente inútil na verbalização dos sentimentos. Lembremos, porém, que sempre seremos responsáveis pelas consequências , diretas e indiretas, das palavras que proferimos a esmo.

Quem tem sede de se aprimorar espiritualmente, deve analisar, com critério, o que verbaliza, diariamente. Espíritos elevados não se expressam de forma vulgar, pois fazem uso, unicamente, do verbo elevado. Portanto, extinguir o lixo mental é importante decisão para prosperarmos na ciência da expressão oral. As palavras são os reflexos dos pensamentos; quando pensamos com bondade e compreensão, é isso que nossas palavras refletirão.

Para Chico Xavier, "o cuidado com as palavras não era mera formalidade nem prova de educação. Tinha fins preventivos, quase terapêuticos. O uso de expressões agressivas era perigoso, arriscado. Os maus pensamentos também. Era Kardec quem ensinava: Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável". (5)

Referências bibliográficas:

(1) Disponível em http://tj-df.jusbrasil.com.br/noticias/2748881/escola-para-concursos-deve-indenizar-aluna-xingada-por-funcionario acessado em 01/11/11

(2) Disponível em http://tj-rs.jusbrasil.com.br/noticias/2636991/mulher-condenada-a-indenizar-por-ofensas-a-ex-marido-em-publico acessado em 01/11/11

(3) Disponível em http://tj-rn.jusbrasil.com.br/noticias/2762806/juiz-aplica-nova-lei-da-prisao-preventiva-contra-militar acessado em 01/11/11

(4) Disponível em http://tj-rj.jusbrasil.com.br/noticias/2159662/sindica-de-predio-em-jacarepagua-e-condenada-a-indenizar-vizinha acessado em 01/11/11

(5) Maior, Marcel Souto. As Vidas de Chico Xavier", São Paulo: Editora Planeta, 2003.



Aos escravos das bebidas alcoólicas recomendamos Jesus – "vinde a mim..." (Mateus 11:28-30)

O consumo de alcoólicos pelo ser humano não é hábito recente; é tão antigo quanto o próprio homem das cavernas. Seja qual for o período histórico e em que sociedade com a qual se relacionou ou a cultura que recebeu, o homem tem bebido. Há 3700 anos "Código de Hamurabi" já trazia normativos sobre as situações, lugares e pessoas que podiam ou não fazer a ingestão de bebida alcoólica. Há 2500 anos os chineses perdiam – literalmente – a cabeça por causa da bebida alcoólica – a prática era punida com a decapitação. Configura-se um costume extremamente antigo e que vem persistindo por milhares de anos.

Paulo escreveu para os cristãos de Efésio: "e não vos embriagueis com vinho, no qual há devassidão, mas enchei-vos do Espírito.".(1) O álcool é a droga "lícita" mais consumida no mundo contemporâneo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Ainda de acordo com a OMS, a bebida alcoólica é a droga legalizada de escolha entre crianças e adolescentes. Estima-se que o uso desse tóxico tenha início aos 10 a 12 anos. Os males gerados pelo alcoolismo são a terceira causa de morte no mundo.

Estudos encontrados na literatura científica mostravam que os homens bebiam mais que as mulheres em todas as faixas etárias, e que jovens consumiam mais álcool do que idosos. Porém, outras pesquisas apontam para o aumento anual, no Brasil e no mundo, do porcentual de mulheres dependentes. No passado, pontuam os especialistas, para cada cinco usuários problemáticos de álcool existia uma mulher na mesma

condição. O estudo demonstra que atualmente a razão comparativa é de 1 para 1. Elas já bebem tanto quanto eles, mas concentradas em fases distintas. É mais recente a aceitação social do uso do álcool pelas mulheres. Realmente, antes elas não bebiam tanto. Com isso, o foco das campanhas preventivas ficou muito centrado nos homens. As mulheres ficaram negligenciadas nessa abordagem. Raros são os ginecologistas, por exemplo, que questionam se as suas pacientes bebem.

As grandes vítimas são os filhos, envolvidos numa rotina de restrições e constrangimentos. Filhos de mulheres que consomem álcool em excesso durante a gravidez estão sujeitos à síndrome alcoólica fetal, que pode provocar sequelas físicas e mentais no recém-nascido. Crianças e adolescentes filhos de pais com o vício estão mais sujeitos a desequilíbrios emocionais e psiquiátricos. Normalmente, o primeiro problema identificado é um prejuízo severo na autoestima, com repercussões negativas sobre o rendimento escolar e as demais áreas do funcionamento mental. Esses adolescentes e crianças tendem a subestimar suas próprias capacidades e qualidades.

Os dados atuais sobre alcoolismo são devastadores. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clinicas (HC) de São Paulo, ligado à Secretaria de Estado da Saúde, mais de 9% dos idosos paulistanos consomem bebida alcoólica em excesso. O levantamento feito com 1.563 pessoas com 60 anos ou mais apontou que 9,1% dessa população abusa do álcool, o equivalente a 88 mil idosos da capital paulista.

Demonstrado cientificamente que o álcool é pernicioso em qualquer faixa etária, seus danos entre os adolescentes são patentes, sobretudo, durante a fase escolar, uma vez que o uso sucessivo da substância impede o rendimento, além de provocar desordem mental, falta de coordenação, problemas de memória e de aprendizado. Consequentemente, esse processo

resulta também em dores de cabeça, alteração do ciclo natural do sono, da fala e do equilíbrio.

A dependência ao álcool pode ser hereditária, havendo uma predisposição orgânica do indivíduo para o seu desdobramento, no qual o Espírito imortal traz em seu DNA perispiritual as marcas e consequências do vício em outras experiências reencarnatórias, sendo compreensível, então, que o alcoolismo seja transmissível de pais para filhos. As matrizes dessas disfunções estão no passado, seja de forma hereditária ou espiritualmente, em decorrência de experiências infelizes, remanescentes de pregressas existências.

Segundo André Luiz, "ao reencarnarmos trazemos conosco os remanescentes de nossas faltas como raízes congênitas dos males que nós mesmos plantamos, a exemplo, da Síndrome de Down, da hidrocefalia, da paralisia, da cegueira, da epilepsia secundária, do idiotismo, do aleijão de nascença desde o berço." (2) "O corpo perispiritual, que dá forma aos elementos celulares, está fortemente radicado no sangue. O sangue é elemento básico de equilíbrio do corpo perispiritual". (3) Em "Evolução em dois Mundos" o mesmo autor espiritual revela-nos que "os neurônios guardam relação íntima com o perispírito."(4) Portanto, a ação do álcool no psicossoma é letal, criando fuligens venenosas que saturam no corpo psicossomático, danificando tanto as células perispirituais quanto as células físicas.

As substâncias dos alcoólicos ingeridos caem na corrente sanguínea, daí chegam ao cérebro, atacam as células neuronais; estas refletirão nas províncias correlatas do corpo perispiritual em configuração de danos e deformações apreciáveis que, em alguns casos, podem chegar até a desfigurar a própria feição humana do perispírito.

Infelizmente a liberalidade de muitas famílias com o álcool é um dos maiores problemas para a prevenção: é mito considerar que maconha leva os jovens a outras drogas. São as bebidas

alcoólicas que fazem esse papel. Nefastamente é a azada família que estimula a ingestão dos "inofensivos destilados e/ou fermentados". Não são poucos que começaram a beber quando o patriarca (pai), orgulhoso do filho que virava homem, os atraía para os drinques dos "machões".

O vício de beber cria rotinas que envolvem cúmplices encarnados e desencarnados que compartilham do mesmo hábito e manias. Bares, restaurantes, lanchonetes, clubes sociais e avenidas estão repletos de jovens que, displicentemente, fazem uso, em larga escala e abertamente, das tragédias engarrafadas ou enlatadas. A instalação do alcoolismo envolve três características: a base genética, o meio e o indivíduo. Filhos de pais alcoólatras podem ser geneticamente diferentes, porém só desenvolverão a doença se estiverem em um meio propício e/ou características psicológicas favoráveis.

Os infelizes "canecos carnais" não só desfiguram e arrasam o corpo como agridem e violentam o caráter e deterioram o psicossoma através das obsessões, acendidas por espíritos beberrões que compartilham junto do bêbado os mesmos vícios e se alimentam através dos vapores alcoólicos expelidos pelos poros e boca numa simbiose mortificante. É precisamente esse vampirismo incorpóreo que ilustra o motivo de o alcoolismo ser avaliado como moléstia progressiva e de certo modo incurável. É verdade! Parar de beber, dizem membros do AA's (Alcoólicos Anônimos), é a vitória maior para o dependente, mas a doença não acaba. Se ele voltar a dar uns goles, em pouco tempo recupera um ritmo igual ou até maior do que o mantido antes da pausa. "Não existe ex-alcoolista nessa história", sustentam os frequentadores dos AA's.

Essas são razões suficientes para que nas celebrações e festejos com amigos nos bares da vida, fugir do compromisso da vã tradição da bebedeira a fim de divertir-se. O oceano é constituído de pequenas moléculas de H2O, e as praias se

formam com incontáveis grânulos de areia. É indispensável, portanto, desatar-se daquele clichê do “é só hoje”, e quando arrastados a comportamentos para “distrair”, não se deve aceitar a perigosíssima escapadela do "só um golinho", até porque não se pode esquecer que uma miúda picada de cobra peçonhenta, conquanto em acanhada porção, pode produzir a morte imediata, portanto ao invés de se distrair vai se destruir.

Sem dúvida que mais fácil é evitar-lhes a instalação do que lutar depois pela supressão do vício (como dizem os membros dos AA’s: não há ex-alcoólatra). A questão assenta raízes densas na sociedade, provocando medidas curadoras e profiláticas nos círculos religiosos, médicos, psicológicos e psiquiátricos, necessitando de imperiosa assistência de todos os segmentos sociais para (quem sabe!) minimizar seus efeitos flagelantes. Destarte, faz-se urgente assentar a questão da alcoolfilia no foco dos debates públicos. Até porque o problema da consumação alcoólica precisa ser atacado sem trégua, a fim de que sejam encontradas soluções para a complexa epidemia do “tóxico legal”.

Para todos jugulados pelos vícios recomendamos Jesus. Sim! O Messias que prometeu: “vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.”(5)

Referências bibliográficas:

(1) Efésios, 5:18.

(2) Xavier, Francisco Cândido. Nos domínios da mediunidade, ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed FEB, 2000, p.139-140

(3) Xavier, Francisco Cândido. Missionário da Luz, ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed. FEB, 2001

(4) Xavier, Francisco Cândido. Evolução em, Dois Mundos, ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed. FEB, 2003

(5) Mateus 11:28-30



As consequências do suicídio e da eutanásia ante as soberanas leis de Deus

Roberto Rodrigues de Oliveira, valendo-se de um capuz, “invadiu” a residência e assassinou Geraldo Rodrigues de Oliveira, seu irmão tetraplégico, a pedido da própria vítima. “Sem poder se movimentar e vivendo em uma cama, Geraldo já havia pedido inclusive para que a ex-esposa o matasse, o que foi negado. Como não conseguia cometer suicídio, ele propôs ao irmão (Roberto) a simulação do roubo seguido de morte. Roberto Rodrigues aceitou e planejou o crime com a vítima.”(1) O fato ocorreu no interior do estado de São Paulo.

O crime foi esquematizado a fim de que parecesse um latrocínio. Roberto se sentia culpado pela situação do Geraldo porque foi o causador do acidente automobilístico que deixou o irmão tetraplégico. A ex-mulher da vítima explicou em depoimento à polícia que Geraldo (um autocida confesso), só pensava em morrer devido à situação em que se encontrava. Não obstante a montagem do cenário para parecer um latrocínio, o pacto criminoso tem algumas sérias implicações espirituais para os envolvidos. Roberto transportará o fardo da culpa pelo homicídio, em que pese a sua consciência dizê-lo estar aplicando a “misericordiosa” eutanásia. E Geraldo carregará nas profundezas da mente o aguilhão da criminosa intenção do suicídio indireto.

Embora com rudimentos diferentes quanto ao modus operandis, o “caso Roberto e Geraldo” remete-nos ao “caso Bridget Kathleen Gilderdale”, em que a Justiça inglesa a absolveu pelo crime de tentativa de homicídio por ter induzido ao suicídio a filha Lynn Gilderdale, portadora de esclerose

múltipla, que se comunicava apenas através de sinais, e estava, há dezessete anos, aprisionada em uma cama.(2) A corte foi informada de que Lynn já havia tentado se matar antes e registrado um pedido para que não mais fosse ressuscitada. Gilderdale confessou ter auxiliado a filha a suicidar-se depois de ter tentado, sem sucesso, convencê-la a permanecer viva.

A decisão do Tribunal de Lewes, no condado de East Sussex, ganhou as páginas dos principais jornais ingleses porque, dias antes, a mesma justiça britânica condenou Frances Inglis à prisão perpétua por ter induzido a morte, com injeções de heroína, o filho que havia sofrido lesão cerebral e estava sob tratamento intensivo desde 2007, gerando o debate sobre mudanças nas leis que tratam de suicídio assistido, eutanásia e homicídio. Enquanto o juiz do caso Gilderdale declarou apoio à ré, o juiz Brian Barker, do caso de Inglis, disse que não há na lei nenhum conceito sobre assassinato misericordioso - isso continua sendo assassinato.

A eutanásia vem suscitando controvérsias nos meios jurídicos, lembrando, no entanto, que a nossa Constituição e o Direito Penal Brasileiro são bem claros: constitui assassínio comum. Nas hostes médicas, sob o ponto de vista da ética da medicina, a vida é considerada um dom sagrado e, portanto, é vedada, ao médico, a pretensão de ser juiz da vida ou da morte de alguém. A propósito, é importante deixar consignado que a Associação Mundial de Medicina, desde 1987, na Declaração de Madrid, considera a eutanásia como sendo um procedimento eticamente inadequado.

Sem entrar no mérito jurídico do homicídio, as manchetes nos induzem a comentar, doutrinariamente, sobre a eutanásia e o suicídio. A eutanásia, como sabemos, é uma prática que não tem o apoio da Doutrina Espírita. Kardec e os Mentores espirituais já se posicionaram sobre esse tema.

Nem sempre conhecemos as reflexões que o Espírito pode

fazer nas convulsões da dor física e os tormentos que lhe podem ser poupados graças a um relâmpago de arrependimento. Dessa forma, entendamos e respeitemos a dor, como instrutora das almas e, sem vacilações ou indagações descabidas, amparemos quantos lhe experimentam a presença constrangedora e educativa, lembrando sempre que a nós compete, tão somente, o dever de servir, porquanto a Justiça, em última instância, pertence a Deus, que distribui conosco o alívio e a aflição, a enfermidade, a vida e a morte, no momento oportuno.

Muitos infelizes creem que a solução para seus sofrimentos é o suicídio. Todavia, afirmamos que além de sofrer no mundo espiritual as dolorosas consequências de seu gesto equivocado de revolta diante das leis da vida, o autocida ainda renascerá com todas as sequelas físicas daí resultantes, e terá que enfrentar novamente a mesma situação dolorosa que a sua inexistente fé e distanciamento de Deus não lhe permitiram o êxito existencial.

Após a desencarnação, não há tribunal nem Juízes para condenar o Espírito, ainda que seja o mais culpado. Fica ele, simplesmente, diante da própria consciência, nu perante si mesmo e todos os demais, pois nada pode ser escondido na consciência espiritual, tendo o indivíduo de enfrentar suas próprias criações mentais.

O suicídio é a mais desastrada maneira de fugir das provas ou expiações pelas quais devemos passar. É uma porta falsa em que o indivíduo, julgando libertar-se de seus males, precipita-se em situação muito pior. Arrojado, violentamente, para o Além-túmulo, em plena vitalidade física, revive, intermitentemente, por muito tempo, os acicates de consciência e sensações dos derradeiros instantes, além de ficar submerso em regiões de penumbras, onde seus tormentos serão importantes para o sacrossanto aprendizado, flexibilizando-o e credenciando-o a respeitar a vida com mais empenho.

André Luiz cita nas suas obras que "os estados da mente são projetados sobre o corpo através dos bióforos, que são unidades de força psicossomáticas que se localizam nas mitocôndrias. A mente transmite seus estados felizes ou infelizes a todas as células do nosso organismo através dos bióforos. Ela funciona ora como um sol, irradiando calor e luz, equilibrando e harmonizando todas as células do nosso organismo, ora como tempestades, gerando raios e faíscas destruidoras que desequilibram o ser, principalmente em atingindo as células nervosas".(3)

O verdadeiro cristão porta-se, sempre, em favor da manutenção da vida e com respeito aos desígnios de Deus, buscando não só minorar os sofrimentos do próximo - sem eutanásias, claro! - mas também confiar na justiça e na bondade divina, até porque, nos Estatutos de Deus não há espaço para injustiças. Somos responsáveis pela situação em que o mundo se encontra.

Referências bibliográficas:

(1) Disponível em:
http://eptv.globo.com/noticias/NOT,3,10,375412,Homem+encomendou+a+propria+morte+por+ser+tetraplegico+Rio+Claro.aspx

(2) Lynn sofria desde os 14 anos de encefalomielite miálgica. A doença que afeta o sistema nervoso e lhe privou dos movimentos da cintura para baixo e da capacidade de engolir alimentos.

(3) Xavier, Francisco Cândido, Missionário da Luz, Ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed. FEB 2003